

SERÁ QUE É POSSÍVEL SE APAIXONAR  
POR ALGUÉM QUE VOCÊ NUNCA CONHECEU?

A  
GAROTA  
MAIS  
SOLITÁRIA  
DO  
UNIVERSO



LAUREN JAMES



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



LAUREN JAMES

A  
GAROTA  
MAIS  
SOLITÁRIA  
DO  
UNIVERSO

Tradução  
Santiago Nazarian



Rio de Janeiro, 2022



Copyright © 2017 by Lauren James  
Copyright de tradução © 2022 por Casa dos Livros Editora LTDA  
Título original: *The Loneliest Girl in the Universe*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*  
Gerente editorial: *Alice Mello*  
Editora: *Lara Berruezo*  
Assistência editorial: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*  
Copidesque: *Fernanda Castro*  
Revisão: *João Pedroso e Suelen Lopes*  
Ilustração de capa: *Amir Belhoula*  
Capa original: *David Curtis*  
Adaptação de capa: *Guilherme Peres*  
Diagramação: *Abreu's System*  
Produção do eBook: *Ranna Studio*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

James, Lauren

A garota mais solitária do universo / Lauren James ; tradução Santiago Nazarian. – Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2022.

Título original: *The loneliest girl in the universe*

ISBN 978-65-5511-339-6

1. Ficção inglesa I. Título.

22-107745

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.  
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.  
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005  
Tel.: (21) 3175-1030  
[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

# SUMÁRIO

Dedicatória

Epígrafe

Decolagem da primeira espaçonave interestelar tripulada

Dias desde que a Infinity deixou a Terra: 6817

Dias desde que a Infinity deixou a Terra: 6818

Dias até a Eternity chegar: 365

Dama em apuros

Dias até a Eternity chegar: 364

Dias até a Eternity chegar: 363

Dias até a Eternity chegar: 362

Dias até a Eternity chegar: 361

Dias até a Eternity chegar: 358

Dias até a Eternity chegar: 357

Dias até a Eternity chegar: 355

Dias até a Eternity chegar: 354

Eu te abraço

Dias até a Eternity chegar: 346

Dias até a Eternity chegar: 338

Dias até a Eternity chegar: 330

Dias até a Eternity chegar: 328

Dias até a Eternity chegar: 327

Dias até a Eternity chegar: 322

[Dias até a Eternity chegar: 319](#)

[Dias até a Eternity chegar: 314](#)

[Dias até a Eternity chegar: 293](#)

[Dias até a Eternity chegar: 292](#)

[Dias até a Eternity chegar: 274](#)

[Dias até a Eternity chegar: 273](#)

[Dias até a Eternity chegar: 266](#)

[Dias até a Eternity chegar: 261](#)

[Dias até a Eternity chegar: 259](#)

[Dias até a Eternity chegar: 254](#)

[Dias até a Eternity chegar: 253](#)

[Dias até a Eternity chegar: 249](#)

[Dias até a Eternity chegar: 247](#)

[Dias até a Eternity chegar: 246](#)

[Dias até a Eternity chegar: 245](#)

[Dias até a Eternity chegar: 233](#)

[Dias até a Eternity chegar: 221](#)

[Dias até a Eternity chegar: 203](#)

[Dias até a Eternity chegar: 172](#)

[Destinada](#)

[Dias até a Eternity chegar: 171](#)

[Dias até a Eternity chegar: 162](#)

[Dias até a Eternity chegar: 156](#)

[Dias até a Eternity chegar: 146](#)

[Dias até a Eternity chegar: 144](#)

[Dias até a Eternity chegar: 141](#)

[Dias até a Eternity chegar: 136](#)

[Dias até a Eternity chegar: 131](#)

[Dias até a Eternity chegar: 125](#)

[Dias até a Eternity chegar: 120](#)

[Dias até a Eternity chegar: 106](#)

[Dias até a Eternity chegar: 104](#)

[Dias até a Eternity chegar: 103](#)

[Dias até a Eternity chegar: 100](#)

[Dias até a Eternity chegar: 99](#)

[Dias até a Eternity chegar: 90](#)

[Dias até a Eternity chegar: 82](#)

[Dias até a Eternity chegar: 81](#)

[Dias até a Eternity me alcançar: 80](#)

[Dias até a Eternity me alcançar: 79](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 1](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 5](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 9](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 13](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 17](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 19](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 23](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 38](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 39](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 40](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 41](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 63](#)

[Horas desde que a Eternity me alcançou: 135](#)

[Felizes para sempre](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

*Para todas as meninas que nunca se sentiram corajosas o suficiente para serem heroínas em uma história de aventura.*

*A vida é bem mais empolgante agora. Veja só, tenho algo mais para esperar, ansiar, observar.*

Charlotte Perkins Gilman, *O papel de parede amarelo*

# DECOLAGEM DA PRIMEIRA ESPAÇONAVE INTERESTELAR TRIPULADA

26/06/2048 | Cabo Canaveral, Flórida, EUA

No início da manhã de ontem, a NASA lançou com sucesso a primeira espaçonave tripulada destinada a viajar para outro sistema estelar.

A espaçonave, chamada *Infinity*, foi projetada para chegar ao sistema estelar Alpha Centauri em menos de cinquenta anos, onde entrará na órbita do Planeta HT 3485 c. Esse exoplaneta tem 99,999 por cento de chance de ser habitável, tornando-o o planeta mais bem pontuado a existir fora de nosso sistema solar.

A *Infinity* é resultado de um investimento de bilhões de dólares em tecnologia de velas solares. Viagens espaciais que utilizam esse método de propulsão permitem que uma nave acelere até a marca anteriormente impossível de nove por cento da velocidade da luz.

Cálculos atualizados preveem que a *Infinity* chegará ao Planeta HT 3485 c no começo de 2092. Ao entrar na órbita do planeta, a *Infinity* iniciará dezoito meses de análises para determinar se a superfície do planeta é capaz de sustentar a vida humana em segurança.

Se o Planeta HT 3485 c for considerado inadequado, a *Infinity* continuará rumo ao próximo sistema estelar com previsões superiores a 99,99 por cento de chance de habitabilidade.

A missão principal da *Infinity* foi declarada pela NASA como uma “garantia de sobrevivência a longo prazo para a raça humana, fundando comunidades extraterrestres fora do planeta Terra”.

A tripulação da *Infinity* foi escolhida através de um processo exaustivo com duração de uma década, que analisou cada aspecto do histórico pessoal e

genético de seus integrantes. Tal processo avaliativo foi seguido por cinco anos de treinamento intenso na NASA.

A *Infinity* vai deixar oficialmente nosso sistema solar às 22h54 EST de amanhã.

- Confira atualizações minuto a minuto sobre o lançamento.
- Clique [aqui](#) para saber mais sobre a tripulação da nave ou para acompanhar a jornada através das redes sociais oficiais da *Infinity*.
- Não esqueça de se registrar a fim de votar no referendo global para nomear o Planeta HT 3485 c.

Leia sobre o novο serviço comercial de estase, que promete ajudar civis a viver o suficiente para presenciar a *Infinity* aterrissando no Planeta HT 3485 c.

# DIAS DESDE QUE A *INFINITY* DEIXOU A TERRA:

6817

Estou lendo *fanfics* de pijama quando escuto um som digno de pesadelos: o alarme de emergência. Tirando uma máscara de oxigênio do painel de parede mais próximo, avanço até a cabine de comando com o coração na boca. Há uma mensagem piscando em vermelho na tela, que diz:

**COLISÃO IMINENTE COM ASTEROIDE**  
FALHA NO AJUSTE AUTOMÁTICO DE TRAJETÓRIA  
ASSUMIR CONTROLE MANUAL

Sou abruptamente tomada por um pavor completo. O sistema de navegação caiu. Preciso assumir o controle manual, ou então vamos colidir com um asteroide nos próximos minutos.

Pelo que deve ser a milionésima vez, desejo que meu pai estivesse aqui para me ajudar. Tento ficar calma, respirando lenta e pausadamente enquanto digo para mim mesma que sou corajosa e forte o bastante para fazer isso — e, mesmo se não for verdade, não tenho outra escolha a não ser seguir em frente.

Não há tempo para pânico; não há tempo para fazer nada além de *ir*. Minha atenção ganha foco. Isso é algo que já pratiquei: venho simulando usar a propulsão de força para ajuste fino do curso da nave desde que aprendi a somar dois mais dois. Meu pai me treinou para operar o programa de emergência caso houvesse algum problema que ele mesmo não pudesse contornar. Meu pai brincava que, se acontecesse uma emergência antes das sete da manhã, ela era minha responsabilidade, porque ele não iria se levantar da cama.

Faço exatamente como pratiquei nas simulações e uso o manche para alinhar os propulsores com a métrica de propulsão na tela do computador.

A *Infinity* está viajando rápido demais para desacelerar muito, mas um ajuste fino na direção já bastaria para garantir que o asteroide passe por nós, mesmo que seja só por um palmo de distância. Verifico e confirmo o ângulo de trajetória calculado pelo computador e depois inicio o ajuste.

Observo a tela, esperando. Fora da nave, um combustível precioso está sendo usado para lançar nanopartículas no espaço. A força da explosão no vácuo vai rotacionar a nave e mudar a trajetória — ou, pelo menos, deveria fazer isso. Não faço ideia se está funcionando. Se por algum motivo os propulsores não funcionarem ou responderem devagar demais, podemos bater direto no asteroide.

Só preciso esperar e torcer para que a nave se mova a tempo.

Eu espero.

Finalmente, quando já estou me preparando faz tempo para más notícias ou uma explosão horrenda, o alarme desliga e a tela fica vazia.

## COLISÃO EVITADA

Suspiro de alívio. Quando o asteroide se aproximar da *Infinity*, nosso curso já terá sido ajustado o suficiente para que passemos por ele. Corro até a janela mais próxima, saltando de um pé para o outro. Ele está chegando perto — *incrivelmente* perto. Por um segundo, desconfio que o computador possa ter calculado errado os ângulos. Parece que o asteroide está vindo direto para a *Infinity*. Vai bater de frente na casca frágil da minha nave, destruindo tudo em seu caminho. Vai me destruir. Vai...

Cada músculo do meu corpo se tenciona em pânico, um nó apertado se espalhando do pescoço para a espinha enquanto me preparo para o impacto. Assisto de olhos esbugalhados quando o asteroide ultrapassa a antepara em uma trajetória silenciosa.

Não há explosão, nenhuma batida no metal indicando que a nave está se desintegrando debaixo da rocha. Em vez disso, há um silêncio maravilhoso conforme a lateral do asteroide preenche a janelinha durante dois segundos. Há tempo suficiente para eu observar as crateras na rocha marrom, marcas deixadas por milhões de anos de impacto. Prendo a respiração sem perceber.

E então o asteroide vai embora, desaparecendo no rastro da nave, mergulhando outra vez no espaço profundo.

Jogo a cabeça para trás e caminho em círculos, tomada de alegria. Eu consegui. Consegui controlar minha preocupação o suficiente para realizar o trabalho. Eu sabia o que precisava fazer e fiz!

Somente quando o asteroide se transforma em um pontinho na escuridão, oculto entre as estrelas brilhantes, é que percebo o início de uma dor de cabeça furiosa.

Quando a dor de cabeça passa, já é meio-dia e estou morta de fome. Eu me sento na cabine usando meu roupão e como frango *korma* reidratado meio morno, lendo os manuais da nave. Passar pelo asteroide por um triz atizou minha ansiedade. Eu me preocupo sem parar com as coisas dando errado. Em certos dias, só consigo pensar nisso. Fico deitada imóvel em minha cama, tomada pela responsabilidade que pesa em meus ombros. Não posso comandar esta nave, não sem meu pai. Não sozinha.

Preciso me preparar para a próxima crise. Tenho que conhecer a nave pelo avesso, das caldeiras aos propulsores, passando pelas telecomunicações e pelo mapeamento de voo. Minha lição de casa pode esperar — Literatura Inglesa não vai ser nada útil da próxima vez que houver uma emergência.

Quando chego à página 97 das 14.875 do manual, começo a perder o foco.

Enquanto raspo os últimos grãos de arroz do almoço no coletor de lixo orgânico, lembro que ainda não verifiquei minhas mensagens.

Não acredito que esqueci. Ler as atualizações de dados da Terra costuma ser a primeira coisa que faço. Ter notícias da Terra é sempre a melhor parte do meu dia — frequentemente, é a única parte do meu dia.

Vejo a caixa de mensagens, passando pelos arquivos de notícias até chegar na mensagem de Molly.

**De:** NASA Terra

**Para:** Infinity

**Enviada:** 20/06/2065

**Recebida:** 23/02/2067

**Anexos:** UC-podcast.zip [8 MB]; planilhas.txt [20 KB]

**Transcrição de áudio:** Oi, Romy! Espero que você esteja bem, querida. Já terminou toda a lição? Na última mensagem, você dizia que estava tendo dificuldades com Matemática. Espero que já tenha resolvido. Quando eu estava na escola, também achava Matemática muito difícil! Mas no fim dá tudo certo.

Estou enviando algumas planilhas caso você já tenha completado aquelas que estão aí. Quando você ler esta mensagem, acho que já vai estar trabalhando em mecânica de

propulsão tridimensional, então é nisso que focam os exercícios em anexo.

Avise se houver alguma coisa que você quer que a gente mande. Também enviei um novo episódio do podcast que você gosta — é divertido. Aproveite!

Falo com você amanhã.

Molly é minha terapeuta e meu pilar de apoio para várias situações. Ela foi contratada pela NASA depois que meus pais morreram, para me ajudar a lidar com a morte deles — e com minha promoção inesperada ao comando da *Infinity*.

Ela fala comigo todos os dias, sem falta, certificando-se de que eu não fique solitária demais. Sua primeira mensagem tinha duas horas. Acho que escutei esse áudio umas cem vezes — talvez mais. Foi minha trilha sonora constante durante meses.

Estou sozinha nesta espaçonave desde que meus pais morreram. A última vez que abracei alguém, senti o cheiro de xampu alheio ou conversei cara a cara com outra pessoa foi em 25 de fevereiro de 2062. Cinco anos atrás. Neste momento, estou oficialmente mais distante de outro ser humano do que qualquer um já esteve desde a evolução das espécies.

Tenho certeza de que esqueci como são as outras pessoas. Quando sonho, sonho em telas. Uma linha de texto, uma voz na minha orelha. Nada real.

As coisas que as pessoas consideram normais, como ver o céu, andar pisando na terra, sentir o vento na pele — bem, eu nunca passei por nada disso. Nasci na *Infinity*. Só conheci suas paredes brancas e limpas, sua atmosfera estéril com gravidade artificial, seus cômodos baixos e cinzentos, curvados nas bordas para acompanhar o casco da nave.

Percorro o mesmo espaço apertado várias vezes, e nada muda, nada é diferente.

Sei que pareço ingrata. De toda a humanidade, serei a primeira pessoa a viajar para um novo sistema estelar. Eu devia me sentir honrada. Mas não me sinto. Não escolhi esta vida. Se eu pudesse, voltaria para a Terra sem pensar duas vezes.

Só porque meus pais eram inteligentes e multitalentosos o suficiente para comandar a *Infinity*, não significa que eu seja especial. Não sou como eles.

Eu devia ter orgulho por meus pais terem sido escolhidos para a missão. Devia ter orgulho de ser a primeira humana a aterrissar em um planeta e

criar uma nova civilização. De poder construir um novo lar para a humanidade entre as estrelas.

Mas, em certos dias, é difícil lembrar das partes empolgantes. Fico presa nas lembranças. É difícil focar no futuro quando o passado me distrai tanto.

# DIAS DESDE QUE A *INFINITY* DEIXOU A TERRA:

6818

Na manhã seguinte, o computador emite um alerta:

## LEMBRETE DE SAÚDE

NAS PRÓXIMAS 24 HORAS, POR FAVOR, COMPLETE:

40 MINUTOS DE EXERCÍCIOS AERÓBICOS

10 REPETIÇÕES DE EXERCÍCIO COM PESOS DE 8KG

É dia de exercícios.

Eu me exercito em dias alternados e, ainda que não seja a pior coisa do mundo, acho que é... *um tédio*. Principalmente por causa da corrida infinita.

Não tem nada para olhar. Apenas circulo pelo corredor ao redor de toda a circunferência da nave até poder parar. Pelo menos, enquanto levanto peso, posso assistir ao meu programa de TV favorito: *Loch & Ness*.

Alongo as panturrilhas para não ter câimbras e então começo a trotar pelo corredor. Eu poderia fazer isso com os olhos fechados.

A nave parece uma roda-gigante, girando enquanto voa pelo espaço. A força centrífuga cria uma sensação de gravidade aqui dentro. A cabine de comando e os alojamentos ficam ao longo da borda externa, no ponto onde você encontraria o pneu de uma roda. Os depósitos estão localizados no centro da nave.

O único sinal da rotação da *Infinity* pela parte de dentro está nas janelas. Quando você olha através delas, as estrelas fazem uma espiral ao redor de si mesmas, sem parar. Olhar para as estrelas me deixa tonta, especialmente quando estou correndo.

Passo correndo pela cozinha e pelo banheiro e pelo quarto e pela sala e pela cabine de comando e por infinitas outras salas até finalmente ter voltado para a cozinha. E então corro tudo de novo.

Nos dias bons, amo minha nave e tudo o que ela representa. Fico empolgada com a ideia de contemplar a Terra II. Haverá tantas coisas lá que nunca foram vistas por olhos humanos. Vou poder estudar o planeta usando um equipamento novinho, de custo incalculável, que só está esperando para ser desembulhado. Vou descobrir coisas que podem mudar o destino da humanidade para sempre.

A *Infinity* é a maior e mais cara missão científica da história. E eu serei a primeira pessoa a colher os resultados. Tenho muita sorte.

Nos dias ruins, fico me preocupando com minhas responsabilidades até meu estômago embrulhar e minha cabeça quase explodir.

Nos dias realmente ruins, percebo a realidade da minha situação e não penso em nada além do quão realmente sozinha e vulnerável eu estou aqui. Em dias assim, tremo de medo até meus dentes começarem a bater.

Estou equilibrada no limite do esquecimento, com apenas uma pele frágil de metal me separando do vazio do espaço. Minha única opção é continuar seguindo pelo nada até o dia em que a *Infinity* chegar a um novo sistema estelar e escorregar para uma órbita ao redor de um planeta rochoso. Se o planeta se mostrar hostil — se houver uma radiação abrasiva de seus dois sois ou se a atmosfera for pesada a ponto de deixar meus pulmões escuros feito carvão — então estarei perdida.

Eu teria que tomar a decisão de continuar para o próximo planeta habitável. Não haveria nada a fazer além de esperar e torcer para que a nave chegasse a um porto seguro antes que as crianças que eu trouxe morressem de fome em uma nave centenária. Caso eu nunca encontre um planeta habitável, vamos ficar presos nessa nave até o metal ficar velho o suficiente para enfraquecer e se partir. O oxigênio seria sugado para fora de nosso frágil lar, e, quando isso finalmente acontecesse, talvez fosse um alívio: o fim de uma existência sem sentido, esperando pela morte desde o dia em que nascemos.

Quem achou que seria uma boa ideia condenar os próprios filhos a esse tipo de não vida? Uma existência inteira sem nunca contemplar o horizonte ou pisar em terra firme. Quem iria querer isso?

Esta jornada toda é uma missão baseada na fé. Estamos todos torcendo para que a *Infinity* finalmente consiga chegar a algum lugar seguro, mesmo que não seja durante a minha vida ou durante a vida de meus descendentes. E para quê? Para satisfazer o grande ímpeto humano por exploração?

Minha vida é uma ficha de aposta jogada de forma descuidada através do universo, com uma chance em um milhão de que eu aterrisse em algum lugar lucrativo.

Quando as instalações na Terra II forem de fato habitáveis, todos na Terra já vão ter esquecido que nós chegamos a existir um dia.

Minha vida inteira representa o ápice de séculos de conquista humana e exploração. Mas quem liga se meu nome vai entrar para a história, se ninguém sequer lembra quem eu realmente sou?

Após quarenta minutos circulando pela nave, paro no banheiro para tomar uma ducha e verificar minha caixa de mensagens. Estava torcendo para que Molly me enviasse o romance mais recente de um de meus autores favoritos. Talvez hoje seja o dia.

Molly me enviou um livro na semana passada, de outro autor que gosto, mas a história se passa no espaço, então não curti muito.

Eu costumava ler montes de ficção científica, buscando personagens parecidos comigo, mas é tudo tão *errado* que fico apenas me sentindo mais sozinha. Agora leio muitos livros de romance. Gosto mais daqueles simples, passados na Terra. Histórias que tratam de encontros em cafés e caminhadas no campo.

Minhas histórias também sempre se passam na Terra. Museus e tempestades são tão mais empolgantes do que foguetes e supernovas...

Quando ponho a mensagem de Molly para tocar, ela parece empolgada de um jeito que nunca ouvi antes. Algo aconteceu na Terra. Algo grande.

**De:** NASA Terra

**Enviada:** 21/06/2065

**Para:** Infinity

**Recebida:** 25/02/2067

**Transcrição de áudio:** Romy, tenho ótimas notícias hoje. Não queríamos dizer nada até estar tudo confirmado, para o caso de algo dar errado e você criar expectativas à toa, mas... recebi permissão da equipe aqui na NASA para contar que uma nova espaçonave acabou de ser lançada da Terra!

Desde o trágico acidente a bordo da *Infinity*, a NASA andou construindo uma segunda espaçonave interestelar para seguir a *Infinity* até o novo assentamento da humanidade na Terra II. Se tivéssemos conseguido construir e lançar essa segunda nave antes, teríamos feito isso. É um grande pesar para todos os envolvidos que você tenha permanecido sozinha por tanto tempo.

Como a tecnologia de propulsão se desenvolveu significativamente desde que sua nave deixou a Terra, dezenove anos atrás, a *Eternity* pode viajar a velocidades bem maiores. A *Eternity* decolou com sucesso há três dias e, depois de uma correção de

gravidade ao redor de Júpiter, está agora viajando a mais de 0,72 anos-luz, o que é oito vezes mais rápido do que a *Infinity*.

Romy, quando receber esta mensagem, a *Eternity* deve estar a apenas um ano de distância de você. Quando ela alcançar a sua localização, as duas naves vão se combinar e continuar juntas à velocidade aumentada de 0,72 anos-luz. Você chegará à Terra II em 15/07/71, em vez da estimativa original de 02/04/92 — uma diferença de mais de vinte anos.

Para ser clara, a *Eternity* é um apoio à *Infinity*. Não quero que você sinta como se estivesse sendo substituída. A espaçonave contém um banco de genes significativo de muitas espécies, estoques básicos para impressão 3-D e um grande suprimento de alimentos para uso no planeta enquanto a agricultura permanecer em desenvolvimento. Porém, sua missão ainda é primordial, e sempre será.

Sei que essa é uma enorme mudança, e pode levar algum tempo para você se acostumar com a notícia. Espero que acabe se animando com a *Eternity*, assim como nós. Aproveite o dia hoje para processar a ideia, e, amanhã, mandarei para você alguns exercícios que vão ajudá-la a processar os sentimentos mais a fundo. Quero me certificar de que você não deixe isso afetar o progresso emocional que anda fazendo nos últimos meses.

Quê? *Quê?*

Uma nova o *quê?*

Uma segunda nave está vindo. E depressa. Eu não... eu não vou mais ficar sozinha? Vou ter alguém?

Há outra nave vindo. Daqui a um ano. Só preciso esperar doze meses.

Caio na risada, apoiando as costas no assento e sorrindo para o teto. Não vou mais ficar sozinha.

E as naves vão chegar à Terra II bem mais rápido! Recuperarei anos da minha vida — tempo que achei estar perdido. Só vou ter... Conto nos dedos: vinte. Vou ter quase vinte e um anos quando chegarmos à Terra II. Eu deveria estar nos *quarenta!*

Não consigo acreditar. Até verifico para me certificar de que estou acordada, porque tenho certeza de que já tive esse sonho antes. Outra nave. É a melhor notícia que eu poderia receber. Quem será que eles vão mandar? Quem vai vir? Olho pela janela da cabine, forçando a vista contra a escuridão infinita, pressionando as unhas na palma da mão com tanta força que até dói. Não consigo enxergar nada além das estrelinhas minúsculas e prateadas.

Quanto tempo até eu conseguir ver a *Eternity*?

Quanto tempo até ela conseguir me ver?

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

365

No dia seguinte, quando escuto a mensagem de Molly, eu me preparo para ouvir que a *Eternity* explodiu ou que era uma piada e não há nenhuma outra nave, que era tudo algum tipo de teste para ver como eu responderia mentalmente.

Quase não consigo acreditar. Outra nave. Depois de todo esse tempo!

**De:** NASA Terra

**Para:** Infinity

**Enviada:** 22/06/2065

**Recebida:** 26/02/2067

**Anexos:** Estudo-Preliminar-Missao-Eternity.pdf [1.3 GB]

**Transcrição de áudio:** Oi, Romy. Espero que você esteja feliz de saber sobre a *Eternity*, querida. Os cientistas aqui na NASA trabalharam incansavelmente para garantir que a missão fosse bem-sucedida e para lançar a nave o mais rápido possível.

Acho que descobrir que você não está tão isolada vai ajudá-la a administrar sua ansiedade. Sei que é muita coisa para absorver agora, por isso eu gostaria que escrevesse uma lista com as emoções que a notícia fez você sentir. Tudo pelo que você está passando é completamente válido: raiva, alegria, medo — é tudo normal e razoável. Se quiser, mande de volta uma mensagem dizendo como você se sente.

Anexei um documento completo com detalhes da missão e sua linha do tempo, então, quando você estiver pronta, poderá ler sobre tudo isso.

Não consigo parar de sorrir por tempo o bastante para comer meu café da manhã — um pacote de uma gosma bege que supostamente lembra mingau.

Será que vão mandar outro casal como meus pais? Ou decidiram mandar alguém sozinho, já que foi um desastre da última vez? Provavelmente não podem arriscar outra grávida a bordo. Uma pessoa só é mais seguro.

Eu me deixo levar, imaginando que estão mandando um rapaz bonito, mas isso parece muito fantasioso. Quem quer que seja, pelo menos não vou mais ficar sozinha. Não vou ficar sozinha *nunca mais!*

Vou ter que dividir o espaço com outra pessoa. Vai ser estranho. E se eu odiar?

Minha mente parece acelerada, com pensamentos saltando até eu mal conseguir focar em nada além da nova nave.

Como distração, tento escrever uma *fanfic*.

Sei que Molly prefere que eu anote meus sentimentos negativos em um diário em vez de escrever ficção, mas isso seria real demais. Prefiro escapar no mundo de *Loch & Ness*, onde há Jayden Ness — minha pessoa favorita, mesmo que ele seja apenas fictício. Prefiro escrever sobre aventuras e romance do que sobre mim. Além do mais, há beijos na ficção. *Muitos beijos*, em qualquer universo alternativo.

Sempre mando minhas *fanfics* para a Terra, mas acho que ninguém lê além de Molly. Quando a *Infinity* era novidade, antes de eu nascer, havia muita empolgação e curiosidade sobre o lançamento de uma missão de longa duração. Meu pai costumava dizer que ele e minha mãe eram tratados como celebridades. Mas agora todo mundo já se esqueceu da nave — especialmente quando sou a única pessoa que resta.

# DAMA EM APUROS

*por GarotaSolitaria*

**Fandom:** *Loch & Ness* (2042)

**Relacionamento:** Lyra Loch/Jayden Ness

**Tags:** UA moderno

**Resumo:** Jayden é o cavaleiro de armadura brilhante de Lyra.

*Nota da autora: Passei meio que por uma catástrofe recentemente. Um asteroide quase acertou a nave, mas consegui escapar no último segundo. Foi... estressante. Enfim, aqui está o que poderia ter acontecido em vez de apenas eu toda estabanada tentando resolver o problema sozinha. Onde está meu belo salvador, por favor?*

Lyra digitava uma mensagem quando percebeu a gritaria. Levantou o olhar e viu um carro cantando pneu pela rua, deslizando no asfalto molhado. Estava indo direto em sua direção.

Ela congelou no lugar, sabendo que deveria saltar para longe, mas incapaz de fazer os músculos reagirem. O carro estava se aproximando.

De repente, um par de braços fortes a envolveu, empurrando-a para o lado, e ela caiu bem no instante em que o carro passou, acertando o muro de um jardim.

Lyra verificou o próprio corpo, percebeu que não estava ferida e soltou um suspiro de alívio, tomada de adrenalina. Depois espiou seu salvador caído sobre ela. Era seu vizinho, aquele gostosão do andar de cima. Tinha olhos castanhos, que apresentavam um brilho dourado na luz do começo da manhã. Havia uma estranheza em seu sorriso, como se ele tentasse esconder o próprio divertimento.

— Você está bem — disse ele baixinho, um murmúrio calmante em seu ouvido. — Relaxa.

Lyra desabou sob o peito (bem definido) dele.

— Valeu — agradeceu ela, a voz falhando de um jeito vergonhoso. — Meu nome é Lyra.

— Jayden. Prazer em conhecê-la — continuou ele. — Só queria que tivéssemos nos encontrado em circunstâncias menos excepcionais.

Ela nunca havia se sentido tão aliviada. A tensão em seu corpo, acumulada desde que Lyra se vira em perigo, dissolveu-se de repente.

Com Jayden, ela estava segura.

Fim.

Minha caixa de mensagens não contém nenhum e-mail hoje. Em vez disso, há um arquivo MP4. Um vídeo.

Encaro a tela, confusa demais para abri-lo. Não consigo imaginar um motivo pelo qual Molly me mandaria uma mensagem de vídeo em vez de um áudio. A NASA sempre disse que é caro demais enviar tantos dados.

As transmissões que vêm e vão para a Terra são enviadas via laser em código binário. Uma antena na Terra transmite os raios de laser para a *Infinity*, um decodificador de luz pega o sinal e converte de volta em letras, imagens ou sons. O *uplink* da Terra leva muito tempo, e, aparentemente, arquivos de vídeo não são viáveis. Demora horas até que as antenas transmitam um vídeo, comparado com minutos para mensagens de áudio e texto. Então o que mudou?

Sinto uma comichão nervosa na barriga com a ideia de ver o rosto de Molly. Vai ser a primeira vez que vejo um ser humano de verdade em anos. Continuo encarando o arquivo enquanto tomo café da manhã, penteio os cabelos e me visto.

Digo a mim mesma que não tenho motivos para ficar nervosa. O vídeo é algo novo e empolgante. Não é assustador. Mas isso não afasta a preocupação nos recantos do meu cérebro.

Finalmente, eu me sento, respiro fundo e aperto o *play*. No início, a tela está escura. Depois, devagar, vai ficando cinza, e por último, branca. Letras em preto, que já vi mais vezes do que consigo contar, aparecem.

### Loch & Ness

Quando o tema familiar de abertura toca ao fundo, verifico para ver se não abri um arquivo qualquer do meu HD no lugar da mensagem. Mas está

certo.

A NASA me enviou um episódio de *Loch & Ness*? Por que mandariam um episódio de uma série de TV — especialmente de uma que eles já sabem que eu tenho?

Levo um tempo absurdo para perceber por que a primeira cena não me é familiar: é um episódio novo.

De repente, estou sorrindo. Eles me enviaram um novo episódio de *Loch & Ness*! *Um episódio novo!* Molly deve ter finalmente encontrado uma desculpa para me mandar, como pedi anos atrás.

Quando eu tinha dez anos, pedi ao papai para enviar à NASA uma mensagem solicitando mais episódios de *Loch & Ness*, porque eu tinha acabado de terminar a sétima temporada, que encerra com um suspense enorme. Os personagens: dois detetives sobrenaturais chamados Lyra Loch e Jayden Ness tinham acabado de se beijar pela primeira vez. Mas a *Infinity* partira antes de a oitava temporada estrear, então ela não estava disponível no HD da nave.

Na resposta, a NASA tinha dito que não seria possível me mandar nenhum episódio novo porque arquivos de vídeo eram grandes demais para transmitir pelo espaço profundo interestelar. Em vez disso, eles haviam me enviado um arquivo cheio de *fanfics* de *Loch & Ness*. Foi o melhor presente que já recebi, especialmente porque chegou logo depois que os meus pais morreram. Li o arquivo inteiro, e daí comecei a escrever minhas próprias histórias.

Assisto ao novo episódio sem tirar os olhos da tela por nem mesmo um segundo. Jayden Ness, metade selkie com olhos de cachorrinho abandonado e pernas compridas, e Lyra Loch, a sensata *banshee* feminista, estão tentando localizar uma fada que vende poções do amor ilegais.

A nova temporada devia ter sido filmada alguns anos depois daquelas que eu já tinha, porque Jayden parece um pouco mais velho — seus músculos estão mais inchados, e há algumas linhas de expressão ao redor de sua boca. Ele está bonito.

Tiro *prints* de algumas cenas e coloco uma foto de Jayden como papel de parede do computador. Repriso os melhores momentos dele, escutando seus diálogos divertidos no *repeat* até ter decorado as frases de efeito mais inteligentes.

Quando os créditos sobem, estou tonta de alegria e empolgação. Já pensei em três histórias novas só usando esse episódio como base.

Estou prestes a assistir mais uma vez quando reparo na origem da mensagem. Fico ereta na cadeira e leio duas vezes para me certificar. O vídeo não veio da Terra.

Veio da *Eternity*.

A nave nova está conversando comigo. Ela me mandou um episódio do meu programa de TV favorito. Por quê? Por que iriam se importar de usar seus transmissores para isso? Deve ter levado horas para transmitir. E por que não me mandaram uma mensagem de fato, até para dar um oi?

Não entendo. Minha gratidão se torna uma mistura de confusão e nervosismo. Alguém naquela nave sabe que gosto de *Loch & Ness*. Agora estou mais curiosa ainda para descobrir quem é.

Eu deveria responder. Abro uma mensagem endereçada para alguém que não está na Terra pela primeira vez na vida. Olho o cursor que pisca, tentando decidir o que dizer. Nem me ocorreu que eu pudesse ser capaz de conversar com a tripulação da outra nave.

**Obrigada.**

Deleto a palavra depressa e me sinto uma idiota. Isso não devia ser difícil, mas, por algum motivo, fico tímida. E se eu disser alguma coisa errada e causar uma primeira impressão péssima? Eu deveria ser formal e educada ou divertida e descontraída? Seria tão mais fácil se eles tivessem me mandado uma mensagem primeiro... Daí eu poderia apenas copiar o tom deles em vez de precisar descobrir o que dizer.

**De:** Infinity  
**Enviada:** 26/02/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 08/06/2067

Cara tripulação da *Eternity*,

Recebi hoje sua mensagem. *Loch & Ness* é meu programa favorito — obrigada mesmo.

Parabéns pelo sucesso da viagem até aqui. Espero que sua jornada esteja seguindo em segurança até o momento.

Esta mensagem vai levar quase quatro meses para chegar a vocês, mas fico feliz de que possamos nos comunicar, mesmo com a diferença de tempo.

É bom saber que não estou sozinha.

Comandante Romy Silvers

Releio a mensagem três vezes, finalmente decidindo que, ainda que eu pareça esquisita, não pareço tão idiota quanto poderia, então vai ser essa mesmo.

Envio o e-mail e digo com firmeza a mim mesma para não pensar de novo no assunto. De acordo com os cálculos do computador, a previsão é que a mensagem chegue na outra nave em junho, já que eles ainda estão mais próximos da Terra do que eu. Vai levar ainda mais tempo para eu receber uma resposta. Então deveria tentar relaxar, pelo menos por enquanto.

Eu costumava conseguir ter conversas razoáveis com as pessoas da Terra. A nave está se afastando do sistema solar a apenas um décimo da velocidade da luz durante minha vida inteira, então, mesmo que a luz seja a coisa mais rápida do universo, as mensagens atualmente levam mais de um ano para viajar a distância entre mim e a Terra — e o *delay* aumenta a cada dia.

Agora, é quase impossível ter uma conversa de fato com qualquer um no planeta. Quando Molly finalmente recebe minhas mensagens, mesmo que ela responda imediatamente, ainda demora outro ano para que a resposta chegue (além da distância a mais que viajei desde o envio da mensagem).

Quando eu era pequena, mensagens só levavam alguns meses para ir da *Infinity* até a Terra. Eu ficava impaciente mesmo assim. Pelo menos, quando criança, eu tinha meu pai para conversar.

Ele costumava me mandar cartas às vezes, quando eu ficava muito irritada em esperar pelas respostas da Terra. Cartas de papel mesmo (ou um pedaço velho de papelão prensado, que era o mais próximo que tínhamos), que ele me entregava no café da manhã em um envelope adornado com um selo desenhado à mão. Era sempre algo bobo, como um convite formal brincar de esconde-esconde depois do almoço, cheio de arabescos e uma caligrafia chique.

Minhas respostas nunca ficavam tão bonitas, por mais que eu me esforçasse.

Sinto saudades do meu pai.

Tento não pensar na minha mãe.

Uma hora depois que enviei a mensagem, um e-mail chega, vindo da *Eternity*. Por um segundo, penso que é uma resposta, até perceber que seria impossível. Mas eles devem ter mandado logo depois do episódio para estar chegando agora...

**De:** Eternity  
**Enviada:** 26/06/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 26/02/2067

Cara comandante Silvers,  
Fico feliz em abrir uma linha de comunicação oficial entre a *Infinity* e a *Eternity*, uma vez que, em termos relativos, nós agora somos vizinhos. Como não há um protocolo estabelecido para comunicação entre duas espaçonaves tripuladas fora do sistema solar, achei que um episódio de *Loch & Ness* seria uma boa estratégia de abertura.

Espero receber sua resposta em dois anos, que é o tempo previsto de acordo com o computador da *Eternity*.

Desejo a você uma jornada segura.

Atenciosamente,

Comandante J Shoreditch (o cara da outra nave!)

É um e-mail adorável. Um pouco sem jeito e formal, mas o que eu mandei para ele também foi. Fico meio tonta de emoção por falar com alguém novo.

Estou relendo a mensagem e tentando decidir o que responder quando me lembro que já enviei um e-mail agradecendo o episódio de *Loch & Ness*, endereçado “para a tripulação da *Eternity*”. Não quero que o comandante Shoreditch ache que estou ignorando sua mensagem ou que sou grossa demais para falar diretamente com ele.

Acesso depressa o transmissor, tentando cancelar o envio — mas é tarde demais. A mensagem já está viajando pelo espaço profundo. Preciso mandar outro e-mail explicando a situação o mais rápido possível.

**De:** Infinity  
**Enviada:** 26/02/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 08/06/2067

Caro comandante Shoreditch,  
Peço desculpas por minha última mensagem — ainda não havia recebido seu e-mail quando a enviei. É muito bom conhecer você virtualmente.

É estranho pensar que, quando essa mensagem chegar na sua nave, você estará a poucos meses de viagem da minha. Espero que as duas naves possam se unir e trabalhar juntas para fazer da nossa jornada o mais tranquila possível.

Espero ter mais notícias suas no futuro.

Comandante Romy Silvers

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

363

Hoje, Molly me enviou um e-mail em vez das costumeiras mensagens de voz, o que me deixa surpresa.

**De:** NASA Terra  
**Enviada:** 23/06/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 27/02/2067

Olá, Romy,

Temos uma notícia meio chata. Recentemente, a NASA tem tido dificuldades de obter acesso suficiente às antenas da Rede do Espaço Profundo a fim de enviar transmissões longas para você. Infelizmente, a *Infinity* foi considerada uma missão de baixa prioridade pelo comitê internacional. Isso significa que não é mais considerada digna dos gastos para usar a REP em transmissões de dados pesados, como arquivos de áudio.

De agora em diante, será possível apenas comunicação via e-mail, exceto em circunstâncias inevitáveis — o que significa que não vou mais poder mandar mensagens de voz. Infelizmente, também não poderemos mais mandar músicas ou podcasts.

O conselho acha que essa será uma questão de curto prazo, e é provável que possamos voltar com nossa transmissão original no futuro, quando a atmosfera política mudar.

Sinto muito.  
Molly

Sem áudio. A felicidade silenciosa que eu vinha sentindo desde que descobri sobre a *Eternity* se esvai.

Nunca imaginei que isso fosse possível. É um cenário com o qual nunca me preocupei — e eu me preocupo com quase tudo, sendo realista ou não. Quanto mais longe a *Infinity* estiver da Terra, mais tempo a mensagem leva para chegar. Sei disso. Aceitei isso. Mas não receber nem mensagens de áudio? É tudo o que eu tenho.

Por que minha missão seria considerada como baixa prioridade de uma hora para a outra? Será que decidiram que, como a *Eternity* foi lançada, não vale mais a pena gastar dinheiro comigo?

Talvez pensem que preciso de muitos cuidados. Não vale a pena gastar comigo agora que o comandante Shoreditch está por perto — sábio,

competente e treinado pela NASA. Sei que sou a pior pessoa possível para ficar responsável por uma espaçonave interestelar. Mesmo que a NASA nunca me diga isso, é a verdade. Nunca me escolheriam para comandar essa missão. Eles só passaram esse tempo todo cuidando de mim porque não havia escolha.

A NASA sempre me mandou *tudo* que eu pudesse querer ler: os artigos científicos mais modernos, matérias de jornal e revista, livros, blogs, feeds do Twitter, periódicos de Medicina... Eu poderia ler o dia inteiro e nunca esgotar toda a informação que vem da Terra. Já tentei.

Agora isso acabou? Eles estão lentamente cortando por completo os laços entre mim e a Terra? E se eu nunca mais ouvir a voz de Molly? E se eu perdê-la, junto com as vozes de todos os outros na Terra?

Eu já devia ter o suficiente, sei que devia. Meu HD contém cada programa de TV, livro e videogame lançado no século XXI, assim como milhares de músicas, aplicativos e podcasts. Tenho quase todos os vídeos do YouTube — e um arquivo completo de *fanfics* de *Loch & Ness*. Agora tenho o comandante Shoreditch também.

Isso deveria ser o suficiente para entreter um ser humano pelo resto da vida, não deveria?

**De:** Infinity

**Enviada:** 27/02/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 09/06/2067

Caro comandante Shoreditch,

Hoje recebi um e-mail preocupante da Terra. Aparentemente, há algo acontecendo, algo que significa que eles não vão poder me mandar arquivos de áudio por um tempo. Você recebeu essa mensagem também? Sabe o que está havendo?

Acho que não faz sentido perguntar, sabendo que você não vai ler as mensagens até daqui muitos meses. Com sorte, tudo será resolvido antes mesmo de você responder. Eu só precisava contar a alguém.

Comandante Romy Silvers

Fico tão agitada pelo resto do dia que consigo cortar meu dedão com a tesoura quando estou abrindo a embalagem do meu pacote de almoço. O sangue escorre sobre o macarrão seco, e eu rapidamente enrolo o ferimento na manga da roupa, pressionando firme para interromper o fluxo.

*Controle-se, Romy.*

Preciso me acalmar. São apenas mensagens de voz. Não é lá grande coisa.

Uso um kit de primeiros socorros para cobrir o corte, mesmo que já tenha parado de sangrar. Depois, almoço o macarrão, tirando os que foram cobertos de sangue, enquanto passeio pelo Google Earth.

Clico em uma rua, sem pensar realmente em nada, apenas absorvendo as *árvores*, os postes e os carros estacionados, congelados no tempo pelos registros de séculos atrás do meu HD. Não compensa o fato de eu não poder caminhar lá por mim mesma, mas, às vezes, quando estou com sorte, consigo enganar minha mente e achar que saí para dar uma caminhada. Nessas noites, sonho com a Terra e acordo feliz, espreguiçando o corpo nos lençóis, tentando agarrar as pontas do meu sonho para mantê-lo ali. Torná-lo real.

Há uma garota na calçada, com um telefone antigo junto à orelha. Enquanto clico para percorrer a rua, ela se vira e olha a câmera quando passa. É como se estivesse olhando direto para mim. Ela parece um fantasma, movendo-se por uma série de fotografias em sequência que se juntam para formar as imagens do Google Earth. Clico de volta e dou zoom. Ela parece ter uma idade próxima da minha — talvez quinze ou dezesseis —, com cabelo ruivo, uma franja alta e pulseiras em um dos braços.

Eu me pergunto como ela se chama; com quem conversa ao telefone. Eu me pergunto se ela lembra do dia em que o carro do Google Earth passou e ela se virou para olhar; sua foto capturada nos registros da empresa por toda a eternidade. Eu me pergunto se ela sabe quem eu sou. Tiro print da imagem e deixo a foto aberta na tela enquanto me arrumo. Olho para a garota, imaginando a conversa que poderíamos ter.

— Com licença — eu diria. — Desculpa, sei que você está no telefone, mas por acaso sabe informar onde fica o cinema?

Eu sempre quis ir ao cinema. Parece divertido. Pipoca. Refrigerante.

— Sou a Romy, como você se chama?

Ela não responde.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

362

Estou me sentindo um pouquinho mais feliz quando meus e-mails chegam no dia seguinte. Não está acontecendo nada de mais, decido. Claro, foi um choque no início, mas sei que posso viver sem arquivos de áudio. Era um bônus legal, mas não indispensável.

Mas então leio o último e-mail de Molly — novamente em texto.

**De:** NASA Terra  
**Enviado:** 24/06/2065

**Para:** Infinity  
**Recebido:** 28/02/2067

Romy,

Temo que a situação tenha piorado um pouquinho. Vamos ficar completamente sem comunicação com a *Infinity* nos próximos três dias.

Não há nada com que se preocupar no momento — com certeza não vai impactar na sua missão. É puramente uma questão política. Infelizmente, disputas internacionais afetaram o controle das antenas REP, mas isso deve ser resolvido em breve.

Mantenho você informada sobre como as coisas estão se desenrolando assim que a comunicação voltar. Se der tudo certo, falo com você em breve.

Molly

As mensagens de Molly costumam parecer um toque suave e encorajador em meu ombro. Essa última parece um soco.

Não faço ideia do que a mensagem significa. De quais disputas políticas Molly está falando? O que está acontecendo?

Tento me manter a par da política na Terra lendo as notícias mais atuais, mas é muito difícil entender o que está acontecendo entre os países de um planeta onde nunca estive. Há uma bagagem cultural que eu simplesmente não entendo, cheia de termos como “futuro mercado da bolsa de valores”, “colégio eleitoral” e “regulamentação da FDA”. É uma linguagem estrangeira, com normas e suposições implícitas que não tenho como compreender.

Além do mais, quando uma notícia chega até mim, já está desatualizada.

Envio uma resposta rápida pedindo mais informações, mas sei que é inútil. Levará uma eternidade para obter uma resposta.

Espero que, seja lá o que estiver acontecendo na Terra, não dure muito. Preciso de Molly.

**De:** Eternity  
**Enviada:** 28/06/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 28/02/2067

Cara comandante Silvers,  
Peço desculpas por enviar outra mensagem em tão pouco tempo. Creio que, tirando os casos de emergência, não precisamos usar a comunicação entre as naves a todo momento. Porém, hoje recebi uma mensagem da NASA na Terra, dizendo que as transmissões estão sendo interrompidas por um período.

Eu me pergunto se, para você, essas notícias geram as mesmas preocupações que estou sentindo. Parece estranho que as transmissões sejam cortadas apenas uma semana depois que minha nave partiu. E se algo der errado com a *Eternity* durante a viagem?

Não me preparei para isso no treinamento. Admito que posso ter pulado alguns procedimentos de emergência menos prováveis (não acho que vamos ter um ataque alienígena tão cedo), mas acredito que eu teria me lembrado de qualquer coisa mencionando o corte de transmissões de dados.

É f\*\*\* mesmo, com o perdão da palavra.

Atenciosamente,  
Comandante Shoreditch

P.S.: Não acredito que a NASA tem uma linha de código que censura palavrões! Isso não vai contra a Primeira Emenda? Você consegue xingar nas suas transmissões?

**De:** Infinity  
**Enviada:** 28/02/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 10/06/2067

Olá, comandante Shoreditch,  
Recebi a mesma mensagem. Concordo, é incômodo. Não sei o que vou fazer sem minhas transmissões da Terra. Nunca aconteceu antes. Eles te deram mais informações sobre o que está acontecendo?

Ah, e por que estou perguntando? Você não pode responder!

Romy Silvers

P.S.: Acho que nunca tentei xingar em uma mensagem antes, então aqui vou eu. Merda! Opa! Parece que só você é censurado! A NASA deve ter atualizado o software de comunicação depois que a *Infinity* foi lançada. Sinto muito.

P.P.S.: Acha que meu pai tinha o hábito de xingar nas mensagens? A NASA se ofendeu tanto que incorporou configurações para cortar vulgaridades? Isso seria engraçado. Se for o caso, peço desculpas em nome dele.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

361

Não consigo fazer nada hoje. As notícias da Terra me tiraram tanto do eixo que minhas tarefas parecem inúteis. Preciso trocar a roupa de cama, terminar o dever de casa, verificar o status do banco de genes, separar o lixo em materiais diferentes para reciclagem e podar as plantas no solário, assim como outras trinta coisas. Não quero.

Não quero ler nada nem praticar acordes de piano. Não quero nem rever nenhum filme do meu HD.

Já assisti a quase tudo pelo menos duas vezes — exceto algumas das coisas mais adultas que encontrei por acidente quando tinha treze anos. Acho que é antiético mandar astronautas para o espaço sem algum tipo de escape sexual, mas os vídeos me pareceram nojentos. Até os beijos, que geralmente acho lindos, eram todos molhados e feios. Nas *fanfics* é sempre bem melhor.

Não sei o que fazer. Enrolo meu cobertor ao redor dos ombros, vagando pelos alojamentos e organizando coisas aleatórias.

Pego uma maquete da *Infinity* que fiz com pacotes de comida quando eu tinha quatro anos. Do que consigo me lembrar, foi uma das últimas vezes em que fiz algo divertido com minha mãe, antes de tudo dar errado. O modelo é irregular e com pontos de cola, a tinta verde e grossa descascando da superfície plástica. *A nave é um círculo giratório, viu, Romy?*, dissera minha mãe enquanto eu aplicava purpurina e tinta. *O giro faz tudo ficar no chão em vez de flutuando no ar. Pode apontar onde ficam os motores?*

Afasto a lembrança, irritada com meu cérebro por trazê-la à superfície.

Transfiro o modelo da prateleira da cozinha para uma mesa baixa na área de estar, mas aí decido que ele vai atrapalhar naquela posição e mudo de volta.

Troco a escova de dentes por uma nova, depois lembro que troquei semana passada. Seria um desperdício de recursos me livrar da antiga.

Afofo os travesseiros, puxo os cantos da roupa de cama e tiro uma folha morta do manjeriço na minha mesinha de cabeceira. Coloco a folha no lixo

da cozinha, ignorando que o cesto já está lotado. Levá-lo para a reciclagem parece trabalhoso demais no momento.

Por fim, desisto de qualquer tentativa de produtividade e me sento no chão da sala. Apoio as pernas no canto do sofá cinza e acolchoado, posicionado baixo no chão. Como três pacotes de flocos de milho desidratados, até minha boca estar seca demais para mastigar.

Passo os dedos pelo canto do sofá, onde as letras trêmulas do meu nome estão entalhadas. Não me lembro de ter feito isso, mas devo ter sido eu.

Na parte de dentro do beliche, no meu quarto, bem onde ele se dobra contra a parede, há marcas em caneta que mostram minha altura, com a idade escrita certinha ao lado de cada marca na letra meticulosa do meu pai.

Da última vez que me mediu, ele balançou a cabeça, triste. Quando perguntei o motivo, com medo de estar ficando menor em vez de maior, meu pai respondeu que estava preocupado, porque logo eu seria maior que ele, e aí seria minha vez de alcançar as coisas nas prateleiras mais altas.

Meu pai me ensinou a marcar minha altura em um gráfico durante as aulas de Matemática, fazendo com que eu tentasse descobrir qual altura teria quando completasse treze, dezesseis ou vinte anos, tendo como base a previsão do gráfico.

Mas as verdadeiras medições pararam aos onze anos, porque, depois disso, meu pai não estava mais aqui para me medir. Não sei se nossas previsões no gráfico estavam certas ou não.

Eu me pergunto se Molly seria o tipo de pessoa que registraria minha altura caso estivesse aqui. Eu me pergunto o que ela está fazendo agora.

À noite, sonho com Molly, meu pai e minha mãe. Os três me abraçam, seus braços firmes ao meu redor. O cabelo deles encosta no meu, e posso sentir o calor da pele de cada um, quente e reconfortante. Sinto a tensão em meus músculos se esvaindo. Fico tão aliviada por eles estarem aqui que as lágrimas invadem os cantinhos dos meus olhos.

Minha mãe é a primeira a partir. Ela acaricia minha bochecha e dá as costas para se afastar caminhando. Eu a chamo, estico o corpo e tento pegá-la pelo braço, mas ela me ignora e puxa meu pai, afastando-o de mim antes que ele possa dizer adeus.

Enfio o rosto no peito de Molly, deixando escapar soluços que ficam cada vez mais frios, agudos e doloridos. Eu me agarro a ela, e, inicialmente, ela me segura com firmeza, cantarolando em meu ouvido para que eu fique calma, sua voz um som relaxante e contínuo. Mas então os astronautas aparecem e começam a nos cercar. Eu a aperto com mais força, mas eles a puxam para longe de mim.

Viro para todos os lados, buscando por Molly. Estou em um quarto escuro e há olhos na escuridão. Posso ouvir respirações. Posso sentir o calor em minha pele quando os astronautas passam por mim.

Eu me afasto, colidindo com algo suave, grudento e escorregadio. Para todo lugar que me viro, eles estão vindo me buscar, pressionando e se aproximando até que eu esteja cercada pelo fedor de seus corpos apodrecidos.

Eu me abaixo, tentando escapar, mas há muitos deles — centenas e centenas —, fazendo pressão, enterrando-me sob seus membros frágeis e... De repente, estou sozinha em minha cama, mas eles me espiam através das janelas. Eles me encaram como se quisessem saber por que não consegui salvá-los, por que não os ajudei, por que não sou boa o suficiente.

Acordo sem ar, tremendo de medo.

Achei que tinha deixado de sonhar com os astronautas. Achei que os pesadelos haviam terminado anos atrás. Achei que estava livre.

No quarto dia, quando termino o jantar, ainda não chegou nenhum e-mail de Molly. Acesso o software de detecção para ver se uma mensagem está sendo processada, mas não há nada. Há mais de 96 horas não são detectadas transmissões a laser vindas da Terra.

Nunca vi tanto silêncio em toda a minha vida, nem mesmo no Natal.

Mordo o interior da bochecha, brincando com um pedacinho de pele solta.

O que vai acontecer se as antenas REP não voltarem ao controle da NASA? É possível que Molly nunca mais me mande uma mensagem só porque algum conselho a proibiu de fazer isso?

Vou até o beliche e me sento, torcendo a franja entre os dedos. Tento dizer a mim mesma que Molly entrará em contato amanhã e que não há motivo para pânico. Quaisquer disputas políticas que a impediram de fazer contato já aconteceram *mais de um ano e meio atrás* na Terra! Com certeza, agora já passou.

Mas isso não ajuda.

Eu me encolho na cama e assisto a *Loch & Ness* com os olhos semiabertos, tentando afastar a sensação de que algo terrível está acontecendo. Sinto aquele medo meio irracional que se apossa da pessoa no meio da noite e faz você pensar que há um monstro embaixo da cama. Do tipo que faz os pelinhos da nuca se arrepiarem. Mas, diferente de um monstro, o medo não vai embora quando puxo o edredom por cima da cabeça.

Estou sendo ridícula. Sei que estou.

Foi só um dia. Do que importa se Molly não fala comigo por *um dia* a mais do que prometeu? Posso cuidar de mim mesma. Não preciso da segurança constante dela. Não sou mais um bebê; agora sou adulta.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

357

Mais um dia sem nenhuma transmissão da Terra. Eu me sento e encaro a caixa de mensagens, com os olhos vidrados, até que a tela vira um borrão de espaço em branco. Puxo os pelinhos do braço, arrancando-os da pele um por um, prestando atenção em cada pontada. Sopro os pelos que estão sujando a mesa e os observo se espalhar pelo chão.

Queria poder socar alguma coisa sem disparar uma dúzia de alarmes e um protocolo de evacuação.

Acabo decidindo abrir o simulador de voo, praticar a aterrissagem da nave no novo planeta e tentar me livrar do nervosismo. O programa é um modelo 3-D de gravidade orbital construído pela NASA e baseado no mapeamento planetário da Terra II. Simula a entrada na atmosfera, a descida e a aterrissagem da *Infinity*.

Faço a simulação duas vezes, descendo a *Infinity* suavemente em um monte alienígena de areia, com partículas de pó laranja girando ao redor do casco. Um minúsculo astronauta simulado sai para o planeta empoeirado, finca uma bandeira no solo e levanta as mãos no ar, triunfante.

Deveria ser eu, mas não consigo me imaginar agindo assim. É mais provável que eu aterrisse a nave e daí durma por três dias enquanto reúno coragem para olhar pela janela.

A simulação é fácil. Teoricamente, ela vai ficando cada vez mais difícil, mas ainda não passei horas suficientes treinando para chegar aos estágios mais avançados, quando o simulador de voo expande para um sistema de exploração planetário.

Fico feliz em me manter nesse ritmo, ao menos por enquanto. Eu realmente ainda não quero aprender todas as coisas extras com as quais deveria me preocupar — como, por exemplo, fazer safras crescerem em solo não cultivado ou construir casas. A ideia de aterrissar é mais do que suficiente para mim, por enquanto.

Além do mais, o simulador de voo é bem divertido.

## **DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:**

**355**

Decido fazer outra coisa hoje além de olhar minha caixa de mensagens vazia enquanto uso pijama, com o cabelo bagunçado e o estômago embrulhado. Molly sempre diz que me manter ocupada é a melhor forma de esquecer as preocupações. Em vez disso, nos últimos dias, tenho esperado sob um desespero irracional.

Preciso afastar alguns dos meus pensamentos negativos. Passo tempo demais rangendo os dentes com uma preocupação inútil em vez de apenas seguir a vida.

Por isso, decido fazer geleia.

Primeiro, preciso colher alguns morangos do solário, que é parte dos laboratórios de ciência do outro lado da nave, longe das salas de habitação. Não vou muito aos laboratórios, a não ser que o computador me force a fazer algum tipo de verificação. Mas o solário é minha exceção favorita.

Não é realmente um solário — é só como meu pai chamava o lugar, porque, quando eu era pequena, ficava confusa sobre como a fotossíntese e a radiação UV funcionavam, e também sobre como vegetais podiam crescer no espaço.

Na verdade, é só um monte de plantas crescendo em uma solução nutritiva sob uma estrutura de luzes UV. As plantas são uma fonte de sementes para alimentar nosso banco genético, prontas para brotar no solo terraformado da Terra II.

A jardinagem também é oficialmente incentivada pela NASA como algo positivo para a saúde mental dos astronautas — o que posso comprovar. As plantas são fáceis e sem complicações, de um jeito que me acalma. Só precisam de ar e luz, e os recipientes fazem boa parte do trabalho ajustando a água e os nutrientes para os níveis de aeração. Assim, aproveito os benefícios sem a pressão de ter outro ser vivo dependendo de mim para sobreviver. A colheita sempre fresca é apenas um bônus.

Pego cada morango maduro que consigo encontrar, arrancando algumas folhas de bordas desiguais para poder enxergar os mais suculentos, escondidos sob as vinhas, e tirando folhas mortas para me certificar de que todas as plantas tenham espaço suficiente para crescer. Meus dedos estão manchados de rosa quando termino.

Preciso resistir à vontade de comer todos ali mesmo. Em vez disso, como punhados de ervilha, rabanete e feijão. Os tomates estão quase vermelhos, então não deve demorar muito até que eu possa fazer uma sopa com eles.

Na próxima estação, quando as luzes mudam o ciclo de verão para outono, acho que vou plantar brócolis. Talvez couve-de-bruxelas. Estou tentando cultivar umas árvores como bonsais, para que elas troquem de folhas no ciclo de outono. Sempre quis ver folhas vermelhas e secas caindo no chão e tentar esmagá-las sob os sapatos.

Meus pais não eram muito interessados em jardinagem, então me responsabilizei pelo solário assim que tive idade suficiente para entender como não afogar as plantas. Adoro a textura surreal e encerada das folhas, adoro como as plantas podem ser tão frágeis e fortes ao mesmo tempo. É difícil imaginar aqueles preciosos organismos se espalhando por um planeta inteiro sem ninguém tomando conta. De alguma forma, elas sobreviveram nas montanhas, nos desertos e debaixo d'água sem nenhuma defesa.

Levo minha colheita de volta para a cozinha e coloco os morangos no micro-ondas até estarem macios e quentes, depois, viro um pacote inteiro de açúcar sobre eles. Só tenho uma colher de sobremesa para mexer a receita, então tenho que soltá-la sempre que meus dedos ficam perto demais da geleia e começam a queimar. O cheiro de fruta derretida me dá soluço.

Coloco a mistura de novo no micro-ondas e me abaixo para olhar o líquido vermelho borbulhante pelo vidro. Minha boca começa a salivar só de imaginar o gosto. Tento ignorar os soluços, que não vão embora.

Só quando a geleia está pronta é que percebo que não tenho nenhum pote. Divido o líquido quente em várias canecas, alinhando-as sobre a bancada, e recorto círculos de velhas caixas de papelão para cobrir cada uma. De todo jeito, provavelmente não vou demorar para comer. Posso beber as coisas em uma tigela até lá.

Deito de cabeça para baixo no sofá e bebo água, apertando o nariz, mas os soluços persistem.

Incapaz de resistir, como colheradas de geleia direto da caneca. Está tão quente que queimo a língua, de forma que não vou conseguir sentir o gosto de nada por vários dias. Mas serve para me livrar dos soluços.

E finalmente, *finalmente*, me sinto um pouquinho melhor. Eu consigo. Consigo sobreviver sozinha até Molly encontrar uma forma de entrar em contato de novo. Acredito nela. Não vai demorar muito. Ela não vai desistir até ter lutado contra todos que tentarem se meter entre nós. Ela vai voltar para mim.

Quando verifico a cabine de comando em busca de mensagens, minha caixa de entrada ainda está vazia.

Determinada a ignorar o problema, eu me forço a estudar. Quando meu pai estava vivo, costumávamos passar horas treinando enquanto ele me ensinava todo tipo de coisa que um astronauta poderia precisar saber. Eu estava ficando bem boa para uma menina de onze anos.

Na época, não importava que eu não soubesse de tudo, porque, se acontecesse uma emergência, meu pai daria conta. Se estivéssemos em um dia bom, minha mãe até ajudaria.

Separo alguns problemas de Astrofísica e leio a primeira questão.

*Um gêmeo deixa a Terra em uma espaçonave de massa  $3 \times 10^2$  kg, viajando na velocidade que um observador na Terra mediria como sendo de  $+0,600c$ . Depois que a espaçonave viaja por 8 anos-luz, o segundo gêmeo parte da Terra em uma espaçonave ainda mais rápida, viajando à velocidade de  $+0,750c$ , medida por um observador na Terra.*

*De acordo com a teoria da relatividade especial, qual a diferença entre as idades dos gêmeos quando eles chegarem a um planeta distante 27 anos-luz da Terra?*

*Suponha que tanto a Terra quanto o planeta sejam referências inerciais e estejam se movendo em velocidades constantes e equivalentes, de modo que a distância entre eles não muda durante a jornada.*

Sei de imediato o que devo fazer. Mal consigo escrever rápido o suficiente para acompanhar meu cérebro enquanto resolvo equações de dilatação do tempo e desenho diagramas com as forças, massas e acelerações envolvidas.

Sou tomada pelo prazer de exercitar os neurônios, de ser capaz de *sentir* o quão inteligente meu cérebro pode ser às vezes. Quando olho para um problema e sei na mesma hora o que fazer, é como voar. Às vezes, tenho sonhos envolvendo Matemática, simplesmente porque essa sensação é mesmo maravilhosa.

Mas então, como sempre, começo a me criticar. Uma voz em minha cabeça me diz que não sei o que estou fazendo, que nada do que escrevi está

certo. Começo a entrar em pânico por não ser esperta o suficiente. Bem no fundo, tenho noção de que, se houvesse de fato uma emergência na qual eu precisasse usar esse troço, minha mente ficaria em branco. Eu não conseguiria. Meu cérebro travaria, entupido de pressão imaginária e medo.

Tem sido assim desde que meu pai morreu. Eu simplesmente... parei de estudar. Não conseguia — e não me dispunha — a aprender nada disso sem ele. Quando a NASA descobriu, Molly entrou no caso para reiniciar meu treinamento.

É impressionante o quão depressa a Astrofísica Avançada sumiu da minha memória. Estou aprendendo coisas agora que eu já sabia — coisas que meu pai fazia soarem fáceis para a Romy de onze anos. Só que agora essas coisas não me deixam mais empolgada. Estou sempre encontrando defeitos em mim, e geralmente olho a resposta no final do livro. É frustrante.

Estou apagando os cálculos errados quando uma notificação no canto da tela atrai minha atenção. Meu coração fica apertado. Uma mensagem está chegando.

Abro o programa do detector, incapaz de evitar assistir ao pacote de dados entrando pelo transmissor. Preciso saber. É da *Eternity* ou da Terra? Por favor, por favor, *por favor*, que seja da Terra. Que seja Molly.

A mensagem aparece aos poucos, um fragmento de cada vez.

**De:** NASA Terra  
**Enviada:** 02/07/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 08/03/2067

## TRANS

[MENSAGEM INCOMPLETA]

Balanço os joelhos, desejando ser capaz de acelerar as coisas.

## TRANSMISSÕES

[MENSAGEM INCOMPLETA]

Eu devia estar fazendo alguma coisa enquanto espero, em vez de ficar sentada aqui assistindo, mas o medo não vai embora. Algo importante está acontecendo, e não consigo afastar o olhar da tela.

**ADIADAS. GUER**  
[MENSAGEM INCOMPLETA]

Transmissões adiadas? *O quê?!*

**RA NA TERRA.**

Guerra na Terra. Tem uma guerra acontecendo na Terra? Espero por mais, mas é só isso. Essa é a mensagem toda.

**De:** NASA Terra  
**Enviada:** 02/07/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 08/03/2067

**TRANSMISSÕES ADIADAS. GUERRA NA TERRA.**  
**MOLLY**

Como uma guerra poderia impedi-la de se comunicar comigo? Cruzo os braços e mordo o ponto machucado dentro da bochecha, bem onde arranquei a pele. A ferida ia sarar se eu a deixasse quieta, mas sei que não vou. Vou cutucar até ficar dolorida e inflamada.

Molly tinha dito que disputas internacionais significavam que a NASA não poderia usar as antenas REP para se comunicar comigo. Se uma guerra mundial irrompeu, o conflito deve estar impedindo a NASA de acessar as antenas por completo.

Estou ansiosa por mais informações, desesperada para saber o que está acontecendo na Terra. Que tipo de guerra? É algo sério? Há de fato um combate ou é apenas uma disputa política?

Fico sentada na cabine de comando por horas, olhando o detector e esperando ver ao menos uma letra a mais. Mas não há nada. A guerra começou na Terra, e eu fui cortada.

O que faço em seguida?

Pego meu ursinho na cama e o abraço, sentindo o cheiro familiar do tecido. Minha mãe fez esse ursinho para mim com uma fronha velha antes de eu nascer, para manter minhas mãos ocupadas enquanto meu pai trabalhava.

Minha concepção foi uma surpresa (ou, como meu pai costumava dizer, um “feliz acidente”). A NASA não planejou que nenhuma criança nascesse até chegarmos na Terra II, então havia vinte anos de alimentos empilhados sobre os produtos para bebês nos estoques.

Para se certificar de que eu tinha um berço para dormir e fraldas para usar, meu pai teve que passar por torres infinitas de suprimentos no centro da nave. Aparentemente, minha mãe queria ajudar. Ele teve que impedi-la para que não se machucasse. Em vez disso, enquanto meu pai escavava as profundezas dos estoques, ela passava as horas costurando um ursinho para mim, pregando cada fio separado de pelo. O pelo começou a se soltar agora, mas eu ainda o amo.

Por mais que eu odeie pensar na minha mãe, não suporto a ideia de largar meu ursinho. Ele é um lembrete de tempos mais felizes durante a infância. Por isso eu o mantenho, apesar de tudo.

Ainda estou olhando para o nada quando outra mensagem chega, dessa vez da *Eternity*. Para as transmissões acontecerem assim tão perto uma da outra, o comandante Shoreditch deve ter escrito o e-mail assim que recebeu a mensagem da Terra. Apesar da preocupação, percebo como é legal que ele tenha essa consideração comigo.

**De:** Eternity  
**Enviada:** 30/07/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 08/03/2067

Comandante Silvers,  
Acabei de receber a notícia da NASA. Não vou mentir, estou bem preocupado. Antes que eu deixasse a Terra, várias tensões políticas existiam, e eu sabia que a guerra era uma possibilidade. Mas, de alguma forma, nunca esperei que... ou nunca achei que pudesse afetar minha missão.

Não consigo processar o que está acontecendo. É como se o mundo já tivesse se tornado um lugar totalmente diferente apenas um mês depois que parti.

Espero que você esteja bem, comandante Silvers. É uma notícia e tanto — é natural que você esteja um pouco nervosa. Estou aqui caso queira conversar, sei como ajuda falar com alguém, mesmo que não receba uma resposta tão cedo.

Comandante Shoreditch

Estou tão cansada de ser abandonada. A mensagem do comandante Shoreditch é reconfortante, mas não ajudou. Estou exausta em todos os sentidos.

Perder Molly é trazer de volta a sensação terrível de quando perdi meus pais — não tão intensa e paralisante como antes, mas praticamente igual. É um aperto terrível no estômago, como quando a gravidade artificial não funciona direito e tudo balança, virando de lado por um tempo.

O amor consome tanta energia e leva apenas à dor. Acho que provavelmente é melhor para as pessoas serem autossuficientes. Se eu fosse forte o bastante para ser independente, não estaria tão solitária. Tenho certeza.

Só quero alguém que *agente firme*. Alguém que nunca me deixe, por mais que algo tente nos afastar. É pedir muito?

# EU TE ABRAÇO

*por GarotaSolitaria*

**Fandom:** *Loch & Ness* (2042)

**Relacionamento:** Lyra Loch/Jayden Ness

**Tags:** Dor/conforto, canon

**Resumo:** Lyra se machuca em ação.

*Nota da autora: Não sei por que continuo mandando essas histórias, já que Molly não vai conseguir ler.*

— Jayden — gritou Lyra, agarrando o braço dele. — Está doendo.

Lágrimas escorriam por suas bochechas, misturando-se com a chuva. As mãos de Jayden estavam pressionadas contra a barriga de Lyra, tentando segurar o fluxo de sangue da mordida de lobisomem. Ela conseguia ver o sangue escorrendo por entre os dedos dele, manchando sua pele de um vermelho tão escuro que era quase preto.

— Lyra! Não desista de mim, Lyra, ainda não. Preciso de você. Agente firme, só mais um pouco — disse ele, pressionando a testa na dela. O gesto foi como um círculo de calor contra a dormência fria que se espalhava por ela. — Lyra, estou com você. A ambulância está a caminho.

— Não consigo... — disse ela, sem ar.

— Você consegue, Lyra — insistiu ele, determinado. Lágrimas se penduravam na ponta de seus cílios compridos. — Você consegue tudo. É mais forte do que imagina. Acredito em você, Lyra Loch.

— Nós nunca nem... — balbuciou ela, pensando em todas as oportunidades perdidas, em todos os “quases”. Nunca nem haviam se beijado, e agora ela iria morrer.

— Nós vamos — respondeu ele, e ela pôde sentir a respiração de Jayden, suave contra sua bochecha. — Nós vamos. Não é o fim.

— Nós vamos — repetiu ela.

Fim.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

346

**De:** Infinity

**Enviada:** 16/03/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 20/06/2067

Olá, comandante Shoreditch,

Espero que esteja tudo bem com a *Eternity*. Estou escrevendo porque tenho dado uma olhada em todos os artigos que a NASA me enviou nos últimos três anos, buscando informações sobre o clima político na Terra e me xingando por não ter lido com mais atenção da primeira vez.

Tivemos a tensão política costumeira entre os países por meses, mas nada muito sério — nada que eu esperaria que se tornasse uma guerra de grandes proporções tão rápido assim.

Além do mais, como uma guerra poderia ter afetado os equipamentos de REP que a NASA usa para se comunicar com as naves? As antenas de telecomunicação estão localizadas em países com alianças muito fortes — Estados Unidos, Espanha e Austrália. Que eles entrem em guerra de uma hora para outra não me parece condizer com a realidade. Não pelo meu entendimento. Pelo menos a NASA poderia ainda ter acesso à antena na Califórnia. Eles deveriam ser capazes de enviar mensagens curtas regularmente enquanto a Terra roda e aponta a antena em nossa direção.

No passado, a NASA filtrava as informações que mandava para mim, deixando buracos em matérias de jornal. Acho que eles censuravam qualquer conteúdo que tivesse conexão pessoal comigo ou com a *Infinity*, para que eu não me aborrecesse.

Faz sentido que tenham feito o mesmo com as notícias da guerra. Acho que estão tentando evitar que eu entre em pânico.

Você tem notícias mais recentes sobre a situação política da Terra. Por favor, conte para mim tudo o que sabe, mesmo que sua resposta leve meses para chegar. Não consigo entender como as peças do quebra-cabeça se encaixam de uma forma que explique essa situação.

Romy Silvers

Eu me pergunto onde Molly está agora. Acho que vou continuar mandando mensagens todo dia, junto com as *fits* que escrevo, para caso haja a chance de ela ainda estar lendo. Sei que ela ficaria preocupada comigo se eu parasse.

Eu só queria saber se ela ainda está lá. Espero que Molly esteja esperando no laboratório para ter permissão de me enviar mensagens assim que a guerra acabar.

O que será que ela anda fazendo desde que sua última mensagem viajou pelo espaço até mim?

Será que ela morreu?

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

338

Acho que arrumei uma forma de contatar Molly. Preciso entrar em contato com alguém na Terra além da NASA. Mesmo que eles tenham parado de usar as antenas por causa da guerra, deve existir alguém captando os sinais em algum continente, em alguma outra organização. Se eu conseguir mandar a mensagem para eles, talvez consigam repassar para Molly de alguma forma. E aí ela pode me dizer se está bem.

Encontro uma lista de todas as agências espaciais pelo mundo e localizo as coordenadas de suas antenas, satélites e estações espaciais orbitando a Terra. É uma aposta — alguma das organizações podem nem existir mais, ou podem ter encerrado operações por causa da guerra —, mas não posso ficar aqui sem fazer nada. Eu nunca me perdoaria caso nem tentasse.

**De:** Infinity

**Enviada:** 24/03/2067

**Assunto:** Para dra. Molly Simmons —  
URGENTE

**Para:** ESA; ISRO; CNSA; JAXA; RFSA; AEM;  
APSCO; UKSA; ISA; ASI; KCST; KARI; CNES

**Data de recebimento prevista:** 05/12/2068

Prezado senhor/senhora,

Aqui é a comandante Romy Silvers, transmitindo da espaçonave *Infinity*, da NASA. Estou transmitindo esta mensagem para a Terra na esperança de ela chegar a alguém que esteja buscando sinais do espaço profundo.

Preciso entrar em contato com a dra. Molly Simmons, funcionária da NASA que está encarregada da minha comunicação com a Terra. Não tenho recebido informações sobre o paradeiro dela, e, como a guerra começou, ela pode ter sido realocada, mas sei que a dra. Simmons é uma psicóloga e terapeuta com diploma de Harvard. Sua irmã é general em uma base militar da Antártida. Ela tem um gato chamado Nino.

Se houver alguma forma de determinar a localização atual da dra. Simmons e encaminhar esta mensagem, agradeço imensamente. Estou preocupada com a segurança dela e gostaria de saber se a dra. Simmons está segura durante o conflito na Terra.

Estarei eternamente em débito se puderem me fazer esse favor.

Atenciosamente,

Comandante R. Silvers

**Mensagem para dra. Molly Simmons a seguir:**

Molly,

Espero que você receba esta mensagem. Não tenho nenhuma outra ideia de como falar com você.

Estou preocupada e não aguento ficar sem saber se você está segura. Está tudo bem? Por favor, por favor, esteja bem.

Espero que sua irmã esteja em segurança também. Espero que ela não esteja lutando na guerra, ou que pelo menos não esteja na linha de frente.

Mais do que tudo, só queria falar com você outra vez. Ando tendo a sorte de ter o comandante Shoreditch da *Eternity* para conversar. O apoio dele tem sido incrível. Mas sinto tanta saudade sua que até dói.

Fique segura, por mim.

Beijos,

Romy

Fico acordada até tarde, escrevendo histórias, fazendo tudo o que posso para evitar dormir. Não quero ter outro sonho com os astronautas, não vou aguentar, ainda mais com tudo o que já aconteceu.

Tenho pesadelos desde os quatro anos, desde que perdemos os astronautas. A visão de centenas de corpos tem sido impossível de apagar da mente. De fato, não me lembro de uma época antes de os astronautas assombrarem minhas noites.

Meu pai costumava me deixar dormir em seu beliche naqueles primeiros dias, quando minha mãe não dormia nada. Na época, ela só ficava na enfermaria, tentando e fracassando em arrumar o que dera errado.

Em algumas noites, meu pai também acordava gritando por causa dos pesadelos. Acho que isso piorou as coisas. Em qualquer outra situação que me perturbasse, meu pai estava lá para fazer com que eu me sentisse melhor. Um problema com a nave? Ele sabia o que fazer. Um corte ou ferimento? Ele sabia remendar.

Mas os astronautas — eles o assustavam também. Assustavam-no mais do que a mim. E isso me deixava aterrorizada. Se meu incrível, corajoso e genial pai ficava perdido em relação àquilo, então que esperança eu tinha?

Naquela época, não havia nada a ser feito além de esperar. Nós três nos esforçamos ao máximo. Acho que os pesadelos persistentes são um preço pequeno a pagar pelo que aconteceu com os astronautas. Eu me saí bem em comparação à minha mãe.



## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

330

**De:** Eternity  
**Enviada:** 10/10/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 01/04/2067

Comandante Silvers,  
Estou escrevendo porque não sei mais o que fazer. Passei os últimos três meses esperando e torcendo para que a NASA voltasse a entrar em contato. Mas parece que a comunicação não vai ser restabelecida tão cedo.

Estou perdido. Não tenho notícias de ninguém que conheço já faz uma eternidade. Não consigo parar de pensar nos meus amigos. Estão todos na Terra no meio de uma guerra, e não posso nem ter certeza de que estão seguros. Não sei dizer se estão em uma zona de guerra ou não.

Apesar de esta ser uma linha oficial de comunicação para emergências, estou bem feliz de que ao menos posso falar com você, comandante Silvers. Caso não se importe, acho que vou mandar mensagens mais frequentes de agora em diante. Não sei se você vai receber bem esses e-mails todos, mas, como você não tem como responder sim ou não, vou continuar falando de qualquer modo. Sinta-se livre para ignorar minha verborragia a qualquer momento.

Seja lá o que aconteça na Terra, pelo menos não vai afetar nossas naves. Nem mesmo as maiores bombas nucleares podem chegar tão longe, eu espero.

Comandante Shoreditch (mas você pode me chamar de J. Devemos deixar as formalidades de lado a essa altura, não acha, Romy?)

**De:** Infinity  
**Enviada:** 01/04/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 30/06/2067

J,  
Eu sinto muito. Nunca me ocorreu que você não tivesse recebido notícias de familiares e amigos desde que a guerra começou. Espero que esse conflito acabe logo, mais para o seu bem do que para o meu.

Claro que pode conversar comigo, se for ajudar. Seria reconfortante para mim também. Podemos ser amigos interestelares por correspondência.

Romy

De tempos em tempos, me pego olhando para o vazio, as mãos pendendo ao lado do corpo. Experimento uma sensação horrível de que estou caindo em uma armadilha, mas não consigo entender que tipo de armadilha seria essa.

Tenho certeza de que é apenas paranoia. Minha mente está pregando peças em mim, assim como sempre faz quando vejo um reflexo e fico certa de que há alguém me observando.

A guerra não pode me fazer mal. Sou apenas uma espectadora. Quaisquer discrepâncias que existam nos detalhes não são problema meu. Quaisquer “bombas nucleares” que o comandante Shoreditch — J — ache que estão explodindo na Terra não podem me alcançar aqui.

Meu cérebro parece não querer escutar. Sinto aquela preocupação familiar sobre tudo dar errado. Preciso me certificar de que estou pronta. Preciso saber como tudo na *Infinity* funciona caso haja uma emergência. Estou por minha conta agora, pelo menos até a *Eternity* chegar.

Faço um exame para me assegurar de que tenho como lidar com tudo isso. Meço minha pulsação, minha temperatura e os níveis de glicose, usando uma amostra de urina. Se eu ficar doente, não haverá ninguém para ajudar. Ninguém para me consertar caso eu quebre.

Os resultados dizem que estou bem. Não consigo acreditar totalmente. Decido começar a me examinar toda semana. Não posso ficar doente. Preciso estar bem.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

328

**De:** Eternity  
**Enviada:** 18/10/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 03/04/2067

Cara Romy,

Conversar com alguém que não tem como responder é mais difícil do que eu pensava. Não tenho certeza do que escrever. Acho que o melhor jeito de começar, se vamos mesmo nos conhecer, é contar um pouco sobre mim. No mínimo, isso vai tornar nosso primeiro encontro um pouco menos esquisito.

Aqui está uma curta história sobre o comandante J. Shoreditch. Sou um cara de vinte e dois anos. Comecei a estudar Medicina na universidade. No meu segundo ano, decidi que não aguentaria passar outros três anos lá, então fiz o óbvio e me inscrevi para um trabalho na NASA.

Na época, eles estavam buscando recrutas astronautas que pudessem treinar para uma nova missão. De algum jeito, consegui a vaga, provavelmente ajudado pelo fato de que o diretor do programa era ex-aluno da minha faculdade. Não vejo problema algum em tirar vantagem do meu privilégio.

Estou muito honrado por ter sido escolhido, mesmo que meu trabalho seja envelhecer no espaço, como um cuidador a serviço da humanidade.

O que nos traz ao dia de hoje, que gastei maratonando temporadas inteiras de uma série de TV. Tenho uma carreira bem ilustre, como pode ver.

Você está escrevendo de volta, não está? Espero que sim. Isso tornaria menos esquisita toda essa coisa de mandar mensagens para uma desconhecida. Nem acredito que você só vai ler essa mensagem daqui a mais de um ano. Parece que estou falando com o futuro.

J

J só tem vinte e dois! É tão mais novo do que eu esperava. Creio que faz sentido mandar astronautas jovens, para que assim não estejam muito velhos quando chegarmos à Terra II, mas vinte e dois anos... É pouco mais do que a minha idade.

Não é à toa que é tão fácil falar com ele. Somos colegas. Nunca tive um colega antes. E vinte e dois é perto o suficiente para que não...

Quer dizer, é sim um pouco estranho, mas... Jayden só tinha vinte e dois anos na primeira temporada de *Loch & Ness*, enquanto Lyra tinha dezenove. É quase a mesma diferença de idade entre mim e J, tirando alguns anos.

Certo, três anos. Mas ainda assim é pertinho. Perto o suficiente para... nem me deixo pensar no quê.

Meu corpo abruptamente parece grande demais para mim, adulto demais e forte demais para a jovem garota aqui dentro. Não estou pronta para ser essa pessoa, ainda mais nessa situação. Não posso pensar nisso. Eu me recuso.

Por enquanto, é suficiente pensar no quão novo ele é. J tem vinte e dois, um garoto, esperto e engraçado — e, melhor de tudo, aparentemente interessado em conversar *comigo*. É lisonjeiro de uma forma confusa e adorável.

**De:** Infinity

**Enviada:** 03/04/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 02/07/2067

J,

Estou tão feliz que você tenha finalmente me contado sobre você. Eu andava me perguntando quem você era. É incrível que só tenha vinte e dois anos e seja um astronauta. Bem impressionante.

Não sei bem o que contar sobre mim em resposta, mas aqui estão alguns fatos.

- Nunca conheci ninguém que não fosse da minha família.
- Nunca vou ver a Terra.
- Sou a única pessoa nascida no espaço (sei que você já sabe disso, mas essa é a única coisa interessante sobre mim! Sou bem entediante, na verdade).
- Adoro escrever.
- Posso te dizer mais coisas que nunca fiz do que coisas que já fiz.

Sei que a lista é curta. Não consigo mesmo pensar em nada mais que seja empolgante.

Romy

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

327

Hoje, em minha busca infinita por todo tipo de informação sobre a Terra que já salvei no meu HD, eu acabei, de algum jeito, analisando antigas imagens de segurança da nave. Registros de anos atrás ainda estão arquivados, desde a época em que eu era bebê. Antes de tudo dar errado.

Encontro um vídeo do meu pai na cozinha da *Infinity*, tentando fazer com que eu coma algum purê enquanto conversa baixinho comigo. As câmeras estão no teto, então o ângulo é alto demais para ver nossos rostos — enxergo apenas o topo de nossas cabeças no canto da imagem. O resto do vídeo captura a curva da parede cinza e nua, o corrimão cromado brilhando sob as luzes fluorescentes.

Posso ver que estou feliz. Meus braços gorduchos se agitam, derrubando a comida de bebê por cima do cadeirão. Meu pai joga a cabeça para trás e ri. Posso visualizar as rugas nos cantos de seus olhos. Meu coração fica apertado.

Ele se inclina e beija minha testa antes de começar a limpar.

Continuo observando até a porta do banheiro se abrir e minha mãe entrar para falar com meu pai. Ela está sorrindo.

De repente, o nó feliz em minha garganta some. Ali está minha mãe, sorrindo, gargalhando, fazendo piadas. É como o casamento dos meus pais deve ter sido enquanto minha mãe ainda conseguia olhar para ele sem enxergar os astronautas.

Ela parece uma pessoa diferente. Uma pessoa feliz e despreocupada. As gravações mostram a mãe que eu poderia ter tido, caso as coisas tivessem sido de outro jeito.

Fecho o arquivo, sentindo que estou pior do que antes.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

322

**De:** Eternity  
**Enviada:** 07/11/2065

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 09/04/2067

Romy,

Tenho tentado imaginar que tipo de mensagens você está me mandando. Supondo que você esteja, e que seja amigável. Pensei em algumas perguntas que você pode ter feito. Então vou responder às suas dúvidas hipotéticas. Assim, você não precisa esperar meses pelas respostas!

### **Como você é?**

Tenho cabelos e olhos castanhos e todos os dentes. Tenho um metro e oitenta.

### **Quando é o seu aniversário?**

Daqui a sete meses e vinte dias, em 27 de junho. Espero que você me arrume um presente legal!

### **Como acha que vai ser a Terra II?**

Não faço ideia. Parece tão longe que nem pensei nisso ainda. Gosto dos dois sóis. Tenho feito simulações durante meu treinamento e parece um deserto gigante.

Falando em treinamento — o seu é tão focado em Álgebra quanto o meu? Achei que iríamos começar uma nova civilização, não resolver o último teorema de Fermat!

Antes do lançamento, a NASA me disse que você anda estudando Astrofísica desde os oito anos. Isso é impressionante, Romy. Não acredito que tenha apenas dezesseis anos e já esteja no mesmo nível que eu. Você é incrível.

### **O que devo fazer com relação à minha [doença aleatória]?**

Tome penicilina e/ou vitaminas. Eu disse para você, larguei a faculdade depois de dois anos. Não posso ajudar muito.

### **Sente saudades da sua família?**

Não tenho de fato uma família. Meus pais morreram quando eu era muito novo. Não precisa falar que sente muito nem nada assim — não é sua culpa, né? De todo jeito, faz muito tempo. Apesar do tempo não fazer diferença na dor, ela nunca desaparece.

Ainda me pego anotando coisas escandalosas para contar à minha mãe (ela era uma baita fofqueira). Ainda me lembro do cheiro do perfume do meu pai.

Ainda fico incrivelmente bravo quando penso no quão jovem eles eram ao morrer. É tão injusto que coisas evitáveis aconteçam com gente boa, apenas por descuido. Essa dor não diminuiu nadinha.

Enfim, a resposta para minha própria pergunta é que eu sempre sinto saudades da minha família, mas isso não é novidade.

### **Qual é o seu animal favorito?**

Focas. Sempre que fico triste, assisto a vídeos de focas no YouTube. São basicamente cachorros-sereias bobões gigantes. Adoro.

Então... cheguei perto? Eram essas as perguntas que você faria? Cheguei ao menos perto de estar perto? Você se importa um pouquinho com a minha vida?

J

Tive umas cólicas menstruais bem feias hoje, então decido fazer uma fortaleza de cobertores. Equilibro os retângulos de tecido sobre o topo da área de estar, para que o sofá, posicionado no chão, torne-se um pequeno casulo confortável.

Os cobertores tingem a luz com um pacífico tom de rosa, e eu me aninho dentro da fortaleza e escuto a música clássica mais suave que consigo encontrar. Releio todos os e-mails de J, um após o outro, voltando seguidas vezes para a descrição de como ele é, na mensagem de hoje.

Cabelos e olhos castanhos. Um e oitenta.

Desenho um esboço de como o visualizo em minha mente. Ele acaba se parecendo com Jayden Ness, com cachos bagunçados e olhos de cílios compridos, bem calorosos. Está dando um sorriso animado e brilhante e com a mão erguida em um aceno.

Grudo o desenho com cuidado na parede ao lado da minha cama, para poder olhar antes de dormir. Com J e Jayden para olhar, eu me sinto mais segura. Como se eles estivessem cuidando de mim.

**De:** Infinity

**Enviada:** 09/04/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 05/07/2067

J,

Sua última mensagem foi como espiar dentro da minha própria cabeça. A forma como você se sente em relação aos seus pais... é exatamente como me sinto em relação aos meus. É como se você estivesse lendo meu diário (nem escrevo um diário, mas ainda assim...).

Sinto muito mesmo que eles tenham morrido, ainda que você tenha dito para eu não falar isso. Você é tão legal — não merecia ter passado por uma coisa horrível assim. Nem consigo pensar no pobre J, novinho, sozinho dessa forma. Queria poder voltar no tempo e te dar o maior abraço que você já experimentou.

Como eles morreram? Você decidiu se inscrever na missão da *Eternity* por causa da morte deles? Não precisa me contar, se for muito pesado. Eu ainda nem consigo pensar na morte dos meus pais, quanto mais falar sobre o assunto. É que... parece menos real se eu não focar nos detalhes. Mesmo que eu provavelmente devesse discutir essas coisas, para que não continuassem tão pesadas, ainda não estou pronta.

Mudando para um tema mais leve, feliz aniversário atrasado pelo... ano passado. Ai. Bem, o que vale é a intenção. Talvez essa mensagem chegue antes do seu próximo aniversário.

**Feliz aniversário de 23/24/25 anos!** [apague conforme o caso]

Você respondeu algumas das perguntas que eu me fazia sobre você, obrigada. Isso torna a nossa conversa nesse longo *delay* um pouco menos frustrante. Tenho outra pergunta: consegue me mandar uma foto?

Na minha cabeça, fico imaginando você como o Jayden Ness de *Loch & Ness*. A forma com que você se descreveu soa um pouco como o personagem, e ele estava estudando para ser médico antes de entrar na polícia sobrenatural (além do mais, Jayden é um selkie, então ele se transforma em foca, seu bicho favorito! É o destino).

Também preciso admitir que não sou a gênio da Física que contaram para você. Desde que meus pais morreram, tenho achado muito difícil fazer qualquer cálculo. Toda vez que tento, meu cérebro dá pane.

Parece que você se sentia da mesma maneira quando parou de estudar Medicina. Você desistiu porque a pressão dificultava seu foco? Como resolveu isso ao entrar na NASA? Tentei de tudo, e nada funciona. Adoraria algumas dicas.

R

Hoje o computador me alerta de que as tarefas de manutenção anual da nave estão atrasadas.

Meu pai e eu costumávamos fazê-las juntos. Ele transformava aquilo em um jogo, pedindo para que eu lhe passasse as ferramentas como se fosse sua assistente. Fazíamos primeiro as coisas simples, como recalibrar o sistema de gerenciamento térmico para corrigir a temperatura do sistema de vida ou limpar os filtros dos propulsores. Quando eu ficava entediada e ia brincar, ele prosseguia com os trabalhos mais perigosos.

Costumávamos fazer pausas para o almoço, mesmo que fosse levar só cinco minutos para chegarmos na cozinha — a nave não é muito grande. Mas meu pai dizia que sentia falta de um bom e velho piquenique. Então nós nos sentávamos no chão do corredor e comíamos sanduíches, bebendo chá morno de uma garrafa térmica.

Certa vez, minha mãe apareceu enquanto fazíamos nosso piquenique. Quando eu tinha uns nove anos, ela já costumava ficar sozinha. Eu não a via durante semanas. Eu me lembro de ela apenas olhar para nós. Dava para notar que ela não fazia ideia do que estávamos fazendo, ou por quê — mesmo que tenha sido ela a me ensinar sobre a importância de cuidar da nave, lá na época em que fizemos nosso modelo de papel da *Infinity*.

Mas ela apenas se virou e foi embora. Meu pai parou de falar no meio da frase. Quando toquei seu braço, ele olhou para mim como se também tivesse esquecido o que estávamos fazendo lá.

Essa lembrança dói. Nós já havíamos perdido minha mãe, e nem sabíamos disso.

Quando percebo que estou encarando o espaço, eu me sacudo e volto a ler as instruções do computador para a primeira tarefa. Preciso substituir a placa de circuito que está funcionando com eficiência reduzida no solário.

Uso a impressora 3-D para fazer uma nova placa e abro o painel de uma lâmpada UV. Usando uma pequena chave de fenda, troco a placa.

Uma lembrança que eu não sabia que tinha surge em minha mente: estou seguindo minha mãe enquanto ela troca a placa de circuitos de uma fechadura de porta. Eu devia ter quatro anos. Lembro de puxar o macacão dela, implorando para que brincasse comigo. Lembro quando minha mãe agarrou meus braços e me puxou para longe de um painel aberto.

*Não toque nos fios, Romy. Vai levar um choque,* disse ela.

É uma lembrança antiga, tão fraca que apenas o ato físico de substituir os fios consegue trazer a memória à superfície. Forçando-me a pensar em outra coisa, começo a escrever mentalmente uma nova *fanfic*.

Imagino um universo alternativo onde Jayden trabalhe em uma livraria. Ele provavelmente usaria um suéter de lã colorido e aqueles óculos sensuais de bordas grossas que personagens inteligentes sempre usam. Ele ficaria atrás do balcão, recomendando livros para os clientes de forma descontraída e preguiçosa.

Todos que visitassem a livraria sairiam um pouco balançados, meio que apaixonados. Ele nem notaria, porque estaria ocupado demais admirando a garota bonitinha que vinha até a livraria toda quarta-feira na hora do almoço para comprar um livro de romance. Jayden provavelmente mudaria seus turnos para se certificar de estar lá quando ela viesse. Um dia, quando ela não aparecesse, ele ficaria em pânico e perguntaria para os outros clientes se alguém sabia se a garota estava bem.

Vou de um trabalho para outro, substituindo filtros de ar, limpando painéis solares e lentes de telescópio, lubrificando engrenagens na caldeira da unidade de reciclagem de água e verificando a pressão dos tanques de oxigênio líquido em seguida. Não encontro nenhum grande problema. A nave está trabalhando há anos sem nada dar errado.

Ignoro a voz no fundo da mente, que nunca me deixa, dizendo que nada deu errado *ainda*. E que, quando der, serei eu a ter de notar. A NASA costumava monitorar os dados da nave, que são transmitidos regularmente de volta para a Terra. Mas, agora que a guerra começou, não há ninguém analisando esses números.

Minha última tarefa é remover a estática da nave limpando as partículas de poeira carregadas que cobrem cada superfície. O filtro de ar pega automaticamente a maior parte da poeira, mas sempre há lugares onde ela se agarra com determinação. Se a poeira se acumula, a estática pode causar um incêndio, então tenho que verificar tudo eu mesma, só por precaução.

Caminho a esmo com um pano, indo até todos os cantos e fendas de portas e paredes. Quando chego ao banco de genes, verifico que o mostrador da porta está verde, o que significa que está tudo bem com a terrível prole humana criogenicamente preservada lá dentro.

A sala contém mil embriões humanos congelados e amostras de óvulos e esperma, coletados de diferentes culturas na Terra antes de a nave decolar. Deveriam ser uma fonte secundária de DNA a fim de garantir a diversidade genética na Terra II. Mas, agora que os astronautas se foram, os embriões serão vitais para estabelecer uma colônia na Terra II. Sem eles, toda essa jornada perderia o sentido.

Os embriões vão ficar no estoque criogênico de longo prazo até a nave se aproximar da Terra II. Então, vou ter que montar um ventre artificial enorme nos laboratórios. Ele irá encubar alguns dos embriões até que estes produzam bebês totalmente crescidos.

Deveria existir toda uma comunidade de astronautas para adotar essas crianças. Em vez disso, serei responsável por criar uma geração inteira, garantindo que haja pessoas para trabalhar na Terra II e torná-la habitável. O planeta tem uma atmosfera hospitaleira: oxigênio, água, nitrogênio, tudo de essencial — mas ainda precisaremos construir abrigos e preparar a agricultura ao chegar. Teremos muito o que fazer.

Se eu quisesse, poderia deixar um embrião se desenvolver agora e criar o primeiro bebê. Talvez eu fizesse isso se J não tivesse sido enviado para me salvar. Com sorte, a *Infinity* terá se juntado à *Eternity* muito antes de precisarmos começar a educar crianças.

Com sorte, J saberá como fazer um bebê arrotar. Não sou exatamente qualificada. Mal consigo cuidar de mim mesma.

Estou passando o pano pelos cantos do piso do corredor quando encontro o objeto. Ele está encostado contra a parte interna da moldura da porta do banco de genes, enfiado de encontro à parede. É tão pequeno que não me surpreendo de não o ter visto esses anos todos.

É uma lasca de algum recipiente metálico; um fragmento curvo de um cilindro maior, quebrado de forma irregular. Só percebo porque o canto afiado pega a lateral do meu dedão.

Quando toco a aspereza do entalhe, percebo de imediato o que ele deveria ser. Lentamente, viro o fragmento para observar as letras:

*vers, Dra.*

Sem ar, solto o pedacinho como se ele tivesse me queimado.

*Silvers, Dra.* É um fragmento do tanque de oxigênio do traje espacial da minha mãe.

Achei que eu tinha encontrado todos. Fui tão cuidadosa nos últimos anos. Nunca quis dar de cara com nenhuma lembrança de minha mãe outra vez. Mas, ao que tudo indica, esqueci esse pedaço, que permaneceu na cena do crime como uma evidência a ser encontrada.

Consigo sentir o sabor azedo do vômito no fundo da garganta. Preciso me livrar disso. Agora. Só saber que está na nave, na *minha nave*, já me faz estremecer.

Fecho a mão sobre o fragmento, para não precisar olhar, e sinto o metal sugar o calor da minha pele. Caminho o mais rápido possível até a câmara de descompressão.

A vedação chia quando abro a porta interna da eclusa de ar. Entro na câmara montada no casco da espaçonave. Através de uma janelinha na porta externa, posso enxergar diretamente o espaço. Se eu abrisse essa porta agora, estaria morta em menos de um minuto com o vácuo puxando o ar dos meus pulmões e levando os órgãos junto.

Não abro.

Em vez disso, coloco o fragmento no chão da câmara e volto para a segurança da nave, fechando a passagem interna. Olhando pela janela, o fragmento parece inócuo, inofensivo.

É impossível imaginar o dano que causou.

Engulo em seco. Selo a câmara, e as bombas do sistema removem o ar lá de dentro.

Em minha mente, observo o tanque de oxigênio estourar, assim como fiz de novo e de novo desde que aconteceu pela primeira vez.

Tinha esquecido o quão frio aquilo parecia contra a minha pele. Tinha esquecido o quão brilhante o aço parecia quando estava coberto de sangue.

A porta externa da câmara desliza até se abrir em um movimento silencioso e fácil. O último pedaço que resta do tanque de oxigênio de minha mãe desliza para o espaço. Vejo um brilho luminoso em sua superfície antes que o fragmento fique para trás no rastro da nave.

Lá se foi.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

## 314

**De:** Eternity

**Enviada:** 30/11/2065

**Anexos:** L&N.zip [3 GB]

**Para:** Infinity

**Recebida:** 17/04/2067

Bom dia, Romy,

Tenho algumas perguntas para você hoje, já que fui tão atencioso respondendo às suas (mesmo que tenham sido hipotéticas e não solicitadas, ainda conta. Aposto).

Por que você gosta tanto de *Loch & Ness*?

(Por sinal, anexei o resto da última temporada. Aproveite!)

Mesmo que a jornada levasse outros dezoito anos, você viraria a nave e voltaria para a Terra se pudesse?

Sempre me pergunto como é a vida para você, sozinha na sua nave. Não precisa me contar nada que não queira, mas eu gostaria de saber.

J

**De:** Infinity

**Enviada:** 17/04/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 10/07/2067

J,

Uau, são perguntas intensas! Mas estou precisando me distrair, então aqui vão as minhas respostas.

Gosto de *Loch & Ness* porque é o oposto completo da minha vida. Os personagens principais parecem meus amigos de verdade — já assisti tantas vezes. Jayden é meu favorito. Ele age como se fosse muito descolado e vive fazendo pegadinhas, mas na verdade é um fofo. É hilário também, e totalmente apaixonado pela Lyra, mesmo que ainda não saiba disso.

Eu na verdade tentei voltar para a Terra. Foi logo depois que meus pais morreram. Eu tinha onze anos e estava sozinha. Entrei em pânico, então fiz o que meu cérebro de onze anos achou que a NASA iria querer que eu fizesse e tentei mudar o curso da nave.

Você provavelmente sabe que não é como virar um carro — leva anos e anos para dar a volta com uma nave, obviamente. Você passou pelo treinamento de astronauta. Bem, eu não passei. Achei que seria fácil. Achei que conseguiria voltar para a Terra e deixar outra pessoa assumir a missão.

Também fiquei muito fixada no pai do meu pai, que ainda estava vivo naquela época. Eu só conseguia pensar em voltar para a Terra e conhecer meu avô pela primeira vez. Achei que ele pudesse me adotar. Eu sabia que, quando voltasse para a Terra, já teria trinta anos e não precisaria ser adotada, mas eu ignorava isso. Estava em negação.

Enfim, caminhei até a cabine de comando certo dia, com as mãos na cintura, e ordenei que o computador desse meia-volta. Ele se recusou. Pressionei um monte de

botões e gritei um bocado, e ele ainda estava, tipo, “não”.

Como eu não tinha os códigos de comandante, ele não me dava acesso. Forcei meus dedos a ficarem longe dos controles até conseguir me acalmar — o que levou uns bons meses.

Acho que foi só quando Molly começou a falar comigo que finalmente aceitei que não poderia ir para casa (você também conversa com a Molly, da NASA? Ela não é a melhor? Agora que as transmissões caíram, sinto saudades dela mais do que tudo).

Na primeira mensagem, Molly me deu os códigos de acesso para me tornar comandante da *Infinity*. Percebi que podia, de fato, virar a nave a partir dali, então tentei de novo.

Cheguei até bem longe. Inseri as instruções e coordenadas e até pedi que mais combustível fosse mandado para os propulsores. Mas, quando fui pressionar o botão, não consegui.

Acho que foi porque aquela pessoa na NASA estava me dando controle total de uma nave. Eu, Romy Silvers. Eu só tinha catorze anos, mas estava no comando. Aquilo me fez perceber o quão sério era. Estavam todos apostando em mim.

Nossas naves são mais do que apenas nós, certo? Todos na Terra dependem delas para chegar à Terra II. Investiram quase meio século de dinheiro, tempo e pesquisa para nos colocar aqui. Eu não podia decepcioná-los só porque estava com medo.

Não podia mudar o que tinha acontecido com meus pais. Não podia mudar o fato de que eu estava aqui, de que sempre estaria aqui, e meus pais não. Então apenas segui em frente. Essa viagem nunca foi feita para ser fácil. Foi feita para ser importante.

Enfim, isso é tudo, ou vou estragar meu apetite — e tenho uma sopa de tomate me esperando para jantar (é minha favorita)!

Essa mensagem acabou ficando mais longa do que o planejado — desculpe se fiquei mais emotiva do que você esperava. Tem algo em você que faz com que eu queira me abrir, eu acho.

R

P.S.: Obrigada mesmo pelo restante de *Loch & Ness*. Já sei quais são meus planos para o resto do dia!

Passo a manhã fazendo a maquete de uma casa com pacotes de comida. Recorto cuidadosamente pequenas portas e janelas no plástico, tentando lembrar como são aquelas construções modulares vendidas em lojas, para que eu possa copiar o visual. Quero fazer casas similares àquelas em que J e eu vamos morar na Terra II, para que eu possa visualizar como será nossa vida.

Eu me pego toda hora imaginando como será meu primeiro encontro com J. Vamos nos abraçar? Conversar com ele vai ser tão fácil quanto mandar e-mails ou vai ser constrangedor?

Hoje faz dois meses desde a última vez em que J e eu tivemos notícias da Terra. É possível — até provável — que sejamos os dois últimos humanos que restam no universo. A Terra pode ter explodido, destruindo cada forma de vida no planeta, e nós nunca ficaríamos sabendo.

E mesmo que soubéssemos, não haveria nada que pudéssemos fazer. Teríamos apenas que... seguir em frente. A ideia é quase libertadora.

Desde que perdi contato com a Terra, as mensagens de J se tornaram muito preciosas. Começaram como um belo bônus aos e-mails de Molly, mas, agora que conversamos diariamente, as mensagens dele são o ponto alto do dia. Ver um novo e-mail de J faz meus batimentos cardíacos acelerarem de empolgação.

Pelo menos algo de bom veio da guerra. Ela acabou nos aproximando.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

292

**De:** Eternity  
**Enviada:** 08/02/2066

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 09/05/2067

Romy,

O que você faz todo dia na sua nave? Estou aqui há poucos meses e já fiz quase tudo da minha lista de coisas que eu queria fazer durante anos, que basicamente é:

- Dormir
- Jogar por 10 horas seguidas
- Praticar malabarismo
- Conseguir levantar 200 kg, finalmente
- Correr 18 km fazendo 5 minutos por quilômetro

A única coisa que não consegui aprender foi malabarismo, o que eu decidi, após algumas tentativas, que era uma ideia terrível e algo que nenhuma pessoa sã deveria tentar. Fico derrubando as bolinhas por todo lado e disparando os alarmes de impacto da nave. Percebi que sou desajeitado demais para hobbies que envolvam jogar objetos em alta velocidade.

É uma vergonha, porque sempre quis fazer malabarismo, desde que estava na faculdade. Uma vez, eu estava conversando com uma garota da minha turma e fiquei me exibindo, dizendo que era bom com malabares. Meu colega de quarto escutou a conversa e me desmascarou, pedindo que eu provasse meu talento. Terminei com um olho roxo. Obviamente, a garota não me deu o número dela.

Mas tive minha vingança com meu colega de quarto. Eu costumava adorar pregar peças, estava sempre cobrindo o assento da privada com papel filme ou pedindo para que entregassem uma dúzia de pizzas a alguém que não havia feito o pedido e precisaria pagar. Então, no fim do ano, fiz meu colega se arrepender da situação dos malabares.

Foi engraçado na época, mas, olhando agora, é apenas vergonhoso. Eu era péssimo quando tinha dezoito anos.

Voltando ao ponto: verifiquei tudo na minha lista de “quero fazer”. Agora estou meio que deitado e perdido, o que não tem problema, acho. Eu não esperava diversão infinita nem nada do tipo. Sei que não vou precisar esperar tanto quanto você. Alguns anos não são nada quando comparados a uma vida inteira!

J

**De:** Infinity  
**Enviada:** 09/05/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 25/07/2067

Bom dia, J,

Não acredito que você já esteja entediado. Você tem uns bons anos pesados à frente! Não que eu possa falar muito. Você é basicamente a coisa mais interessante da minha vida, especialmente agora que me enviou o resto dos episódios de *Loch & Ness* (por favor, diga que começou a assistir. Porque o final dessa temporada... Eu preciso mesmo discutir com você!).

Aprendi a fazer malabarismo quando tinha dez anos. É tranquilo se você começar com duas bolas e seguir aumentando. Devo tentar de novo qualquer hora, para poder dar dicas.

Adorei saber que você fazia pegadinhas na faculdade. É bem fofo.

Meu pai sempre me contava histórias do tempo dele na universidade. Ele era britânico e estudou na Universidade de Cambridge, onde foi recrutado pela NASA. Minha mãe era americana, e ele a conheceu nas sessões de orientação da NASA. Mas, antes de os dois se conhecerem, quando meu pai ainda estudava, acho que ele teve muitas namoradas. As histórias dele sempre tinham meninas diferentes.

Acho que você teria gostado do meu pai. Queria que pudesse conhecê-lo.

Gostaria de ter histórias loucas sobre meus anos de universidade para contar aos meus filhos algum dia. Queria ter qualquer piada para contar, na verdade. Eu costumava desejar que, se algum dia eu me apaixonasse por alguém, acontecesse de um jeito estranho, divertido e fofo, que fosse uma boa história para contar às crianças.

Obviamente isso não vai acontecer, já que não tenho nenhuma possibilidade de namoro vivendo no vácuo infinito do espaço e tal, mas eu era uma menina iludida. Eu tinha muita imaginação.

Enfim, se estiver procurando coisas para fazer, você definitivamente deveria assistir *Loch & Ness*, se é que já não viu. É ótimo. E, como eu disse, você me lembra bastante o Jayden. É engraçado como vocês são parecidos. É uma baita coincidência.

R

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

274

**De:** Eternity

**Enviado:** 04/04/2066

**Para:** Infinity

**Recebida:** 27/05/2067

Romy,

Estou bem surpreso com o quanto sinto falta da Terra. Não esperava que fosse tão ruim, porque, quando estava em terra firme, eu passava o dia inteiro desesperado para que a missão começasse de uma vez.

Não tenho por que reclamar, mas fico tendo essas pontadas terríveis no estômago, que vêm do nada. Toda vez leva um tempo até eu perceber que é porque sinto falta de casa. Só queria estar ao ar livre.

Eu nunca soube o quanto precisava do céu, do chão ou do vento.

Aqui estão as coisas de que mais sinto falta de casa, agora que estou longe por quase dez meses:

- Caminhar sem rumo em qualquer direção que eu quiser e nunca dar de cara com uma parede ou andar em círculos
- A textura da madeira (tudo aqui é feito de plástico ou metal, ou então metal coberto de plástico)
- Livros de verdade, de papel, com páginas, cheiro de tinta e lombadas que possam ser dobradas
- Banho quente
- Sentar em um bar com a condensação de um copo gelado escorrendo pelos dedos
- O cheiro de perfume no cabelo de uma garota
- Tudo nas garotas em geral: as risadas, os sorrisos, a pele macia e... Certo, vou me autocensurar oficialmente aqui. Desculpe.
- Cães
- Ficar bêbado de verdade. Estou atrás de novas formas de relaxar sem cerveja
- O som da chuva contra as janelas de manhã, quando você acorda e sabe que não precisa se levantar por pelo menos mais uma hora
- O canto dos pássaros

Não consigo parar de pensar em levar você para a Terra, mesmo que isso nunca vá acontecer. Adoraria ver seu rosto da primeira vez que visse neve ou acariciasse um gatinho. É como se eu encarasse tudo diferente agora, porque vejo na sua perspectiva. Quero presenciar sua reação a tudo, do raro ao comum.

Estou gostando bastante de escrever para você, Romy. Nunca tive uma amiga por correspondência antes. Tive uma namorada na faculdade que me fazia escrever cartas

para ela durante as férias — mas acho que era só para mostrar às amigas. Ela nunca escrevia de volta.

Beijo,  
J

**De:** Infinity

**Enviada:** 27/05/2067

**Anexos:** Audios-relaxamento.mp3 [4 MB]

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 05/08/2067

J,

Queria poder visitar a Terra com você. Isso soa maravilhoso. Obviamente, nunca estive lá, então não posso dizer do que sinto saudades, mas enumerei o que mais gostaria de conhecer:

- Abraços em grupo
- Escapar por pouco de ser atropelada em uma rua de Nova York
- Velas! Qual é a dessas coisas?
- Poder tocar piano de verdade em vez de um teclado elétrico
- Areia movediça — com que frequência uma pessoa fica presa nesse troço? Algumas vezes por mês?
- Colares de flores
- Teias de aranha
- Cerveja. Nunca fiquei bêbada. Não tenho como saber qual é a sensação. É parecido com quando você acorda de um sonho ótimo e por um momento não consegue se lembrar do que é vida real e do que é o desejo mais sombrio do seu inconsciente? E aí tudo fica um pouco nebuloso? É assim que eu imagino, de toda forma
- PISCINAS. O OCEANO. BANHEIRAS. Como é flutuar na água? Parece assustador

Mas acho que, principalmente, quero apenas conhecer você. Eu deixaria a Terra um pouquinho de lado caso pudesse encontrá-lo pessoalmente.

Beijo,  
R

P.S.: Depois que li seu e-mail, vasculhei os arquivos de mídia e encontrei algumas gravações de pássaros cantando e barulho de chuva. Nunca vi ou ouvi um pássaro antes, mas alguma parte ancestral do meu cérebro deve reconhecer o som. No minuto que o canto do pássaro começou, uma paz instantânea se apoderou de mim. Meu cérebro deve estar programado para achar esse som calmante. Não é à toa que você gosta tanto. Estou enviando os áudios para que você possa ouvir sempre que estiver com saudades de casa. Coloquei o barulho da chuva como meu alarme de manhã, então será como se estivéssemos juntos, escutando a mesma chuva do lado de fora da janela.

Quando penso em todas as possibilidades do que poderia ter acontecido, fico enjoada. Se a guerra irrompesse antes da *Eternity* ser lançada, eu teria ficado sozinha. Teria ficado completamente abandonada, sem a companhia de J.

Tenho muita sorte. No que poderia ser a pior e mais isolada época da minha vida, recebi a melhor amizade. É como se fosse o destino, como se J tivesse sido mandado para me guiar pela escuridão e me manter sã.

Sem o J, eu não seria nada. Seria menos do que nada — estaria esquecida. J se importa comigo. J está ao meu lado agora que ninguém mais está. Ele até colocou um beijo no final do e-mail. Um beijo para mim!

Hesito antes de mandar a mensagem e releio a parte sobre nunca ter ficado bêbada. Faz com que eu pareça imatura. *Todo mundo* bebe nos filmes. Os personagens ficam bêbados toda hora, como se não fosse nada. J vai achar que sou um bebê por não saber qual a sensação. Deleto o parágrafo antes de enviar.

À noite, me flagro abrindo o cofre do meu pai para encarar sua garrafa de uísque. Ela está em uma caixa de aparência cara: preta com letras douradas. Tem o dobro da minha idade. Meu pai a estava guardando para quando aterrissássemos no planeta novo. A tripulação não podia trazer muitos itens pessoais a bordo, mas a garrafa era um dos itens que ele trouxera. Minha mãe tinha escolhido trazer sua caixa de costura.

Levo a garrafa para a cozinha e sirvo um copo do líquido dourado. Posso muito bem fazer bom uso desse álcool. Vai ser interessante saber como é ficar bêbada, só para referência futura. Vai que J comenta sobre isso outra vez.

Antes mesmo de acordar, já quero estar dormindo novamente. Uma dor aguda atravessa meu crânio quando eu respiro. Meus cílios estão gosmentos de sono, e posso de fato *ouvir* o sangue pulsando nas orelhas. É bem alto.

*O que aconteceu comigo?!*

A última coisa de que me lembro é tentar decidir se o uísque teria um gosto menos horrível caso eu acrescentasse gelo.

Desde então, algo terrível deve ter acontecido. Há um enxame de vespas dentro da minha cabeça, zumbindo raivosas. Sinto como se estivesse morrendo. Definitivamente, peguei uma doença horrível ou algum tipo de fungo comedor de pele.

Mas não tenho energia para entrar em pânico ainda. Primeiro, preciso dormir por dez anos. Esfrego as pálpebras, tentando reunir energia para me levantar e escovar os dentes. Minha boca parece pastosa.

Isso não pode ser a ressaca de que todos os filmes falam. Simplesmente não pode. É terrível demais. Se esse é o resultado de beber, por que alguém iria se dar ao trabalho?

Um lampejo da noite passada se abre em minha memória: estou jogada no canto do sofá, cantando loucamente músicas de programas de TV e bebendo o uísque por um canudinho enfiado em um copo no chão.

Ah, é por isso.

Suspendo o corpo para ficar sentada e considero me aventurar até o banheiro em busca de paracetamol.

A área de estar está uma zona completa. Parece que tirei cada peça de roupa dos armários. As almofadas do sofá estão espalhadas pelo chão, como se eu tivesse preparado um caminho de pedras para jogar “O Chão É Lava” — da forma como eu fazia com meu pai.

Grunhindo, engulo a seco um comprimido e me jogo de volta na cama. Não consigo lidar com essa bagunça agora. Nem quero ver o estado da

cozinha — tenho uma vaga lembrança de tentar fazer um sanduíche com quatro camadas.

Volto a dormir.

A Romy bêbada inventou uma grande pista de obstáculos feita com caixas de sopa de cogumelo. Fica no corredor e foi posicionada para que eu salte enquanto corro. Então creio que ela não seja das piores.

Mas, da próxima vez, vou beber menos uísque.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

266

Passo a manhã fazendo animais de fazenda em origami para acrescentar ao pátio da minha maquete de pacotes de comida. Vou dobrando cuidadosamente pedaços de papel marrom e branco, formando galinhas, porcos, cavalos e vacas. Eu os coloco ao redor da fazenda em grupos de dois ou três. Acho que preciso guardar mais pacotes para fazer um estábulo para eles — e talvez outra casa de fazenda. Eu podia fazer um laguinho de papel-alumínio e alguns patinhos de origami, isso se eu conseguir encontrar um diagrama de passo a passo para eles.

Estou tão ocupada trabalhando que já é meio da tarde quando reparo em um e-mail novo na caixa de entrada.

**De:** Terra

**Enviada:** 19/09/2065

**Para:** Infinity

**Recebida:** 04/06/2067

Há um zumbido enorme em meus ouvidos. Acho que é meu próprio coração, batendo como um alarme.

Uma mensagem... de Molly? Deve ser.

Fico encarando a mensagem, de repente morrendo de medo de abrir o e-mail. Não sei dizer o porquê, mas me sinto enjoada. Estou esperando por esse momento há meses. Agora que ele está aqui, eu preferia que não estivesse.

Minha vista treme, vacilando junto com a respiração. Tudo parece se equilibrar na cabeça de um alfinete. E se forem más notícias? E se algo aconteceu com Molly?

Eu estava finalmente me acostumando a ficar sem contato com a Terra. Estava feliz de novo. Não quero perder essa sensação.

Preciso abrir a mensagem. Sei que preciso. Quero. Mas... e se for um erro? E se o computador tiver dado pane e não existir mensagem nenhuma? Eu me preparo para o pior.

Clico.

Uma página de texto ocupa a tela. Levo mais tempo do que deveria para entender por que não consigo lê-la: está em um idioma diferente, com um alfabeto não familiar.

Puxo o tradutor, insiro o texto nele e espero até a mensagem ser processada.

**De:** Terra

**Enviada:** 19/09/2065

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Para:** Infinity

**Recebida:** 04/06/2067

Prezado senhor/senhora,

*Nota: Esta mensagem é dirigida à comandante R. Silvers da nave Infinity, proveniente da Terra. Caso chegue quando a comandante Silvers não estiver mais em serviço, esta mensagem deve ser repassada a seu sucessor.*

Escrevemos para informar que a *Infinity* e a unidade de transmissão da Terra estão agora sob controle de nossa nobre União da República do Povo. Os Estados Unidos da América foram desfeitos em 2 de julho de 2065, e os países da América do Norte foram absorvidos pela URP, assim como todas as suas organizações científicas.

Damos as boas-vindas a você como nova cidadã e representante da URP de agora em diante, e depositamos grandes esperanças nas missões da *Infinity* e da *Eternity*.

Desde o último contato, o cenário político na Terra mudou consideravelmente após a poderosa vitória da URP na Terceira Guerra Mundial. Independentemente disso, esperamos que a *Infinity* não tenha passado por interrupções similares e ainda esteja operando com tranquilidade.

A URP está no processo de instalar novas antenas para detectar mensagens, pois uma das originais foi destruída durante o bombardeio da Europa. Esperamos receber comunicações da *Infinity* sempre que você julgar necessário, e aguardamos ansiosos por uma confirmação de que a nave ainda está em curso rumo ao Planeta HT 3485 c.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Eu não... não consigo... Não faz sentido. Não consigo nem... o *quê*?

Bombardeio da Europa?

*Molly*. Ela está bem? Ainda está viva?

A mensagem não fala nada. *Molly* poderia estar morta e eu não saberia de nada.

É meu pior pesadelo tornando-se realidade. Não consigo segurar os pensamentos que passam por minha cabeça. Quando tento focar, tudo sai do meu alcance. Não consigo parar de pensar em *Molly* enquanto uso os métodos que ela me ensinou para ficar calma. Se eu entrar em pânico, vou ficar completamente destruída.

Repasso a mensagem inteira, tentando processar de maneira objetiva.

A NASA foi tomada por outro governo. Não sei como me sinto com relação ao assunto. Quero ficar feliz de voltar a receber mensagens da Terra, independentemente de quem as esteja mandando.

Não é como se eu já tivesse estado na Terra. Não tenho nenhuma ligação real com qual governo está atualmente controlando o pedaço do planeta de onde meu pai veio — ou com o fato de a terra natal de minha mãe ter sido bombardeada. Está tudo acontecendo em um planeta que nunca vi. Mas ainda me sinto um pouco desconfortável.

Leio a mensagem de novo e de novo. As palavras soam cruéis, apertando meu coração. Pode ser apenas a tradução que torna a mensagem estranha e fria. Deve ser difícil para o software traduzir um tom com precisão. Se eu conseguisse ler a língua original, provavelmente seria uma ótima mensagem, muito receptiva e amistosa.

A URP muito provavelmente é legal. A próxima mensagem de texto que eu receber deles será totalmente normal.

Mas, se a guerra acabou em junho, então por que esperaram até setembro para entrar em contato?

Eu me jogo no sofá e, segundos depois, fico de pé outra vez, andando de um lado para outro.

Acho que não estão me contando a história toda.

De repente, me sinto mais solitária do que antes de a mensagem chegar.

Sinto saudades de Molly.

Preciso falar com J.

**De:** Infinity

**Enviada:** 04/06/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 10/08/2067

J,

Você recebeu uma mensagem da Terra? De algo chamado URP?

É a pior mensagem que já recebi — ainda pior do que a última enviada por minha amiga Molly. Estou tão assustada.

Preciso saber o que está acontecendo. Preciso saber se Molly ainda está viva. O que podemos fazer? Há *algo* que possamos fazer? Ou teremos apenas que ficar aqui, esperando, como sempre?

Não confio neles, J. Nada do que dizem faz o menor sentido. Estão mentindo para nós. Estou tão feliz de ter você aqui. Estou tão feliz que haja alguém em quem eu possa confiar.

Beijo,

R

**De:** Eternity  
**Enviada:** 30/04/2066

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 04/06/2067

Romy,

Acho que agora você também já recebeu a mensagem da URP. Entrei em contato com você assim que terminei de ler. Não queria que você lidasse com o e-mail deles sem que eu a preparasse antes — mas ainda não sei como me sinto. Desculpe se isso soa um pouco confuso, é tudo tão estranho.

Quero ficar bravo, eu *deveria* estar bravo. Essa ditadura tomou meu país. Eu deveria detestá-los, certo? Eu deveria, mas (e normalmente eu nunca admitiria isso, muito menos para uma garota) estou assustado, Romy.

Não há nada que eu possa fazer. Não tenho como ajudar meus amigos. Não sei o que eu faria se você não estivesse aqui também. Provavelmente viraria a nave e voltaria para a Terra, como um exército de um homem só. Eu tentaria salvar todo mundo e seria explodido por isso. Não consigo acreditar.

Beijo,  
J

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

261

**De:** URP

**Enviada:** 23/09/2065

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Anexos:** coordenadas-antena.txt [40 KB]

**Para:** Infinity

**Recebida:** 09/06/2067

Comandante Silvers,

Esperamos que tudo esteja bem na *Infinity* e que não haja motivos para preocupação com a nave. Agora temos antenas totalmente instaladas, prontas para detecção, então aguardamos receber suas atualizações para a URP. Se a *Infinity* cessou comunicações durante a Terceira Guerra Mundial, então se espera que nenhuma mensagem seja recebida por um ano ou mais. Porém, seguiremos verificando continuamente as transmissões durante esse tempo caso alguma mensagem tenha sido enviada durante a guerra.

Requisitamos um registro anual do sistema da *Infinity*. Você faria a gentileza de nos transmitir os detalhes de operação da sua nave para análise?

A URP deseja o melhor para a *Infinity* e expressa novamente contentamento em receber sua cidadania, assim como a da *Eternity*.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Faz cinco dias desde que a Terra enviou seu último contato, e ainda não estou entendendo nada. Examino cada palavra, tentando ler a verdade por trás das mensagens. O que é a URP? O que está realmente acontecendo na Terra? Eles mandam mensagens robóticas com muitas palavras, mas sem nenhuma informação.

Não sei o que pensar. Só sei que não confio neles. J também não. Estão obcecados em comandar suas novas naves e nada interessados em nos dizer o que está acontecendo de verdade na Terra.

O que aconteceu com Molly? Ela ainda está trabalhando para a NASA ou para a URP? Será que está viva? Preciso saber, e nunca vão me contar.

A URP sabe que as mensagens são nossa única comunicação com a Terra, mas ainda assim nos tratam como sistemas de computador dos quais precisam para repassar ordens. Eu me recuso a mandar para eles qualquer informação sobre minha nave, pelo menos até saber que posso confiar mesmo neles.

O banco de dados da nave costumava transmitir para a NASA, mas parou de fazer isso quando as antenas deles caíram. Não vou começar a mandar informações para a URP. Sabe-se lá o que vão fazer com os dados. Não sou idiota.

Eles não têm o direito de dizer para mim e J o que fazer. Eles não construíram essas naves. Não são nossos donos.

**De:** Eternity  
**Enviada:** 15/05/2066

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 09/06/2067

Romy,  
Percebi hoje que estou de luto pela Terra.

Não acho mais que seja saudade, porque a Terra de que eu sentia falta só existe na minha lembrança. Se eu voltasse agora, tudo estaria diferente. Minha velha casa estaria irreconhecível.

Não me sinto triste sobre a URP, só me sinto entorpecido. Bem, isso não é totalmente verdade. Eu me sinto bravo e frustrado — o mesmo que senti quando meus pais morreram. Na época, eu não conseguia focar em nada além dessa fúria violenta, dizendo que eu tinha que fazer o necessário para compensar a morte deles.

Como você reage à dor, Romy? Como reagiu depois que seus pais morreram? Como eles se sentiram após a morte do restante da tripulação? Eles se sentiram culpados? A culpa os consumiu? Ou eles seguiram a vida normalmente?

Beijo,  
J

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

259

**De:** Infinity

**Enviada:** 11/06/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 15/08/2067

J,

Primeiro, sinto muito por estar respondendo só alguns dias depois. Levou um tempo para eu escrever. Eu queria fazer direitinho.

Sua reação me parece completamente compreensível. Cada um lida com a dor de uma forma diferente. A raiva é apenas um dos estágios possíveis.

Depois que meus pais morreram, eu não me senti triste — ou em negação nem nada dessas coisas que você deve sentir. Eu só fiquei com medo. Estava ocupada demais tentando descobrir como sobreviver a cada dia para ter tempo de sofrer de verdade. Acho que eu estava em choque.

Eu sabia que estávamos isolados aqui na nave, mas não me importava tanto com isso quando tinha meu pai para cuidar de mim.

Ele fazia tudo. Cozinhava, limpava e cuidava da nave. Meu pai me educou, me abraçou, me amou e leu histórias para que eu dormisse. Ele era meu melhor amigo. Meu único amigo. E, de repente, ele partiu.

Tudo o que meu pai fazia para mim, tive de fazer sozinha pela primeira vez. Eu não queria aceitar ser responsável por tudo aquilo. Como disse antes, até tentei retornar com a nave.

Eu me enrolava na cama e só saía quando minha bexiga apertava tanto que eu tinha de usar o banheiro, ou quando meu estômago exigia comida. Eu nem mesmo me deixava dormir porque, sempre que caía no sono, vinham esses pesadelos terríveis para reviver tudo o que aconteceu. Eu apenas assistia a *Loch & Ness* sem parar.

Tinha tanto medo dos meus pesadelos que costumava empilhar na frente da porta do quarto toda a mobília que não estivesse aparafusada. Não queria arriscar deixar alguém entrar. Eu tinha medo de ficar sozinha e medo de *não* estar sozinha ao mesmo tempo.

Essa foi minha vida, por dois anos, até que Molly começou a falar comigo e me resgatou de mim mesma.

Pode confiar: seja lá como você reaja à dor, será melhor do que eu fiz.

Meus pais são outro exemplo de como cada um reage de forma diferente. Depois que a tripulação morreu, ambos ficaram tão chateados... Eu era muito nova, mas absorvi aquilo. Ainda tenho pesadelos com os astronautas, o tempo todo.

Meu pai ficou muito triste, mas acho que o ajudava ter que manter o rosto alegre para a filha de quatro anos. Ele sustentou a rotina diária para o meu bem. Não se perdeu na dor.

Mas a minha mãe... ela não passou pelos estágios do luto como ele. Ela se trancou por completo. No primeiro ano, meu pai achou que ela fosse melhorar. Mas ela nunca

se recuperou. Na verdade, ficou pior.

Ela parou de falar com a gente. Depois parou de ficar no mesmo cômodo que nós. Ela não conseguia nem olhar para mim. Queria saber o que foi que eu fiz para merecer esse tratamento. Mesmo agora, me sinto culpada por qualquer coisa que tenha feito de errado.

Eu não tinha medo quando minha mãe estava assim, só ficava desesperada por atenção. Eu a amava tanto. Costumava implorar para que ela brincasse comigo, para que me notasse. Levava desenhos de animais e plantas que eu copiava para seus bordados, ou os biscoitos e bolos que eu tentava fazer. Nada funcionava.

Meu pai tentou ajudar. Ele a amava mais do que qualquer outra pessoa — mais do que eu. Ele passou anos e anos tentando tudo o que podia para ajudá-la a lidar com aquele trauma internalizado. Meu pai não parou de se esforçar, não até ser tarde demais. Não até eles morrerem por causa disso.

Só não se esqueça, J, de que você está lidando com tudo da melhor forma que pode, é o que importa. Jamais pense que você não é forte.

A URP também me deixa entorpecida.

Beijo,

R

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

254

**De:** URP

**Enviada:** 30/09/2065

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Para:** Infinity

**Recebida:** 16/06/2067

Comandante Silvers,

Para reiterar nossa última mensagem, caso ainda não o tenha feito, por favor, transfira todos os registros de seus sistemas para a Terra a fim de serem estudados. É de suma importância que recebamos essas informações, uma vez que nenhuma análise da nave foi captada pela URP ou pela NASA durante a guerra.

Os novos dados vão nos ajudar a examinar a missão e sugerir melhorias às condições de operação da *Infinity*. Também queremos garantir que os níveis de radiação e energia eletromagnética residuais não sejam nocivos à saúde.

Gratos pela sua cooperação como gesto de boa vontade. Mais instruções para novas melhorias chegarão nas próximas semanas.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Eu esperava que o último pedido da URP por informação fosse uma requisição casual, mas não era. Vão ficar me pedindo sem parar, até eu ceder e concordar. Vão tentar interferir em cada aspecto da minha missão. Eu sempre soube que ninguém na Terra confiava em mim para fazer isso sozinha.

Não é certo o que estão fazendo. Eles não podem assumir o comando no último minuto e mudar tudo! Envio uma resposta raivosa, incapaz de continuar segurando a língua. Vejo o e-mail ser transmitido. Cada *byte* de informação explode em meu peito, espalhando-se dolorosamente por mim.

**De:** Infinity

**Enviado:** 16/06/2067

**Para:** URP

**Data de recebimento prevista:** 07/03/2069

Prezado senhor/senhora,

Agradeço as tentativas de estabelecer uma colaboração pacífica entre a URP e a *Infinity*. Porém, lamento informar que não poderei acatar seus pedidos no momento.

Não me sinto confortável em enviar nenhuma informação sobre minha nave até saber mais sobre as circunstâncias em que a NASA foi assumida. Os detalhes sobre a

Terceira Guerra Mundial em sua primeira mensagem são um pouco vagos. Pode explicar melhor a situação?

Também gostaria de saber se uma funcionária da NASA chamada Molly Simmons ainda está trabalhando em minha missão agora que a chefia da NASA mudou de mãos. Ela se tornou uma cidadã da URP depois que a União conquistou a América do Norte? Ficaria muito grata se pudessem me informar o atual paradeiro e estado dela.

Atenciosamente,

Comandante Romy Silvers

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

253

**De:** Eternity  
**Enviada:** 09/06/2066

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 17/06/2067

Romy,

Quando eu era pequeno, nunca ia bem na escola. Odiava meus professores e achava as lições idiotas. Não conseguia funcionar em ambientes controlados — eu me dava melhor quando era deixado em paz para me virar sozinho.

Antes de morrer, minha mãe disse que, por mais que eu odiasse a professora, precisava fazer o que ela mandava porque ela era a chefe, e não eu. Minha mãe dizia que eu devia respeitar as autoridades, porque elas tinham sido colocadas como responsáveis por um motivo, mesmo que eu não gostasse delas.

Acho que é o caso da URP. Podemos não gostar deles — podemos até odiar tudo neles —, mas a União detém todo o poder. Não quero sentir como se estivesse vivendo no mundo de outra pessoa, onde há uma força externa me dizendo o que fazer. Mas eles têm todas as informações, e eu *preciso* saber o que aconteceu com meus amigos. Vou fazer tudo o que eles pedirem caso isso os convença a enviar detalhes do que aconteceu na guerra.

Temos que escolher com muito cuidado o que vamos nos negar a fazer. Desde que não nos prejudique, acho que a melhor forma é concordar com os pedidos da União. Se você não puder ajudar a URP por si mesma, então, por favor, faça isso por mim. Eles podem cortar todo o nosso contato com a Terra, e eu não suportaria isso. Não quando já estamos tão sozinhos.

Sinto muito. Queria poder fazer algo para protegê-la disso tudo — deles. Eu me sinto tão impotente. Tenho certeza de que você se sente do mesmo jeito.

Pelo menos não podem nos impedir de conversar um com o outro.

Beijo,

J

**De:** Infinity  
**Enviada:** 17/06/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 18/08/2067

J,

Queria ter esperado para ler o que você disse antes de responder à URP.

Meu pai sempre me ensinou o oposto da sua mãe. Ele me dizia para fazer o que eu achava certo — assim como quando ele e minha mãe ignoraram o conselho da NASA na época em que ela ficou grávida.

Eles deviam interromper a gravidez, trocar de turno com outro grupo de cuidadores e entrar em modo hibernação. Se tivessem feito isso, eu nunca teria nascido. Meu pai se manteve firme em sua decisão, mesmo depois do que aconteceu com os

astronautas. Ele dizia que alguém de fora de uma situação nunca é capaz de julgar de fato quais as melhores ações a serem tomadas.

Sempre acreditei nisso. Mas não levei você em conta. Não pensei em todas as pessoas que você deve conhecer na Terra, em tudo o que você pode perder caso a URP corte nossas comunicações. Não sou a única afetada por meus atos. Eu devia ter pensado em como tudo isso pode impactar você, em vez de apenas ficar brava.

Não vou mais mandar e-mails na defensiva para eles. Vou pegar leve. Não posso prometer que vou fazer tudo o que a URP pede, porque ainda não confio neles. Mas, de agora em diante, se os pedidos forem lógicos, vou ao menos pensar a respeito — por você.

Vou mandar para eles a informação que pediram. É uma boa ideia analisar os níveis de radiação residual, admito que é uma sugestão útil.

Beijo,

R

★ ★ ★

Nunca deveria haver apenas uma pessoa na *Infinity*. Deveria haver uma população inteira. Toda uma geração de astronautas treinados e preparados para esta missão. Eles foram colocados em hibernação por torpor — um tipo de sono inativo desenvolvido para missões de longa duração, como uma hibernação biológica. Eles permaneceriam em estase até a nave chegar ao novo planeta, onde teriam acordado sem envelhecer um único dia em mais de quarenta anos.

Meus pais foram a primeira dupla de cuidadores. Eles se voluntariaram para ficar acordados na parte inicial da jornada, comandando a nave e cuidando da segurança dos passageiros que dormiam, envelhecendo no processo. Eles foram treinados para viver sozinhos na *Infinity* e para se certificar de que tudo permanecesse operacional.

Se as coisas tivessem seguido conforme o plano, após cinco anos, meus pais teriam acordado outra dupla de astronautas e trocado de lugar com eles, deixando a nave aos seus cuidados enquanto prosseguiam para o sono de torpor. Mas eu nasci. Dizer que a NASA não ficou feliz é eufemismo. Meu nascimento significava que meus pais teriam de ficar acordados em vez de trocar de lugar com outra dupla de astronautas. Estragou o plano inteiro.

Com o passar dos dias, a NASA acabou aceitando o que aconteceu e criando uma nova linha do tempo para a missão. Meus pais deviam permanecer como cuidadores até eu completar dezoito anos, quando eu

estaria grande o suficiente para entrar na hibernação. E então nós três ficaríamos em estase e só acordaríamos quando chegássemos na Terra II.

Uma vez que isso ficou decidido, eu me tornei o orgulho da *Infinity*: a primeira criança nascida no espaço, a primeira de uma nova geração, o símbolo de tudo que a missão podia conquistar.

No fim das contas, sou apenas o símbolo de um fracasso.

Estou contando os dias até a *Eternity* me alcançar. Mantenho tudo escrito em um quadro na divisória de acrílico entre a cozinha e a área de estar.

Duzentos e cinquenta e três: o número de dias que terei que sobreviver sozinha. O número de noites nas quais terei que me preocupar em cuidar sozinha desta nave. Cada hora parece infinita e sem sentido agora que estou esperando por J.

Tentando me acalmar, decido que a música pode prover uma distração. Transformo os controles do computador em um teclado elétrico e começo a praticar acordes de piano. Toco as músicas mais barulhentas que conheço, aumentando o volume e enchendo a nave com o som das teclas até não me sentir mais tão pequena, silenciosa ou inútil.

Paro apenas quando meus dedos começam a doer. Então coloco uma música pop para tocar e canto o mais alto que posso. Saio pulando pela área de estar, dançando no sofá e tentando recapturar a felicidade despreocupada que eu sentia ao começar a falar com a *Eternity*, quando tudo ainda parecia tão esperançoso, só para variar.

Danço até não poder mais ignorar o fato de que não está funcionando, de que me sinto pior do que nunca. Caio no chão, tentando recuperar o fôlego. Olhando pela janelinha, encaro as estrelas em espiral até ficar tonta. Deixo que minha visão fique borrada, até que o brilho constante de uma nebulosa ao longe se torne vermelho e suave, depois azul, depois amarelo e, por último, o mais escuro e profundo dos verdes.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

249

**De:** URP

**Enviada:** 04/10/2065

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Anexos:** Linux-Infinity-OS.zip [17 TB]

**Para:** Infinity

**Recebida:** 21/06/2067

Comandante Silvers,

Julgando pelas avaliações da antiga NASA sobre os dados da *Infinity*, você deve alterar vários elementos de estilo de vida a fim de melhorar a eficiência energética e a expectativa de vida do sistema em todos os cenários.

Nas próximas vinte e sete horas após o envio desta mensagem, iremos transmitir um programa grande para a *Infinity*. Por favor, instale o sistema operacional em seu computador. Ele contém várias atualizações para os subsistemas de Comando, Controle de Dados e Dados de Navegação, que estão mais de uma década desatualizados. Isso vai permitir um controle mais autônomo dos equipamentos da nave, trazendo melhorias na propulsão e no controle translacional e de altitude do observatório de telescópio de raio X.

Este software já é utilizado a bordo da *Eternity*, mas a NASA decidiu que não valia a pena pagar o custo de transmissão da Terra para atualizar o sistema da *Infinity* também. Porém, a URP considera o gasto válido a fim de garantir que quaisquer erros no sistema sejam resolvidos. Não queremos ter falhas de operação por problemas de código.

Gratos pela sua cooperação.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

★ ★ ★

Começo a ficar enjoada toda vez que abro um novo e-mail da URP. Mesmo entendendo que as mudanças sugeridas fazem sentido, ainda tenho que lutar contra meus instintos para aceitá-las. Algo me diz que este último pedido é um truque, que estão me mandando algum tipo de vírus. Que, se eu instalar o programa, eles vão conseguir abrir portas, desligar o sistema de sustentação de vida e me deixar sufocar. São inimigos. Não posso confiar neles.

Mas que vantagem a URP obteria em me mandar um software que danificaria a nave? Pelo que disseram, ganhar o controle da *Infinity* e da

*Eternity* parece ter sido uma grande vitória para eles na Terceira Guerra Mundial. Por que destruiriam as naves agora?

J está certo. Não posso deixar minhas emoções atrapalharem meu desempenho como comandante. Eu estaria prejudicando a *Infinity* caso não seguisse as instruções da URP para melhorar a nave. Tenho que fazer o que eles sugerem que é melhor, por mais que meus instintos digam para não confiar nessas pessoas.

Estava tão convicta de que a URP é algo ruim, de que só querem me machucar. Mas tenho que fazer o que eles mandam.

Vou esperar para ver como é o programa quando a transmissão chegar. Sei um pouco de programação. Vou ver se consigo identificar quais atualizações eles fizeram e se elas são realmente o que dizem.

De todo modo, serão setenta e duas horas até o upload. Posso mudar de ideia antes de o arquivo chegar.

Hoje é o aniversário de dois anos do lançamento da *Eternity*. Eu me pergunto se J está comemorando ou se está arrependido de ter deixado a Terra.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

247

O novo sistema operacional terminou de ser baixado e ainda não decidi se vou instalá-lo. Alguma coisa não parece certa. Não sei se é paranoia, minha ansiedade habitual ou se é realmente algo preocupante.

Queria poder conversar com J sobre isso em tempo real. Ele não parece saber que a URP me mandou atualizar o sistema operacional para aquele usado na *Eternity* — ou pelo menos não mencionou nada disso no último e-mail. Não há motivo pelo qual a União precise contar a ele, acho.

Também não é como se eu pudesse pedir a opinião de J sobre o que fazer. Levaria dois meses até ele receber minha mensagem. Precisarei tomar essa decisão sozinha.

Mesmo que a URP esteja genuinamente tentando me ajudar, com certeza haveria uma chance de eles estarem esquecendo alguma coisa, certo? E se o novo programa tiver um erro no código que acidentalmente desligue algo vital na nave?

Décadas atrás, uma espaçonave se espatifou em Marte porque a NASA confundiu as unidades de cálculo. Metade da equipe estava usando polegadas e o resto centímetros. A trajetória saiu completamente do curso, e a espaçonave se desintegrou na atmosfera.

E se a URP usar unidades diferentes da NASA? E se eu instalar o programa e a *Infinity* seguir para uma área diferente do espaço e nunca chegarmos à Terra II? E se ele alterar a rotação da nave e deixar a gravidade fora de controle, tornando a *Infinity* cada vez mais rápida até que a força centrífuga esprema meu cérebro através da coluna vertebral como se fosse mingau?

Há tantos motivos para ignorar a sugestão deles... mas *sempre* há motivos para eu me esconder embaixo do edredom e não fazer nada em vez de agir. Preciso começar a assumir mais riscos.

Se algo der errado, preciso acreditar que sou capaz de arrumar. Não há razão para eu não poder lidar com qualquer problema que surja. E vai valer a

pena, se isso for tornar a nave mais eficiente.

A URP não mentiu para mim ainda. J acha que eu deveria ouvi-los, e ele tem mais motivos para desgostar deles do que qualquer outro, visto que a União assumiu o controle de seu país.

Vou fazer isso. Vou instalar o programa.

Prendendo a respiração, clico no arquivo .exe e vejo a barra de carregamento avançar pela tela. Será que cometi um erro enorme ou acrescentei mais uma década de vida para a nave?

Acho que vou descobrir dentro de quinze horas, quando o programa terminar de instalar.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

246

Acordo com um e-mail dizendo que a URP decidiu encerrar minha missão. Eles cortaram a energia da *Infinity*. Não há nada que eu possa fazer.

As luzes ficam acesas por uma hora, e então, lentamente, uma a uma, começam a se apagar. Sigo os últimos vestígios de eletricidade de um cômodo a outro até finalmente estar no banco de genes, cercada por células flutuantes em líquido.

Então a última luz se apaga, e estou sozinha no escuro, cercada pelos mortos,

sozinha

para sempre

eles se movem

olhos abrindo

me encarando no escuro

não consigo vê-los

mas posso ouvi-los

murmurando

posso sentir seus dedos tocando meu rosto

os dedos se enrolando em meus cabelos

suas unhas macias

a pele saindo dos ossos

prendendo em minhas roupas

os embriões estão se desfazendo ao meu redor

buscando silenciosamente pela mãe

buscando a mim

e eu estou sozinha

no escuro

para sempre.

★ ★ ★

Acordo buscando ar.

Juro que as sombras se movem. Elas avançam pelo piso toda vez que afasto os olhos, lançando a silhueta de seus corpos alongados pelo piso da nave. Posso apenas ficar deitada na cama sob o peso daqueles olhares, dos olhos que me perseguem pelo canto da vista. Movimentos obscuros e abafados que avançam e recuam.

As sombras fazem peso, seguram meu corpo sob o edredom, e o antigo santuário infantil em minha cabeça diz que eles não podem me encontrar ali. As sombras se espalham pelo quarto, e tudo que posso fazer é olhar.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

245

Quando verifico a cabine de comando na manhã seguinte, a tela do computador me recebe com um azul brilhante, quase fluorescente. As palavras “olá, Romy” passam pela tela e desaparecem suavemente. Minha caixa de mensagens se abre sem eu ter que fazer nada, mostrando o e-mail mais recente de J.

Sorriso, já convencida de que aquilo foi uma boa ideia no fim das contas. O sistema parece novo e moderno — e, em comparação com o programa antigo, incrivelmente avançado. Em caso de emergência, vou ser capaz de reagir muito mais depressa. Pode acabar salvando minha vida.

Pela primeira vez, sinto-me levemente aliviada de ter a URP me mandando mensagens. Mesmo que não seja a NASA, é bom saber que tem alguém cuidando de mim.

**De:** Infinity  
**Enviada:** 25/06/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 24/08/2067

J,  
Tenho más notícias. A URP atualizou o software do computador da minha nave, e o novo programa tem uma sub-rotina de censura. Não consigo mais xingar nos meus e-mails, olha: \*\*\*\* \* \*\*\*\*\* \* \*\*\*\*\* \* \*\*\*\*\* \*

É ruim pra c\*\*\*\*\*!

Brincadeirinha. Quando xinguei a pedido seu antes, acho que foi literalmente a primeira vez que fiz isso. Não me importo com a censura — e o novo programa na verdade é ótimo. É o mesmo que você usa na *Eternity*. A versão anterior tinha *dezenove anos*, então esse é ridiculamente maravilhoso em comparação.

Minhas partes favoritas são os pequenos quebra-cabeças de lógica e a forma como posso projetar coisas nas paredes da nave.

Ainda não confio na URP — pelo menos não até me certificar de que Molly esteja bem. Mas eu seria idiota caso deixasse minhas emoções me impedirem de tirar vantagem dos presentes que eles andam oferecendo.

Espero que você esteja aguentando firme. Espero que, quando estiver lendo esta mensagem, a URP tenha finalmente dito onde estão seus amigos.

Beijo,  
R

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

233

**De:** Eternity  
**Enviada:** 12/08/2066

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 07/07/2067

Oi, Romy,

Ultimamente, só tenho pensado na URP. Sinto que estou atado em vários nós com eles. Por um lado, não confio na União, mas, por outro, eles fizeram algumas sugestões sobre a eficiência do sistema de sustentação de vida da minha nave que foram de fato bem úteis. Sei que estão pedindo para você fazer mudanças na sua nave também — o que provavelmente foi ainda mais útil, já que a *Infinity* é bem mais antiga.

Porém, eles venceram uma guerra mundial. Mal consigo pensar no que a guerra fez com o meu lar.

Neste momento, só queria um pouco de paz. Eu me sinto dividido em milhões de frentes, tentando me certificar de que sou bom o bastante para fazer meu trabalho direito, tentando descobrir como lidar com a URP — e não apenas por mim, mas também por você.

Não quero dar maus conselhos, sei que você provavelmente está passando pela mesma coisa que eu. Não desista de mim, Romy, ainda não. Estou chegando — aguente firme, só mais um pouco. Vai ser mais fácil quando estivermos juntos.

Argh, está mexendo comigo falar sobre isso. Não quero que toda mensagem que eu mande seja apenas sobre a URP. Eu odiaria parar de conversar de verdade com você por causa deles.

Beijo,  
J

## **DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:**

**221**

De manhã, acordo com o alarme de emergência apitando no computador. Uma lembrança envolvendo minha mãe lampeja na memória: ela se ajoelhando para me olhar nos olhos quando eu ainda era bem pequena.

— Agora, Romy — disse ela. — O que você faz quando escuta o alarme de emergência?

— Encontro você e papai?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Você encontra a máscara de oxigênio mais próxima. Coloca a máscara no rosto e espera até que a gente encontre você. Não faça nada até colocar a máscara.

Lembrando das palavras dela, procuro embaixo da cama, abrindo o painel que contém a máscara de oxigênio. Eu a coloco, respirando profundamente, e apoio o cilindro sobre o ombro. Corro até a cabine de comando para ler a mensagem do software da URP, já entrando em pânico.

### **FALHA DE SISTEMA NO ARMAZENAMENTO DE EMBRIÕES 12(c)**

AUTODESCONGELAMENTO COMEÇANDO EM 5... 4... 3...

Deu pane no resfriamento do banco de genes. Se eu não fizer alguma coisa, os embriões vão começar a descongelar. Serão destruídos.

Mal conseguindo respirar, atravesso o corredor até o banco de genes e reinicio o sistema. O computador lentamente volta à vida, e eu rezo para que vá depressa. Quanto mais segundos demorar para reiniciar, mais quentes ficam os embriões.

Uma eternidade depois, o sistema retorna e a mensagem de erro desaparece. Examino o subsistema para ver o que aconteceu, mas ele parece normal. Acho — espero — que o problema tenha sido resolvido.

Como isso foi acontecer? Os embriões podiam ter sido destruídos. Centenas de vidas em potencial podiam ter sido desperdiçadas. Andando de um lado para outro no corredor, tento processar a situação. Ela me faz imaginar se há falhas acontecendo no hardware por toda a nave. Preciso começar a fazer análises. Agora mesmo.

**De:** Infinity  
**Enviada:** 19/07/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 08/09/2067

J,

Não fiz nada de produtivo hoje, só me preocupei com a nave, com a guerra e em ficar viva por tempo suficiente para chegar ao novo planeta, além de todas as outras preocupações passando na minha cabeça.

Tive alguns problemas com a nave recentemente — equipamentos quebrando, computadores dando pau, esse tipo de coisa. Não sei se é porque o novo software apresenta alguns bugs de execução enquanto se estabelece ou se é porque a nave é velha demais. Não sei qual opção eu preferiria.

Mal consigo dormir, porque, assim que vou para a cama, meu cérebro decide que precisa repassar cada erro, questão e estresse que aconteceu com a nave durante a minha vida inteira, analisando detalhes infinitos até que já são seis da manhã e tudo o que fiz nas últimas oito horas foi olhar para o teto em pânico por coisas que aconteceram cinco anos atrás.

É ótimo.

Beijo,

R

## **DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:**

**203**

O novo software acha que algo precisa ser substituído nas unidades de ar-condicionado. Ele tem uma sensibilidade bem mais aguçada do que o software antigo e acha que houve uma diminuição de 0,5 por cento na eficiência da reciclagem de oxigênio durante o último trimestre. Se algo estiver quebrado, isso significa que podemos ficar sem oxigênio antes de chegar à Terra II.

Mesmo que eu saiba que é urgente, não quero fazer isso. As unidades de ar-condicionado ficam na sala ao lado da enfermaria. Só de pensar fico tonta. Evito essa área da nave já faz anos. Não posso ir lá agora.

Mas o computador diz que preciso.

Eu me pergunto se posso esperar até J chegar aqui e fazer isso por mim. Ele não está tão longe, afinal. Perderíamos poucas semanas de oxigênio reciclado nesse tempo. Mas pode ser o tempo de respiração de que precisaremos desesperadamente algum dia.

O computador me diz que é urgente. Preciso fazer isso agora.

Sigo pelo corredor em direção à sala de ar-condicionado, meu corpo pressionado contra a parede oposta, o mais longe possível da entrada da enfermaria.

Quando me aproximo, não posso evitar sair correndo. Vislumbro um borrão da porta da enfermaria quando passo por ela, apenas o suficiente para ver que ainda está semiaberta, da forma como foi deixada anos atrás.

Bato o punho no botão para abrir a sala de ar-condicionado, mantendo os olhos fixos à frente. A porta parece deslizar bem mais lenta do que qualquer outra. Mergulhando no cômodo, apoio as costas na parede e puxo o ar. Consegui.

Assim que começo a prestar atenção, meu alívio desaparece. Porque posso ouvir algo.

Tem alguma coisa na sala comigo.

Seja lá o que esteja fazendo o ar-condicionado perder eficiência, está se movendo. Posso ouvir um rangido baixo por trás do zumbido silencioso das ventoinhas, sutil o suficiente para eu quase pensar que estou apenas imaginando.

Afasto o pensamento e dou alguns passos em direção às ventoinhas. Antes de meu pé atingir o piso, as luzes se apagam.

Todas as luzes se apagam; fico em um breu total.

Todos os músculos do meu corpo ficam estáticos.

Não consigo respirar. Não consigo pensar.

Não posso estar aqui, não agora, não durante uma queda de energia.

Minha mente viaja de imediato para a enfermaria, para os tanques de hibernação, para os astronautas, e um grito irrompe em minha garganta, agudo e curto. Jogo o corpo para trás, batendo contra a parede em um ângulo que machuca meu ombro.

Mas, pressionada contra a segurança da parede, consigo focar a mente. Quase imagino ser capaz de enxergar todas as coisas que avançam para mim na escuridão.

Minha boca sente gosto de vômito. Há vestígios brilhantes de luz passando por baixo das minhas pálpebras em meio ao breu.

Por que o corte de energia tinha que acontecer justo *agora*, quando estou tão perto da enfermaria?

Estou certa de que posso ouvir alguém se aproximando. O rangido baixo se transforma no eco de passos, aumentando pelo corredor em uma marcha constante, sem pressa. Um exército de astronautas vindo atrás de mim.

Por que as luzes não se acendem de novo? Quanto tempo demora para o computador reiniciar o sistema e...?

As luzes voltam, tão subitamente quanto haviam se apagado. Eu me viro, verificando todas as direções.

Estou completamente sozinha. É claro.

Volto a respirar, e parece ser a primeira vez que faço isso em horas. Sinto um aperto terrível no peito, quase um ataque de pânico. Eu o forço a ir embora, enchendo meus pulmões de ar.

Estou sendo ridícula. Foi só uma queda de energia. Só durou alguns segundos. Não vou deixar que esse medo histérico me domine.

Tudo em mim quer fugir, mas eu me forço a ficar parada.

Escuto. Espero.

Ali. O rangido. Eu não imaginei aquela parte.

Viro a cabeça de um lado para outro, tentando localizar o som. Dou um passo para mais perto das ventoinhas na parede dos fundos. Lá — à direita, mais embaixo, junto ao chão.

Eu me abaixo. Tento escutar.

O ruído está vindo de dentro do painel. Antes de abri-lo, não consigo resistir em olhar para trás, só para conferir de novo que nada está se aproximando de mansinho, mesmo que eu saiba que estou sozinha; estou sempre sozinha.

Abro o painel, fazendo careta para o rangido agudo da tampa. Para minha surpresa — e uma surpreendente decepção —, o problema é óbvio. Um dos parafusos segurando o ventilador de resfriamento está solto, e as bordas vibram levemente quando ele vira, produzindo um zumbido baixo que ecoa pela sala.

Aperto o parafuso outra vez. O zumbido para. O silêncio reina novamente. Começo a me preparar para passar de novo pela enfermaria.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

172

**De:** Eternity

**Enviada:** 19/02/2067

**Anexos:** Planilha-nuclear-134.pdf [330 KB]

**Para:** Infinity

**Recebida:** 06/09/2067

Bom dia, Romy!

O que tem para hoje? Estou planejando fazer um treino com pesos e depois ficar jogado comendo bobagem pelo resto do dia para desfazer todo o meu trabalho árduo.

Também fiquei me perguntando se eu podia ser atrevido e pedir sua ajuda com um problema de Física...

Eu sei, eu sei; sou qualificado em todo esse troço, então devia ser fácil. Mas perdi a prática muito rápido! Faz dois anos desde meu treinamento na Terra. Não é à toa que devo continuar fazendo cálculos regularmente. Meu cérebro precisa de exercício tanto quanto meu corpo — e, no momento, ele está definitivamente fora de forma.

Estou emperrado no Problema 6(a) da planilha que anexeï. A solução não faz sentido nenhum para mim. Alguma chance de você me ajudar?

Fico devendo essa.

Espero receber sua resposta em até oito meses!

Beijo,

J

**De:** Infinity

**Enviada:** 06/09/2067

**Anexos:** resposta-problema.pdf [280 KB]

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 09/10/2067

J,

Passei duas horas tentando resolver esse problema. Nunca tinha visto um desse tipo, então obrigada por me enviar (achei bem mais empolgante do que deveria. Uau, alguém me mandou novos cálculos para fazer)!

Enfim, acho que você deve ter se esquecido de levar em conta os limites da integração por partes. O resto está quase todo certo. Anexeï algumas notas caso você ainda esteja empacado, apesar de você provavelmente já ter percebido seu erro logo após me mandar a mensagem.

Desculpe pela letra horrível — não é tão bonitinha quanto a sua (adorei os rabiscos na margem, por sinal! Éramos nós? Parece que estamos na melhor festa de todos os tempos).

Obrigada mesmo por me perguntar sobre isso. Foi meio que uma epifania. Venho lutando com problemas de Física há anos — é como se a ansiedade tivesse construído um bloqueio na minha mente. Enquanto eu estava resolvendo esse problema, tive um

ataque de pânico e quis desistir, como de costume. Mas eu sabia que tinha que resolver isso para você, então me forcei a seguir em frente.

Com sorte, a barreira não vai voltar. Odiei meu cérebro por me impedir de avançar nos estudos.

Beijo,

R

# DESTINADA

*por GarotaSolitaria*

**Fandom:** *Loch & Ness* (2042)

**Relacionamento:** Lyra Loch/Jayden Ness

**Tags:** Conteúdo adulto (NSFW)

**Resumo:** Algumas pessoas estão destinadas a ficar juntas.

*Nota da autora: estou tendo um dia bem bom.*

Lyra e Jayden não perderam tempo com conversas. Jayden correu a mão pela mandíbula de Lyra e pressionou os lábios contra os dela, abrindo a boca, derramando toda sua emoção no gesto. Lyra estremeceu, buscando o cotovelo dele para firmar melhor a mão de Jayden em sua bochecha.

Gemendo com o beijo, J deslizou a outra mão pela cintura de Lyra, a ponta dos dedos roçando a pele sob a camisa.

Ela percorreu o desenho da cintura dele, puxando-o para perto do próprio corpo e entrelaçando a língua dos dois. De repente, o beijo esquentou. Ela soltou um gemido e se afastou, fechando os olhos e tentando recuperar o controle.

A mão de J se afastou, lenta o suficiente para provocar arrepios na coluna de Lyra.

— Esperei tanto tempo por esse momento — disse Jayden, o nariz pressionado na bochecha dela. — Não consigo pensar em nada além de conversar com você.

Ele a beijou outra vez, como se não pudesse evitar.

Fim.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

171

Quando terminei de escrever minha última história, reli o texto em busca de erros de gramática e ortografia. Só na terceira releitura foi que notei ter escrito J em vez de Jayden em alguns trechos: *Gemendo com o beijo, J deslizou a outra mão pela cintura de Lyra, a ponta dos dedos roçando a pele sob a camisa.*

Agora que vi por escrito, não posso evitar mentalizar J no lugar de Jayden — mas é a mim que ele está beijando, não Lyra. De repente, sinto o corpo todo esquentar. A imagem de J me beijando arde em minha mente, e não consigo afastá-la. Por um segundo, penso que meu coração parou. Não consigo lembrar como fazê-lo bater de novo.

J e eu, beijando. A mão dele passando pela minha barriga, pelo meu peito... Traço o caminho de seus dedos com os meus, e minha pele reage, arrepios correndo pelo corpo e me fazendo perder o ar.

J malha. Ele provavelmente é forte o suficiente para me empurrar contra a parede. Sua mão grande seguraria meu rosto com facilidade, e seu polegar pressionaria minha boca para fazê-la se abrir. Ele tocaria meu lábio inferior com a pontinha da língua e acariciaria a pele sensível da parte de dentro, provocando, assim como os homens dos romances fazem com as mulheres que amam.

Fecho os olhos e visualizo J empurrando uma perna por entre as minhas. Pressiono a base da mão entre as pernas, aproveitando a sensação que sobe pelo meu corpo. Mas então a retiro depressa.

Não posso fazer isso — não com J. Não com o único amigo que tenho.

Não sei como isso nunca me ocorreu antes, considerando que passei cada hora acordada pensando nele... mas talvez eu tenha um *crush* em J.

De repente, estou muito confusa. Acho que posso estar me encaminhando para uma decepção amorosa — mas eu nem sabia que isso estava acontecendo. Achei que estava apenas feliz por ter um amigo, alguém com quem conversar depois que todos na Terra me abandonaram. Não percebi que podia sentir atração por alguém que nunca vi.

Eu me pergunto o que fazer agora que sei disso. Porque já prevejo que não tem volta.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

162

**De:** URP

**Enviada:** 22/12/2065

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Para:** Infinity

**Recebida:** 16/09/2067

Comandante Silvers,

A análise de eficiência da nave *Infinity* continua. Assim que o novo software estiver operando normalmente, por favor, limite o uso de água em dez por cento, reduzindo a duração do banho em um minuto por dia. A medida deverá aumentar a utilização de recursos *in situ* e minimizar a perda de energia. Isso vai garantir que o equipamento esteja operando em alto nível de performance durante toda a missão da *Infinity*.

Gratos pela sua paciência enquanto novas ordens estão sendo determinadas. Mais instruções nas próximas semanas.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Os modos engenhosos que a URP inventa para economizar energia sempre me pegam de surpresa. São tão óbvios que me fazem sentir ainda mais culpa por eu mesma não ter pensado neles.

As falhas do computador ao longo da nave têm sido cada vez mais frequentes. Agora a luz parece apagar dia sim dia não, mesmo eu tendo verificado qualquer possível erro sem encontrar nada. Comecei a carregar uma lanterna comigo para todos os lados.

Não sei se é uma queda de energia, uma falha nos circuitos ou no software que está causando os problemas no computador, mas não posso arriscar fazer algo que desligue os freezers ou as luzes novamente — ou, pior, o sistema de sustentação de vida. Se isso acontecesse, eu poderia estar morta antes mesmo de perceber.

Faz sentido economizar energia como a URP está sugerindo, mesmo que ela não seja a raiz do problema. Preciso fazer isso. Não tenho dúvidas sobre o assunto. A URP esteve certa sobre todo o resto até agora.

**De:** Eternity

**Enviada:** 22/03/2067

**Para:** Infinity

**Recebida:** 16/09/2067

Romy,

Tenho pensado muito em “comida da Terra” hoje. Não é que eu não adore explorar o universo, mas existem muitos percalços que acabam vindo junto. Um deles definitivamente é a culinária zoada.

Sei que você nunca comeu comida de verdade, apenas esse troço desidratado horrível, mas eu comi. Sinto mais falta do que achei que sentiria. Eu daria quase tudo por: uma pizza, tão quente que até queima a língua; um Big Mac, com aquele queijo de plástico derretido e maionese; um balde do KFC, com frango frito perfeitamente crocante; um burrito, transbordando de guacamole e molho de tomate.

Mas nunca mais terei nada disso, então acho que vou ter que me virar com a comida de hoje, que aparentemente é... sopa sólida de rabada. Um verdadeiro desafio.

Beijo,

J (bem faminto e frustrado)

**De:** Infinity

**Enviada:** 16/09/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 16/10/2067

J,

Sinto muito que a comida da nave não seja do seu gosto. Quando você chegar, vou fazer um bolo de chocolate à la Romy. Vai fazer suas papilas gustativas explodirem de prazer (não se empolgue tanto, é uma receita que criei quando tinha nove anos, feita basicamente de pudim de chocolate. Também não há nenhum ingrediente aqui para fazer bolo).

Beijo,

R

★ ★ ★

As coisas que conto para J acabam sempre mais íntimas do que eu pretendia. Minhas palavras me traem. A cada e-mail, eu me torno mais vulnerável, mostrando a J o quanto ele significa para mim.

Desde que percebi o que sinto por ele, fiquei obcecada. Literalmente não consigo parar de pensar em nós dois. A ideia de que vamos criar a próxima geração de humanos faz uma corrente elétrica atravessar meu corpo. Vamos ser Adão e Eva do novo planeta. É a coisa mais romântica que já vi. Quando penso em J, penso que ele é minha alma gêmea, para sempre. Que é *meu*.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

156

Estou mastigando um pedaço de bife especialmente duro com caldo de feijão preto quando sinto uma pontada aguda na mandíbula. Cuspo a carne na mão e esfrego o polegar no dente. A dor atravessa minha gengiva, tão forte que me faz lacrimejar.

Ando notando há um tempo que meu dente dói sempre que bebo água gelada. Mas ignorei o problema, esperando que passasse sozinho. Agora não acho que vá passar.

Existe uma máquina odontológica a bordo que faz cirurgias e check-ups dentários — é só colocar a boca lá e ela faz tudo sozinha —, mas não a uso faz quatro anos. Está na enfermaria. Prefiro passar pela dor a entrar naquela sala.

Largo o bife com caldo de feijão e como um mingau, mastigando cuidadosamente com o lado esquerdo da boca para a comida não tocar o dente que dói. Posso viver assim. Vai ficar tudo bem.

*Mas dói bastante.*

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

146

**De:** Eternity

**Enviada:** 11/05/2067

**Para:** Infinity

**Recebida:** 02/10/2067

Quando acordei, decidi que hoje não seria um daqueles dias que fico jogado vendo TV. Decidi fazer algo produtivo. Então andei treinando protocolos de aterrissagem o dia inteiro.

A simulação para aterrissar no novo planeta é basicamente um videogame, não é? Na minha versão, existem pequenos avatares nossos, que dão pulinhos quando a nave chega em terra firme.

Toda vez que vejo, acho ainda mais difícil acreditar que um dia seremos nós. Parece que estou viajando para sempre.

Beijos,

J

Na minha corrida hoje, tive a ideia de usar o novo software da URP para tornar minha rota mais interessante. Posso projetar outros corredores nas paredes e fazê-los competir comigo pela nave.

Vasculho os arquivos no HD e pesquiso alguns videogames velhos de Wii Fit com cenas de corrida. Acrescento dois novos avatares ao jogo, para que pareça que estou competindo com Jayden e Lyra.

Para minha alegria, de fato funciona.

Deixo Jayden ganhar, para que eu possa ficar olhando, suada e ofegante, enquanto o avatar levanta os bracinhos. Ele comemora a vitória com uma dancinha ridícula, com fogos de artifício ocupando a tela por trás dele.

Estou tomada de gratidão pela URP por me dar algo tão legal. Com o novo software deles, é como se de fato tivessem *me mandado um Jayden Ness*. Um modelo em tamanho real dele!

Pressiono a mão na parede, ficando tão perto que o rosto sorridente do avatar é apenas um borrão de pixels, e desejo com cada átomo do meu corpo que tudo não fosse apenas uma simulação, que Jayden estivesse realmente aqui comigo.

Fico pensando como será quando as naves finalmente emparelharem. J e eu vamos nos abraçar, envolvendo um ao outro por segundos intermináveis. Na minha cabeça, ele tem cheiro de limão e madeira. J vai tirar o cabelo do meu rosto, e seu dedão vai percorrer em movimentos lentos o dorso da minha mão.

Quero que isso se torne realidade. Logo.

Mal posso acreditar que vou poder falar com J todo dia. Mal posso acreditar que ele esteja tão empolgado para me conhecer como eu estou em conhecê-lo, que ele nos vê juntos na Terra II.

Hoje ele colocou mais de um beijo no final do e-mail. Já estamos tão longe de quando nos chamávamos de comandante Silvers e comandante Shoreditch.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

144

**De:** URP

**Enviada:** 07/01/2066

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Para:** Infinity

**Recebida:** 04/10/2067

Comandante Silvers,

Esperamos que esteja tudo bem na *Infinity* e que nenhum problema esteja ocorrendo com o sistema. Escrevemos hoje para pedir que, dando prosseguimento à conservação da água, você reduza seu tempo de banho pela metade a fim de aumentar a eficiência e também reduza as descargas apenas ao mínimo necessário.

Isso vai economizar o processamento químico da água de esgoto assim como a produção elétrica de calor.

Gratos por sua cooperação.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Sei que as intenções da URP com as sugestões de eficiência são boas, mas já está bem difícil reduzir o banho em um minuto. Tenho que desligar a água enquanto passo o xampu e o sabonete, daí ligar de novo para tirar tudo. Não consigo me imaginar ficando devidamente limpa na metade desse tempo.

Mas a URP está certa. Não devo abusar dos meus privilégios.

Tudo isso parece lógico. Embora exista uma paranoia desabrochando em minha cabeça, para variar. Não há razão para ficar assustada com essas sugestões úteis, mas meu cérebro não quer escutar.

Provavelmente, é só porque meu dente ainda dói. Fica mais e mais dolorido, e agora há uma dor aguda e contínua em minha mandíbula. Sempre que me viro durante o sono, acordo com a pressão do travesseiro no rosto.

Verifiquei o inventário da nave, e não há um kit ortodôntico no estoque. A enfermaria é minha única opção. Mas só a ideia de entrar naquela sala faz com que lágrimas brotem em meus olhos.

Em vez disso, tomo um antibiótico do kit de primeiros socorros que fica na área de estar, esperando que seja o suficiente para matar qualquer infecção que esteja causando a dor.

## **DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:**

**141**

Os antibióticos não fizeram nenhuma diferença na minha dor. Na verdade, está pior. Agora dói o tempo todo.

Sei que é minha culpa deixar o dente ficar tão ruim assim. Há anos venho ignorando o aviso do computador sobre o check-up odontológico a cada seis meses, porque quero evitar ir à enfermaria. Ultimamente eu mal me lembro de passar o fio dental. Eu mereço essa dor.

Acendo uma lanterna dentro da boca, examinando o dente dolorido através de um espelhinho de mão. O molar está com uma cor marrom-escura. Está completamente podre.

Sentindo-me levemente enjoada, comparo meu dente com fotos de cáries no software médico. Julgando pelas imagens, é tarde demais para salvá-lo com uma obturação. Precisa ser extraído.

Vou ter que arrancar um dos meus dentes.

Eu queria poder fazer isso em algum lugar fora da enfermaria. O manual me diz que o equipamento odontológico de lá pode tirar o dente sem que eu precise fazer nada além de abrir a boca — e com uma anestesia local, então eu não sentiria nadinha. Parece fácil. Parece rápido. Mas não vou fazer dessa forma fácil.

Consigo visualizar exatamente o que está me esperando dentro da enfermaria. Não posso ir até lá.

Vou tirar o dente à moda antiga. As pessoas arrancam dentes há milênios sem a tecnologia espacial chique da NASA. Não preciso desse maquinário — só preciso de um alicate.

Li as instruções do manual de extração dentária, fazendo uma lista do essencial. Posso criar ferramentas odontológicas com utensílios de cozinha e costura. Desde que eu não tenha que entrar na enfermaria, tudo serve.

Encontro um bisturi, uma chave de fenda e um alicate no kit de manutenção. Tenho também um anestésico de potência média e ataduras do kit de primeiros socorros. Pego um pano de prato na cozinha para caso haja

mais sangue do que as fotos do manual sugerem. Também pego um pouco do uísque que sobrou na garrafa do meu pai.

Após esterilizar o equipamento com água fervente, preparo uma área limpa no banheiro para a cirurgia e troco de roupa, colocando um macacão velho. Esfrego a cápsula de anestésico na gengiva e espero fazer efeito enquanto leio as instruções pela sétima vez.

Quando a dor na mandíbula diminui nitidamente, não tenho outra escolha a não ser começar.

Pego o alicate. Fico tonta de repente. Ignoro a sensação. Sou uma mulher forte e independente, posso dar conta disso.

Tomando cuidado para pensar apenas no que estou prestes a fazer, prendo o alicate nas laterais do dente podre. Quando pressiono, uma dor lancinante atravessa minha mandíbula. Solto o alicate, ofegante. A ferramenta escorrega pelo piso e vai parar na base da privada.

Certo. Então talvez eu precise de mais uns anestésicos. E outra rodada de esterilização.

Quatro horas depois, há pedaços de dente, gengiva e sangue por toda a pia. Minha língua está seca e dura, pressionada contra o acolchoado onde costumava ficar meu dente. Mas ele saiu, e a mandíbula está anestesiada.

Em alguns momentos, quase me conformei a viver para sempre com um dente podre e meio mole pendurado na boca. Mas segui em frente, sabendo que, se eu desistisse, nunca reuniria coragem para tentar de novo.

Por fim, consegui alavancar o dente com a chave de fenda partindo-o em apenas três fragmentos. Considero um sucesso. Prometo a mim mesma que daqui por diante vou passar fio dental duas vezes ao dia, todo santo dia. Eu *nunca mais* quero fazer isso.

Ignorando a bagunça pós-cirurgia, eu me jogo na cama e caio de cabeça. Passei tanto tempo à base de pura adrenalina que estou exausta.

Estou certa de que amanhã meu rosto vai estar todo roxo, mas, por enquanto, só quero dormir.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

136

**De:** URP

**Enviada:** 14/01/2066

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Para:** Infinity

**Recebida:** 12/10/2067

Comandante Silvers,

Seguindo com as comunicações prévias a fim de gerar melhorias na *Infinity*, estamos trazendo novas requisições de mudança de estilo de vida.

De forma a garantir que a nave sobreviva à viagem em máximas condições, pedimos que reduza suas horas de uso de luz. Por favor, limite as horas efetivas de “luz do dia” para 90% do uso atual. Isso permitirá melhor eficiência energética.

Gratos pela sua cooperação.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Depois de ler o último e-mail da URP, abro o simulador de pouso e voo com a nave sem rumo ao redor do planeta.

Ser comandada a desligar as luzes é algo que eu não esperava. Cortar dez por cento das horas de luz significa quase duas horas extras de escuridão por dia. Creio que não vá ser tão ruim. Posso ir para a cama uma hora mais cedo e ficar deitada mais tempo de manhã.

Na simulação, chamas alaranjadas queimam o casco enquanto a *Infinity* passa pela atmosfera.

Definitivamente, vale a pena desligar as luzes mais cedo se isso significar o fim das quedas de energia. Acostumei com as luzes se apagando em momentos aleatórios, mas ainda é irritante — especialmente quando estou no meio de uma corrida e isso bagunça a minha cronometragem.

Enquanto a nave desliza sobre o deserto ocre da simulação, com poeira se erguendo para recebê-la, sou tomada por uma ânsia repentina de pisar no acelerador. Observo a *Infinity* bater na superfície do planeta, explodindo em chamas, pedaços de metal voando para todo lado. Fico satisfeita de uma forma que eu sei que não deveria ficar.

Reinicio a simulação e bato a nave no solo outra vez, observando os avatares de pessoinhas mergulhando em oceanos cobertos de gelo sob avalanches de vulcões repletos de neve. Minha pontuação vai diminuindo até eu estar no nível mais baixo, onde não tenho controle o suficiente para bater a nave.

Agora não consigo nem fazer o que quero em um *jogo de computador*. E minha gengiva ainda está tão dolorida que não consigo comer sem sentir dor.

Odeio tudo.

De acordo com o diagnóstico do software do sistema de ventilação, há um pequeno bloqueio em um dos painéis. O computador me diz que preciso trocá-lo antes que comece a afetar a performance máxima.

A estrutura da ventilação parece uma teia de aranha de túneis, cobrindo cada metro da nave. O bloqueio está marcado em vermelho no diagrama, algum lugar quarenta metros acima do banco de genes, nos depósitos. É bem alto. É mais perto do centro da nave do que jamais estive. Vou me aventurar pelo centro escuro da *Infinity*, que quase não foi visitado desde que ela foi construída.

Os suprimentos estão armazenados no centro da nave, no lugar onde ficaria a calota de uma roda. Há escadas a cada dez metros pelo corredor, um pouco como os aros da roda. Elas levam a diferentes partes dos depósitos, apesar de tudo estar conectado lá em cima. Tirando o combustível, é quase tudo comida. Tinha que haver suprimentos o suficiente para sustentar vários humanos por grande parte da vida, afinal. Isso não deixa muito espaço para nada além de produtos desidratados e medicamentos. Mas como agora estou sozinha, os suprimentos quase não foram tocados nesse ponto da jornada. Está tudo entulhado aqui.

Às vezes, tenho um desejo tão forte por alguma coisa que passo o dia todo mexendo em caixas, vasculhando a comida embalada a vácuo em busca de uma sopa de tomate ou chocolate. Dá para rastejar por todo o depósito se você for pequena o suficiente para se enfiar entre as caixas.

Agarro a lanterna e uma garrafa d'água e caminho até a escada de acesso que fica depois da área de estar e que leva para a seção de "variados" do depósito. O alçapão no teto abre com facilidade quando eu o puxo, e uso a lanterna para iluminar a abertura. É um túnel quadrado, pouco mais largo que meus ombros. Ele se curva suavemente para cima, até que a passagem desaparece fora de vista e minha lanterna se reduz a sombras bruxuleantes.

Conto cada degrau conforme subo, observando o brilho de luz da área de estar desaparecendo abaixo de mim. A gravidade no centro da nave é mais fraca do que nos outros andares, por causa da forma com que é criada através da força rotacional, e eu sinto meu corpo ficar mais leve. Se tudo não estivesse tão bem empacotado, a comida sairia voando como os astronautas mais antigos costumavam fazer.

O poço da escada se abre para um engradado de prateleiras, todas empilhadas com suprimentos. Fendas entre as pilhas formam caminhos, a maioria dos quais meu pai abriu quando a nave foi lançada. Acabo relaxando. É reconfortante estar aqui, cercada por todos os lados. Protegida. Sei que nada está vindo. Eu iria escutar qualquer coisa batendo nas caixas e espalhando pacotes de comida.

Se os astronautas viessem atrás de mim, nunca iriam me encontrar aqui. O pensamento me faz sentir segura, mesmo que eles sejam apenas fruto da minha imaginação.

Uma vez, encontrei uma seção inteira de equipamentos agrícolas, com ferramentas e maquinário prontos para serem usados na Terra II. Havia até um veículo de exploração para todos os tipos de terreno. Eu costumava entrar na cabine dele quando queria algum lugar reservado para ficar emburrada.

Acima de mim, vislumbro algo escrito na lateral de uma caixa. Subo mais rápido para alcançá-la e aponto a lanterna sobre as linhas escuras e grossas em caneta piloto. Não são letras — é um rabisco de criança. Devo ter vindo aqui quando era pequena. Devia ser bem nova, porque não me lembro de nada.

Há três figuras de palito enfileiradas, de mãos dadas. Estão sobre um círculo irregular, que acho que deve ser a nave — ou talvez um planeta. Uma das figuras é bem menor do que as outras, com um grande semicírculo de sorriso aberto. Devo ser eu, percebo. O desenho sou eu, meu pai e minha mãe. Sinto uma pontada no fundo do estômago.

Na imagem, ela está sorrindo.

Viro a caixa para não ver o desenho e sigo em frente.

Após trinta degraus, começo a sentir dores nos membros por içar meu peso. Faço uma nota mental para treinar mais musculação. O mapa no meu tablet começa a piscar, mostrando uma rota até o painel de ventilação que está bloqueado. Tenho que rastejar por um poço horizontal entre as fileiras. Meu pai costumava me fazer rastejar em fendas assim para pegar

suprimentos no nível mais baixo quando eu era pequena o suficiente para deslizar entre as caixas.

Meu tamanho permitiu que eu me escondesse lá uma vez. Foi o que salvou minha vida.

Afasto o pensamento. Não posso pensar naquela época, não aqui, onde isso pode provocar um ataque de pânico.

Enfio o corpo para dentro do túnel. É apertado, mal tem espaço o suficiente para eu me mexer, e o metal é liso e escorregadio.

Enquanto me arrasto para a frente, penso que não vou conseguir me segurar e evitar cair de cabeça caso o poço se incline para baixo. Já estou lutando para manter registro da minha localização na nave. Mas é tarde demais agora, não há espaço suficiente para virar e dar meia-volta. Sigo em frente.

Dou com uma parede e olho ao redor em busca de uma escada. O mapa continua piscando. Começo a subir outra vez.

Estou na metade do caminho quando noto que meu corpo flutua. Agarro os degraus com ambas as mãos e olho para minhas pernas, dependuradas em pleno ar.

Estou flutuando? Estou flutuando!

Devo ter chegado bem no centro do depósito. Aqui em cima, no meio da nave, a força da gravidade artificial é mais baixa, e posso flutuar como uma verdadeira astronauta em uma estação espacial.

Mexo os pés, vendo-os balançar ao redor do nada, e solto uma risada feliz. Empurrando suavemente a parede com um dedo, vago pelo túnel com tanta facilidade quanto se estivesse debaixo d'água.

Meu cabelo enrola ao redor da cabeça, e eu me delicio com a forma como o mínimo toque pode me mandar voando em outra direção.

Interrompo o movimento quando o tablet solta um bipe em meu bolso. Devo estar perto do bloqueio. Analiso o mapa para me orientar. Aparentemente, existe algo obstruindo a abertura do painel de ventilação bem acima de mim.

O painel parece normal, mas talvez o bloqueio esteja do outro lado. Retiro os parafusos. Após um segundo, a tampa flutua para longe, e eu coloco minha lanterna lá dentro. Espero enxergar fileiras de caixas, mas, em vez disso, há pilhas de tecido bem dobrado.

Uma das pilhas caiu, e o material flutua no ar, amontoado contra a abertura do painel. Aparentemente, foi isso que acionou os sensores do computador.

É uma descoberta tão enorme que estou chocada. Nunca me ocorreu localizar os suprimentos de tecido na nave.

Existem caixas de roupas prontas para uso em diferentes tamanhos nos níveis mais baixos do depósito, mas é tudo unissex, no estilo funcional dos uniformes da NASA. Na maioria das vezes, isso significa macacões. Com tecido sem corte, eu poderia desenhar e fazer minhas próprias roupas do zero. Coisas bonitas, como vestidos, saias, cardigãs... e echarpes!

Minha mãe sempre costurava. Era uma das coisas que mais gostava de fazer depois dos astronautas. Ela desaparecia em algum canto nos fundos da enfermaria e brotava dias depois com um bordado elaborado que havia feito a partir de um velho cobertor ou toalha.

Meu pai e eu costumávamos elogiar as criações dela, e minha mãe sempre deixava as peças conosco enquanto separava mais material. Os bordados costumavam ficar pendurados nas paredes do corredor, suas cores fortes e desenhos abstratos iluminando as paredes cinzentas. Quando meus pais morreram, arranquei todos e coloquei no lixo orgânico. Queria não ter feito isso agora que a raiva diminuiu um pouco. Eram bonitos. Não tenho mais nada nas paredes, exceto os desenhos de giz de cera que eu costumava fazer quando criança.

Às vezes, se eu implorasse bastante e minha mãe estivesse se sentindo muito bem, ela me mostrava como usar a agulha ou dar um nó. Após poucos minutos, no entanto, ela apenas congelava, e aquela expressão horrível aparecia em seu rosto enquanto olhava para mim. Depois ela desaparecia na enfermeira, e só a víamos novamente quando levávamos comida até lá.

Eu nunca conseguia entender o que tinha feito de errado, o que em mim a impedia de me amar da forma como meu pai amava. Acho que eu era barulhenta demais, agitada demais para ela.

Pairando no local, puxo os rolos de tecido pelo túnel, limpando a obstrução. Definitivamente vou levá-los comigo.

Vejo um corte amarelo-mostarda brilhante e o acrescento à minha pilha, já planejando os trajes que posso fazer. Não consigo resistir em pegar também um roxo meio pálido e um verde-escuro bem vivo.

Envolvendo os materiais ao redor dos ombros, memorizo as outras cores que ainda consigo ver por ali, assim posso planejar o que fazer da próxima vez. Acho que vou voltar para a área de estar, estou me sentindo um pouco... cansada. Meus braços estão cheios de pequenos pontinhos, e me sinto meio trêmula, especialmente na base da coluna.

Quando chego ao nível do solo, meus lábios e a ponta dos dedos estão levemente anestesiados. Talvez eu esteja ficando doente? Quando estremeço dos pés à cabeça, a sensação me lembra o bichinho de um desenho animado tremendo na neve. Estou com *frio*, percebo, surpresa.

Nunca senti frio antes. A temperatura da nave é sempre mantida em um valor confortável.

As bolinhas nos meus braços devem ser os pelos arrepiados. Corro os dedos por eles, impressionada por meu corpo ser capaz de fazer algo tão estranho depois de todo esse tempo, sem que eu soubesse.

Eu me enrolo em um cobertor, tentando descobrir por que de repente estou congelando. A temperatura diminuiu de alguma forma?

Na cabine, há outra mensagem de erro na tela, de horas atrás.

## **FALHA DE ENERGIA NO AQUECEDOR 43 (F)**

O sistema de aquecimento deve ter falhado enquanto eu estava no depósito. Não é à toa que estou tremendo — a temperatura da nave caiu seis graus. Tenho sorte de que apenas um dos quadrantes de aquecimento falhou. Se todos os reguladores de temperatura da nave tivessem desligado, eu teria morrido, congelada no túnel enquanto o calor vazava no espaço e a temperatura caía abaixo de zero.

Reinício o aquecedor, enrolando mais cobertores no corpo enquanto o sistema passa a funcionar de modo acelerado para aumentar a temperatura outra vez. Começo a analisar o sistema de dados para tentar isolar o que exatamente deu errado, mas termino encarando a tela, perdida em pensamentos. As letras ficam borradas, duplicando diante de meus olhos.

Não entendo por que há tantas falhas acontecendo depois que o novo software foi instalado. É natural que um novo sistema tenha alguns bugs, mas isso é ridículo. Primeiro o resfriamento dos embriões, depois o ar-condicionado e a iluminação, agora o aquecimento.

Não tenho ideia do que fazer em seguida. Tentei tudo. Ainda não consegui descobrir de onde todos esses defeitos estão vindo. E, mesmo que eu peça conselhos para a URP ou para J, até que descubram qual é o problema e me mandem a solução, já vai ser tarde demais.

Talvez seja hora de apenas aceitar que essa nave é muito velha. Que está se despedaçando ao meu redor.

Só espero que a *Eternity* chegue aqui a tempo, antes de a *Infinity* quebrar de vez. Tudo o que posso fazer até lá é continuar economizando o máximo de energia que eu puder e me certificar de que ela dure o suficiente.

Quando J estiver aqui, todos os meus problemas vão desaparecer. Só preciso aguentar firme.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

125

**De:** Eternity  
**Enviada:** 16/07/2067

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 23/10/2067

Romy,

Às vezes sinto como se você fosse a única coisa na minha vida na qual posso me apoiar. Tudo ao meu redor é um fluxo inconstante de incertezas, exceto você. Você está sempre disponível para mim. A *Eternity* é uma beleza, mas eu não me sinto em casa. *Você* é minha casa. E me sinto assim mesmo que tenha apenas mandado alguns e-mails! Imagine como vou me sentir quando estivermos passando todos os dias juntos.

Estou tão empolgado para encontrar você pessoalmente. As coisas estão melhores agora que as mensagens chegam com menos *delay*. É mais como uma conversa quando eu recebo sua resposta após apenas algumas semanas.

Estou certo de que, quando nos encontrarmos pela primeira vez, vamos ter que nos sentar e apenas contar coisas um para o outro por três dias seguidos. Tenho tanto a dizer.

Eu geralmente acabo cortando metade do que escrevo nestes e-mails porque ficam longos demais. Não consigo evitar. Nunca foi minha intenção, mas, assim que começo a escrever, aparece tanta coisa que eu queria compartilhar.

Acho que o que estou tentando dizer é que gosto mesmo de você, Romy. Mais do que eu esperava. Para ser sincero, eu estava bem nervoso em entrar em contato — não tinha ideia de como você seria. Agora mal posso esperar para nos encontrarmos.

Eu me pergunto se seríamos amigos caso tivéssemos nos encontrado em circunstâncias menos excepcionais. Espero que sim, vizinha, de verdade.

Beijos,  
J

★ ★ ★

Ele gosta de mim! Provavelmente só como amiga, claro — mas já é mais do que eu esperava!

*Ele gosta de mim!*

Eu me vejo corando, sozinha na nave, no meio de uma galáxia. Me sinto a garota mais idiota que já existiu, histérica por um menino. Um menino que gosta tanto de falar comigo que não consegue evitar me contar tudo o que sente. J é tão atencioso, engraçado e fofo.

Meu estômago se contrai em uma combinação de empolgação e nervosismo. É um pouco assustador, mas de uma forma adulta, madura. Há muita pressão. Existe muita coisa que não sei como fazer. Muita coisa que só li em *fanfics*.

Não consigo pensar em nada que tornasse minha vida melhor agora. Exceto talvez se o tempo acelerasse, para que assim a *Eternity* trouxesse J até mim mais depressa.

Temos tanto em comum. Conversar com ele é tão fácil, tão divertido. É exatamente como imaginei que seria conversar com um menino, lá quando eu só tinha o Jayden para praticar, na minha imaginação.

Quero fazê-lo feliz mais do que qualquer outra coisa. Desde que J esteja feliz, tudo ficará bem.

**De:** Infinity  
**Enviada:** 23/10/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 08/11/2067

J,  
Sinto o mesmo sobre escrever para você. É como se tudo o que eu lutasse para entender sobre mim mesma só fizesse sentido quando conto nestes e-mails. Você faz doer menos. É louco o quanto eu tenho a dizer para você a cada santo dia.

Hoje, encontrei um estoque secreto de chocolate no depósito de comida. Estava escondido atrás de algumas caixas de sopa de cogumelo, perto da escada. Acho que era o estoque secreto do meu pai. Ele era uma baita formiga, diferente da minha mãe. Aparentemente, ele estava escondendo todos os chocolates atrás da sopa porque sabia que não iríamos comer — eu detesto cogumelos —, então podia se esgueirar até lá e comer tudo sozinho. Posso apenas imaginá-lo devorando os doces antes de voltar com filés de salmão para o jantar, dizendo que precisávamos comer de forma mais saudável. A imagem me deixa feliz, triste e completamente cansada, tudo ao mesmo tempo.

Quase nunca encontro chocolate nos depósitos e gostaria de comer tudo de uma vez, mas não tenho coragem. Seria como se outra parte do meu pai estivesse indo embora para sempre. Por mais que eu tente mantê-lo comigo — sem mexer em sua cama, seus cadernos, sua escova de dente ou sua lâmina de barbear —, cada traço dele vai desaparecer no final, como se ele nunca nem tivesse existido.

Éramos todos bem felizes quando eu era pequena. Esta nave não era um lugar aterrorizante de se viver naquela época. Eu adorava. Ficaria perturbada com a ideia de partir.

Minha mãe costumava contar o tipo de piada boba que nos deixava rindo tanto que não conseguíamos respirar. Ela me ensinou a fazer origami. Depois de cada refeição, ela recolhia com cuidado todas as embalagens para lavar, e aí desdobrava os pacotes para usar como papel de origami. Ficamos obcecadas com aquilo — fizemos um zoológico completo.

Eles eram pais bem legais. Até os astronautas morrerem.

Beijos,

R

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

120

Fico escutando os astronautas. Eles raspam o casco da nave com unhas que parecem garras, percorrendo o lado de fora em uma série de baques abafados. De noite, arranham a câmara de descompressão, preenchendo meus ouvidos com o grito agudo de metal contra metal enquanto tento dormir.

Digo a mim mesma que é apenas o ruído do motor ou detritos espaciais. Mas quando sigo o som, ele para. Quando olho pela janela, eles se escondem. Mas sei que estão lá. Eles sabem que estou aqui, procurando.

Eles param sempre que começo a ouvir. Não querem ser pegos. Os astronautas são espertos. São pacientes.

Estou ficando desesperada.

**De:** Infinity

**Enviada:** 28/10/2067

**Para:** Eternity

**Data de recebimento prevista:** 12/11/2067

J,

Há tantas mudanças acontecendo na *Infinity*. Estou envergonhada de não conseguir lidar com todas as melhorias de eficiência, mesmo que elas sejam para o bem da nave.

A URP pediu que eu desse descarga apenas uma vez ao dia e que reduzisse meus banhos para uma vez a cada duas semanas. Mesmo que sejam banhos curtos, estou acostumada a tomar banho dia sim dia não. Vou ficar com um cheiro péssimo se for só uma vez a cada quinzena.

Acho melhor aproveitar minha última ducha, porque vou ter esquecido como é a sensação da próxima vez que experimentar uma.

Mal posso esperar até estarmos juntos. Você me faz sentir segura de uma forma que nada mais consegue hoje em dia.

Beijos,

R

## **DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:**

**106**

Quando duas semanas se passam e posso tomar banho outra vez, já estou desesperada. Meu cabelo parece papelão, e tenho acne nas costas e no peito.

Jogo a cabeça para trás sob o fluxo de água quente, memorizando a sensação do chuveiro sobre a pele. É o paraíso. Lavo o cabelo quatro vezes para me livrar de toda a oleosidade, esfregando os dedos sobre as mechas, curtindo a nova maciez.

Mas, quando enxaguo a espuma, noto que minhas mãos estão cobertas de fios escuros. Camadas de cabelo se enrolam em meus dedos, seguindo as linhas das mãos.

Meu cabelo está caindo. E se houver algo de errado comigo?

Encharcada, corro para o computador e digito “sintomas de perda de cabelo” no software médico. Espero, segurando a respiração, passando pela lista de possíveis causas:

### **PADRÃO MASCULINO DE CALVÍCIE**

#### **EFEITO DE DROGAS**

#### **ESTRESSE**

Estresse. Perda de cabelo é um sintoma de estresse. Compreensível.

Espero que se limite a algumas mechas. Nunca me importei muito com minha aparência — nunca foi importante. Mas, com J vindo, de repente eu me importo. Não posso suportar a ideia de que ele me veja e fique... decepcionado. E se J achar que o meu corpo não faz jus à minha personalidade? E se eu for tão pouco atraente que ele decida que nem nossa amizade compensa ter que olhar na minha cara?

Respirando com cuidado, evito pensar no assunto. Se o estresse está causando a perda de cabelo, então vou apenas acelerar o processo me

preocupando com isso. Preciso ficar calma. Volto para o banho, ignorando o cabelo que cai no ralo, e continuo a me lavar.

Posso me acostumar com banhos irregulares, acho. Não é tão ruim quanto eu esperava. Depois da primeira semana, parei de notar meu próprio cheiro. Só foi bem ruim enquanto eu estava menstruada. Mas é tudo para o bem da nave, afinal.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

104

Hoje é meu aniversário. Vou fazer um bolo.

Reviro os depósitos atrás de pudim de chocolate e brownies, que misturo em uma gororoba grudenta e depois moldo na forma de algo redondo e vagamente parecido com um bolo. Misturo açúcar, água e leite em pó para fazer um tipo de cobertura e espalho sobre o bolo de chocolate, fazendo alguns picos grosseiros. Fica uma bagunça e nada bonito, mas alegre.

Não tenho uma vela para colocar em cima — incêndios são uma ameaça grande demais para o espaço —, mas torço dezessete rolinhos de papel e os enfio na cobertura, colorindo as pontas com um laranja brilhante.

Dezessete. Me sinto bem mais velha.

Enquanto finjo soprar as velas, um desejo cruza minha mente sem que eu nem precise pensar a respeito: *queria que J estivesse aqui*.

Então me estico na cama com a barriga para baixo, comendo o bolo inteiro até ficar enjoada. Não consigo evitar imaginar como será meu próximo aniversário. J estará aqui. Eu vou fazer dezoito.

Só de pensar em J, sinto arrepios dos dedos das mãos até a ponta dos pés. Quero que ele me beije. Quero sentir os dedos dele enrolados no meu cabelo.

Quero *ele*, não apenas suas palavras. Quero o corpo dele também. Escrever cartas não é o suficiente — nunca é.

Eu me pergunto o que J vai me dar de presente de aniversário. Um beijo de aniversário.

A ideia merece minha atenção completa. Eu me viro e abaixo a calça do pijama...

Penso muito em sexo. Objetivamente, a ideia é meio nojenta — especialmente quando você começa a estudar DSTs, fissuras e enemas. O beijo faz sentido — entendo isso. Já beijei o verso da minha mão e parece meio gostoso, então tá. Faz sentido. Mas... sexo? Não consigo entender.

Não consigo decidir se todas as partes nojentas desaparecem quando você está com alguém que realmente ama ou se você ainda repararia em coisas como *cheiros*, *ruídos* e *gosmas*, mas as emoções vencem tudo. Quero tirar muitas dúvidas desse tipo sobre sexo, mas não tenho ninguém para quem perguntar.

Nunca achei que isso importaria para mim, afinal. Não era como se eu fosse transar com alguém. Mas agora... tem o J.

J faz meu coração parecer como se estivesse saindo do peito, um som rico e feliz que me preenche até transbordar. Tenho enviado para ele meus segredos mais sinceros e verdadeiros, e ainda assim ele gosta de mim. Talvez ele goste até o suficiente para fazer sexo comigo um dia.

Em pouco mais de três meses, vamos nos encontrar pessoalmente, cara a cara. Preciso começar a me preparar, por isso analiso as meninas nos filmes, todas lisas e belas. Não quero que ele tenha nojo de mim, com pelos nas sobrancelhas, pernas e axilas. Quero que ele goste de mim. Quero que J me veja como uma *mulher*.

Pesquisei sobre como depilar as sobrancelhas usando tutoriais de beleza feitos por gurus do YouTube de duas décadas atrás. Pela primeira vez, fico na frente do espelho, com os olhos lacrimejando, e arranco pelos da pele.

Usando uma foto de Lyra Loch como referência, tento moldar as sobrancelhas em um arco elegante, mas só consigo fazer com que eu pareça permanentemente surpresa. Ainda bem que comecei cedo, porque vou ter tempo para praticar.

Em seguida, raspo as pernas e só me corto três vezes. Minhas pernas ficam lisas por um dia, depois começam a coçar. É surpreendente o quanto o

cabelo humano volta a crescer depressa; mais escuro e mais grosso do que antes.

Mesmo que J não esteja aqui para ver, divido o cabelo molhado em mechas finas depois do banho e faço uma trança com cada parte, para deixá-lo secar cacheado. Queria ter maquiagem para praticar o contorno das maçãs do rosto.

Quando a *Eternity* chegar, eu estarei pronta.

Usei o tecido do depósito para fazer três saias, dois vestidos e uma camisola. Meu favorito é um vestido que desenhei com base naquele que Lyra usa em um episódio no qual ela e Jayden têm que fingir ser casados por causa de uma investigação.

É lindo. Toda vez que o experimento, sinto um frio na barriga. Fico lembrando da forma como Jayden olhou para Lyra quando ela usou aquele vestido. Ele ficou de queixo caído, corando até a ponta das orelhas enquanto passava a mão pelo cabelo.

É a forma como eu sempre quis que alguém olhasse para mim — com olhos cheios de admiração, tentando esconder o sorriso. Quando imagino J me vendo nesse vestido, posso sentir meu coração bater muito forte, mais leve que o ar, e a emoção que geralmente só sinto ao ler histórias fofas preenche minha barriga. Eu devia fazer mais roupas... um guarda-roupa completo para ele me ver usando. Tenho tempo.

# DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

100

**De:** URP

**Enviada:** 15/02/2066

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Anexos:** Programacao-luz.exe [30 KB]

**Para:** Infinity

**Recebida:** 17/11/2067

Comandante Silvers,

Seguindo com as comunicações prévias a fim de gerar melhorias na Infinity, por favor, reduza a temperatura da nave em um grau em todas as áreas habitadas, de 24°C para 23°C. A medida irá economizar as fontes de aquecimento.

Por favor, limite também a luz a 50% através da instalação do software de programação de iluminação em anexo a fim de garantir otimização da eficiência.

Gratos por sua cooperação.

*Salve a URP! Vida longa e vigorosa ao Rei!*

Encaro minha maquete de casa de fazenda, que nos últimos meses cresceu até virar uma cidade completa feita com pacotes de comida. Junto com meus animais de origami, também acrescentei habitantes humanos: uma minúscula Romy com uma mecha de cabelo grudada no topo de uma colher e sardas feitas com caneta piloto, um J com membros de papelão e um conjunto minúsculo de bolinhas de malabarismo, uma dúzia de crianças de diversas idades. O modelo de J está mostrando à modelo Romy como plantar brotos do lado de fora da casa. Por perto, um cachorro feito de lenço de papel escava sementes de maçã do solo. Um garotinho olha com admiração para J, segurando uma perna da calça dele. Há um bebê minúsculo de algodão nos braços da modelo Romy.

Passei horas construindo minha vida dos sonhos. Coloquei toda a minha esperança, meus sonhos e meu amor no modelo, desejando, a cada papel-alumínio ou fita adicionado, que um dia aquilo se tornasse real.

Agora parece que nunca vai acontecer. Achei que um ano fosse passar voando, cada dia me trazendo para mais perto de J. Em vez disso, o tempo corre mais devagar, transformando-se em uma espécie de piche que me

prende aqui, longe dele. Cada hora parece mais longa. É um esforço atravessar o dia.

Não sei quanto tempo mais consigo esperar.

Há um incômodo, uma pulsação em meu crânio, dizendo que estou amaldiçoada: por minha mãe, pela morte dos astronautas, pela URP, por essa antiga nave defeituosa. Estou amaldiçoada por minha própria inaptidão, minha incapacidade infantil de fazer qualquer coisa certa.

Eles querem que eu apague as luzes por mais quatro horas ao dia. A própria ideia me faz querer chorar. Vou ficar presa, sozinha e acordada, esperando até que as horas designadas de luz do dia comecem. Qualquer coisa poderia rastejar até mim, e eu nem teria ideia.

Não vou fazer isso. Vou ignorá-los. Eles estão a anos-luz de distância — não podem me forçar.

Meu cérebro não parece estar escutando. Ele se afasta das minhas insistentes garantias de que estou bem. Sem nenhum perigo real, estou à beira de um ataque de pânico. Empurro a cabeça contra as mãos suadas, tentando desesperadamente me impedir de entrar nesse estado. Meus pulmões lutam como se houvesse uma faixa apertada ao redor do meu peito. Posso me ouvir fazendo ruídos sibilantes e pesados.

Não vou fazer o que eles pedem. Mas, mesmo dizendo que não vou fazer isso, eu sei que vou. Sou a comandante, tenho que fazer tudo o que for necessário para cuidar da nave, mesmo que seja um sacrifício.

Vou ter de desligar as luzes.

Meu horror é tão grande que toma o cômodo, pressionando cada canto até que não sobre oxigênio para mim. Não há espaço para me mover. Não posso respirar, não consigo dobrar os membros, não consigo nem piscar. Estou me afogando.

Não sou forte o suficiente para fazer isso. Por que outra pessoa não pode estar aqui, encarregada dessa nave?

Qualquer um seria melhor do que eu.

À noite, desligo as luzes duas horas mais cedo que o normal e me deito na cama, incapaz de dormir, forçando a vista para vislumbrar quaisquer traços do teto escuro.

Após uma hora, o pânico drena minhas energias, e caio em um sono agitado.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

99

Acordo cedo demais e não consigo voltar a dormir porque estou desesperada para ir ao banheiro. Adquiro o hábito de ligar as luzes enquanto corro até o banheiro, daí desligo tudo de novo até acabarem as horas extras de economia de luz.

Mas, quando tento ligar as luzes esta manhã, elas não funcionam. A nova programação de iluminação da URP é automática. Não deve ter uma opção que eu possa desativar.

Enfio a mão na lateral da cama, os dedos à procura do cabo da lanterna. Quando aperto o botão, ela brilha em um amarelo fraco por alguns segundos, depois se apaga. Sem bateria. Houve tantos cortes de energia recentemente que tenho usado a lanterna quase todos os dias. Devo ter esquecido de recarregar na noite passada.

Estou presa em minha cama até as luzes voltarem. Meu tablet está na área de estar, então não posso usá-lo como lanterna. O padrão de iluminação ambiente foi desativado por completo, então não há nem mesmo a leve luz rosada que simula o amanhecer. É um breu total, uniforme. Vou ter que ficar deitada e esperar.

Minha bexiga reclama com mais insistência, doendo de tão cheia. Cruzo as pernas, remexendo o corpo na cama e tentando focar em qualquer coisa além do meu desespero para fazer xixi. Não sei quanto tempo falta para as luzes voltarem e eu poder finalmente sair da cama. Talvez uma hora ou mais. Não tenho certeza se consigo aguentar.

Pressiono os punhos na cama e fecho bem os olhos, fingindo que ainda estou dormindo. Ainda estou sonhando: não estou mesmo pronta para me levantar.

Minha respiração se torna superficial e rápida. Estou dormindo, *estou, estou, estou.*

Conto até cem, em seguida até quatrocentos. Não aguento esperar muito mais.

Solto um soluço de frustração. Toda vez que inspiro, estou certa de que vou fazer xixi nas calças.

Preciso ir ao banheiro.

Levantando-me com cuidado, pressiono os dedos dos pés no piso. Dou um passo hesitante, com uma mão estendida à frente. Sou tomada por uma certeza desesperadora de que, se eu me mover agora, vou acabar dando de cara com alguma criatura podre ou tropeçar em um buraco sem fundo no chão, algo que nunca esteve ali antes.

Mentalizo o contorno dos móveis, torcendo para conhecer meu quarto bem o suficiente para não tropeçar em nada. Os cinco metros do cômodo parecem quilômetros. Bato com o pé no canto de um gabinete, e o impacto ricocheteia pelos ossos da minha panturrilha. Ignorando a dor, continuo a caminhar.

Meus dedos alcançam uma parede que eu não esperava que estivesse ali. Acho que perdi o senso de direção ao bater no gabinete. Tento descobrir onde estou, procurando me reorientar com cuidado. Não consigo raciocinar.

Sem enxergar nada, começo a imaginar mãos subindo por meus ombros, a respiração úmida de algo parado bem na minha frente, imóvel e esperando, as cócegas feitas por dedos que passam a milímetros do meu rosto.

De repente não consigo respirar. Estou desesperada para que as luzes se acendam, para que me mostrem que o monstro que inventei não é real.

Saio cambaleando ao longo da parede, esperando encontrar, de alguma forma, a entrada do banheiro sem cair no poço da área de estar, mas não consigo pensar em nada além de unhas gosmentas e bafo podre.

Meus joelhos cedem, e eu desabo contra a parede, sem ar e forçando a vista na escuridão. Torço desesperadamente para que as luzes estejam a poucos segundos de se acenderem, mas nada acontece.

Encolho o corpo no chão e meus pesadelos assumem o controle no escuro. Os astronautas congelados estão me tocando, vindo atrás de mim com olhos injetados para fora das órbitas. Soluços tomam meu peito, lágrimas escorrem pelos meus olhos. Antes de conseguir me conter ou rastejar para mais perto do banheiro, minha bexiga se esvazia.

Quando sinto o líquido quente escorrendo pelas pernas, fico tão envergonhada que o choro aumenta. A urina arde no interior das minhas coxas, trazendo um cheiro forte ao nariz. Não sou capaz de aguentar nem mesmo poucas horas de escuridão.

Eu me encolho no chão, tentando ignorar os alfinetes e agulhas atravessando minha pele. Parecem dedos me tocando. Como se os astronautas tivessem finalmente me alcançado. Não tenho força para detê-los.

Fecho os olhos e deixo que me peguem.

Os astronautas.

Eles só estavam em estase por sete anos quando a tecnologia de hibernação começou a falhar. O problema devia ter alguma relação com a ionização da radiação espacial, que interagiu com o líquido repleto de oxigênio que preenchia os pulmões deles, ou com o microclima da gravidade artificial... ou algo totalmente diferente. Meus pais nunca descobriram. Apenas aconteceu.

Sem nenhum aviso, sem nenhuma forma de impedir, os astronautas começaram a morrer durante o sono. Um a um. Luzes se apagando, vidas se esvaindo silenciosamente no meio da noite.

Eu tinha apenas quatro anos, mas consigo lembrar. Meus pais tentaram desesperadamente controlar o pânico, mas eu sabia que havia algo errado. Eles não conseguiam esconder de mim.

Lembro do meu pai, alheio, acariciando minha cabeça e me dizendo para ficar na área de estar quando perguntei se podia brincar de esconde-esconde no depósito. Era óbvio que a mente dele estava cheia de outras coisas.

Fui espiar. Observei, da porta na enfermaria, enquanto eles tentavam acordar os astronautas, um após o outro. A maioria morreu antes de recuperar a consciência. Alguns se recuperaram da estase, mas nunca abriram os olhos.

Mais tarde, descobri que esses homens e mulheres tiveram morte cerebral. Estavam lá, mas não estavam. As mentes mais inteligentes da humanidade haviam sido apagadas.

Não havia nada que pudesse ser feito.

A única coisa que sobreviveu foram os embriões. As células subdesenvolvidas deveriam ser apenas uma forma de garantir a diversidade genética do novo planeta. Mas de repente eram a única esperança da Terra.

Meus pais não desistiram de tentar salvar os astronautas, não até terem acordado cada um deles e feito ressonâncias magnéticas, buscando em vão

por atividade cerebral.

Saí quando minha mãe começou a injetar algo nos astronautas. Engatinhei para baixo do edredom e esperei, com os olhos fechados, ouvindo enquanto centenas de almas deixavam seus corpos. Foi o silêncio mais alto que já escutei.

Minha mãe deu uma injeção de eutanásia em cada astronauta que sobreviveu ao sono de hibernação. Ela matou quase toda a tripulação da *Infinity* e não chorou, nem uma vez, até o final. Na época, não consegui entender. Agora, sei que existem coisas tão terríveis que você não pode se permitir chorar, porque, se começar, nunca mais para.

Depois que os astronautas morreram, nós três ficamos sozinhos. A nave estava vazia.

Antes, a *Infinity* era o melhor lugar do mundo: cheia de música, luzes coloridas e recantos secretos, esconderijos perfeitos para uma criança pequena se enfiar e rir enquanto os pais procuravam por ela.

Depois daquele dia, ficou escura e cheia de sombras. E tão, tão silenciosa.

Quando os astronautas partiram, a luz nos olhos da minha mãe foi junto. Meu pai disse que ela não conseguia suportar o trauma — não com toda a pressão, o isolamento e o confinamento de estar no espaço. Eles perderam todos os amigos próximos. Minha mãe os viu morrer um a um. Ela os colocou para dormir, incapaz de salvá-los.

Ela desenvolveu um transtorno de ajustamento — sua mente rejeitava a realidade. Eu não entendia aquilo, não naquela época. Continuo sem entender, na verdade. Como uma criança pode entender que foi abandonada quando sua mãe está bem ali na frente dela? Eu costumava chorar e implorar para que ela me visse, para que apenas *olhasse* para mim em vez de para os astronautas que via em sua mente. Mas nunca consegui trazê-la de volta para nós. Eu não era boa o suficiente.

Meu pai tentou ajudar, mas não havia nada que pudesse fazer. Ela estava além da nossa ajuda. Ele tentou.

Há uma trilha de corpos no rastro da *Infinity*, e cada um deles está me observando.

De noite, eles cercam a nave, espiando pelas janelas. Cada astronauta morto — a pele esbranquiçada devido à radiação, pingando gotas de fluido

de resfriamento, viscoso e brilhante, pelas narinas — persegue a nave enquanto eu durmo. Eles me espiam pelos cantos, passam seus dedos enrugados pelas minhas costas. Quando encostam em mim, sua pele desidratada vira pó, cobrindo meu corpo em camadas grudentas de cadáveres antigos.

Os astronautas todos me odeiam por fazer o que eles não conseguiram, por sobreviver. Eles cochicham meu nome, estremecendo a cada sílaba em um grunhido, dizendo que o fracasso dos meus pais é também o meu, que sou amaldiçoada porque eles não conseguiram salvar ninguém.

A equipe morta da *Infinity* se reúne em grupos, formando uma bola de corpos retorcidos e membros emaranhados. Eles sussurram ameaças no vácuo do espaço. Eles se agarram ao exterior da nave, tentando bloquear o sinal do transmissor e cortar as mensagens de J.

Os fantasmas da *Infinity* me querem sozinha, para que eu preste atenção neles. Querem rastejar para dentro da minha cabeça e habitar meus piores pesadelos.

A morte do meu pai foi nosso castigo. Um dia, eles vão me matar também.

Quando as luzes finalmente se acendem, eu me levanto e cambaleio até a cozinha. Tento não pensar em como meu pijama está molhado e frio, em como minhas bochechas estão ardidadas de sal. Colando os lábios na torneira, bebo e bebo até o estômago doer.

Caio na cama, olhando para o teto enquanto me forço a engolir uma barra de cereal e tento desesperadamente não fechar os olhos outra vez.

**De:** Infinity  
**Enviada:** 18/11/2067

**Para:** Eternity  
**Data de recebimento prevista:** 25/11/2067

J,  
Tenho tido mais sonhos ultimamente. Fico imaginando os astronautas presos do lado de fora da nave. Sei que, pela lógica, não há cadáver nenhum no espaço — meu pai colocou o corpo dos astronautas em sacos e congelou todos eles até o líquido evaporar. Depois, ficaram vibrando até virar poeira, um tipo de cremação espacial.

Não existem cadáveres me seguindo. Se há algo a temer, não é um cadáver. É apenas poeira, escondida no depósito.

Mas sonho cada vez mais com os astronautas. Os mesmos pesadelos que venho tendo a vida inteira. Não consigo parar, por mais que eu tente.

Não sei por que eles me assustam tanto. Não sei por que a memória deles não me deixa em paz.

Espero parar de sonhar depois que você chegar aqui. Espero que minha mente fique menos determinada a me assustar de todas as formas que consegue quando eu não estiver mais sozinha.

Beijos,

R

## **DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:**

**90**

Estou finalmente me acostumando com as horas de escuridão. Tenho uma tigela debaixo da cama para emergências e um carregador para a lanterna, além de outras duas de reserva. Desde que me certifique de não abrir os olhos, a falta de luz não provoca ataques de pânico. Estou bem. Não é tão ruim.

Decorei todas as mensagens de J. Durante a horas de apagão, posso sussurrá-las para mim mesma, passando por tudo o que ele disse, desde o primeiro “Cara comandante Silvers” até o “Às vezes sinto como se você fosse a única coisa na minha vida na qual posso me apoiar”.

Estou economizando tanta energia para as luzes e o computador com essas quatro horas extras por dia que passo no escuro...

Não vou deixar a nave desmoronar ao meu redor.

Ainda posso ouvir os arranhões do lado de fora da nave. Tem alguma coisa lá fora. Está tentando entrar.

Sigo o ruído ao redor da nave, de um quarto a outro, escutando enquanto o som atravessa o casco externo. Estou certa de que a coisa espia pelas janelas quando não estou olhando, tentando encontrar um ponto fraco para invadir.

Nunca vai parar de tentar. A coisa mexe na vedação da câmara de descompressão, enfiando as unhas na borracha para forçar a entrada.

Espero que J chegue aqui antes de ela conseguir encontrar um caminho.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

82

**De:** Eternity

**Enviada:** 05/12/2067

**Anexos:** audio-subsystem.exe [13 MB]

**Para:** Infinity

**Recebida:** 05/12/2067

Tenho uma notícia ótima para você, Romy! Agora faltam poucos meses até podermos nos conhecer pessoalmente. A *Eternity* está atualmente reduzindo velocidade para que consiga se equiparar com a *Infinity* quando as naves se encontrarem, para que assim possam se conectar.

As naves finalmente estão próximas o bastante para uma chamada de áudio! Você só precisa instalar o software que anexeï e poderemos conversar por voz. Teremos um pequeno intervalo entre as respostas, mas deve ser bem curto — menos de um minuto agora que estamos tão perto. Vale a pena tentar, certo? Infelizmente, ainda não estamos perto o bastante para uma chamada de vídeo, mas devemos poder fazer isso em breve.

Tudo bem se eu ligar hoje à noite, às 19h? Se não for, apenas não responda. Mas espero que responda. Esperei tanto tempo por esse momento. Não consigo pensar em nada além de conversar com você. Mal posso esperar para ouvir sua voz.

Beijos,  
J

Meu coração salta na boca e se recusa a se acalmar. Podemos falar ao telefone. *Podemos falar ao telefone.*

J vai me ligar esta noite!

Baixo e instalo o software que ele me enviou, que é um subsistema que a NASA não deve ter achado que valia a pena instalar. Nunca existiram outras naves com quem eu pudesse conversar.

Tento me manter ocupada nas cinco horas seguintes, mas me pego sonhando, olhando para o espaço e imaginando como deve ser a voz de J. Quando leio seus e-mails, sempre escuto a voz de Jayden em minha mente.

Decido tomar meu banho alguns dias antes. Sei que J não vai poder me ver, mas quero me *sentir* limpa. Quero me sentir pronta. Preciso de algo para aumentar minha confiança.

Às sete da noite, estou tão nervosa e empolgada que minhas mãos tremem. Eu me sento na cabine, olhando com expectativa para a tela.

Logo que o aviso LIGAÇÃO RECEBIDA aparece, entro em pânico. O que eu digo? Será que ainda sei como falar? Não me lembro da última vez que falei em voz alta.

Engulo o medo e clico em ACEITAR.

O toque para, e há um momento de silêncio.

— Alô? — diz uma voz grave, testando a ligação.

Fecho os olhos e imagino Jayden: cachos escuros e olhos brilhantes, com marcas de expressão causadas pelo sorriso.

— J — respondo, com a voz baixa.

Após um *delay* de vinte segundos — tempo suficiente para eu organizar os pensamentos, mas menos tempo do que eu esperava, pela distância —, recebo uma resposta:

— Romy?

Mal consigo respirar.

— Estou aqui.

Minha mente fica confusa enquanto espero pela resposta dele. Não consigo focar em nada além do *timer* na tela, contando os segundos desde que nossa chamada começou. É difícil acreditar que isso esteja mesmo acontecendo.

— Romy. É bom demais ouvir sua voz.

Minha respiração fica presa.

— A s-sua também...

A voz de J é mais forte do que eu esperava. Imaginava uma voz suave, gentil e cheia de emoção, como os e-mails dele. Mas a voz na minha cabeça era de Jayden. Nunca seria precisa.

— Não sei o que dizer a você — admito depois de uma pausa em que nenhum de nós fala, apenas respiramos em sincronia na linha.

Não faço ideia se isso é um silêncio incômodo ou se... Estamos trocando mensagens há tanto tempo que deveria ser impossível ficarmos desconfortáveis? Não sei.

— Nem eu — responde J. — Eu tinha todas essas coisas para dizer, mas agora deu branco.

Pigarreio, sentindo o corpo quente. Provoquei um branco nele.

— Como você está?

— Bem, Romy, neste exato momento, estou apenas desesperado para que nossas naves se juntem e eu veja você pessoalmente.

— Eu também — respondo baixinho, quase com medo de deixá-lo ouvir algo que para mim parece tão grande, algo capaz de mudar minha vida por completo.

Mas J apenas deixa passar, como se estivéssemos na mesma, como se aquilo fosse óbvio.

— Acho que na próxima semana já vamos poder fazer conversa de vídeo também.

Fecho os olhos de novo, quase tonta com a ideia de ver e ouvir J ao mesmo tempo. Do jeito que está já parece coisa demais para mim.

— Queria que o tempo passasse mais rápido — digo.

— Sei como é. Acha estranho saber que estou chegando? Eu espero tanto pelas suas respostas que não sei como você se sente. Talvez você odeie a ideia.

— Nem um pouco.

Ele suspira.

— Que bom.

— Você já sabe quando vai chegar? — Quero calcular exatamente o número de horas, minutos e segundos até J estar aqui. — Ainda está programado para 24 de fevereiro? — É a data que consta na linha do tempo da missão, aquela que Molly mandou há quase um ano.

Ele solta um gemido.

— Sim. — Temos outra pausa desconfortável, e então ele continua: — Escute, o computador está informando que preciso ir. Acho que ainda estamos muito distantes um do outro para conversas longas.

— Certo — digo, decepcionada que a ligação tenha terminado tão rápido, mas aliviada em ter tempo de processar esse novo método de comunicação antes de falar mais coisas. — Podemos... podemos nos falar de novo? Talvez amanhã? No mesmo horário?

— Sim, com certeza. Eu adoraria. Boa noite.

— Boa noite — repito.

Depois que desligamos, fico encarando o teto, com um sorriso tão largo que meu rosto talvez rache ao meio. Falei com J, e não foi nada como eu imaginava e tudo o que eu sempre quis. Ele é tão perfeito. Mal posso esperar para conhecê-lo.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* CHEGAR:

81

Na manhã seguinte, só consigo pensar em conversar com J outra vez. Combinamos de nos falar esta noite, mas ainda faltam horas e horas. Não consigo esperar tanto. Quero ligar para ele *agora*.

Abro o programa de comunicação via áudio, esperando que não leve muito tempo até que eu aprenda como fazer uma transmissão. Na página inicial está a opção para rastrear transmissores ao alcance da nave. Começo a varredura, roendo as unhas. Elas já estão no toco, quase chegando na pele.

A *Eternity* aparece na lista de contatos, seguida por uma série de números — as coordenadas de Referência Celestial Internacional da nave, provavelmente, mostrando sua posição no espaço.

### CONTATOS DISPONÍVEIS (1)

ETERNITY [234,3688,4545] IM • DISCAR • BLOQUEAR

Coordenadas de referência não costumam estar inclusas nos softwares de comunicação que uso. Eu me pergunto o quão longe a *Eternity* está agora — será que o intervalo vai ser perceptivelmente mais curto quando nos falarmos hoje? Olhando em um mapa, o quão longe nossas naves estão?

Eu me pergunto se existe uma forma de combinar o software de comunicação que J me mandou com o sistema de navegação da *Infinity*. Se tenho as coordenadas, deve haver uma forma de tornar a localização da *Eternity* visível. Se eu conseguisse montar um mapa, poderia deixá-lo aberto no canto da tela e ver nossas naves se aproximando cada vez mais até se juntarem.

Abro o sistema de navegação, acessando o mapa da galáxia. Depois volto para o software de comunicação e localizo o código de verificação da coordenada. Após algumas tentativas e erros, consigo importar o código

para o sistema de navegação e criar um mecanismo de mapeamento quase funcional.

Aproximo as coordenadas para o intervalo entre [200,3000,4000] e [300,4000,5000], o que, imagino, deve diminuir o campo de busca o suficiente para tornar tanto a minha nave quanto a de J visível na tela. Daí busco por naves próximas.

A *Infinity* aparece primeiro, uma oval branca e minúscula no mapa escuro. Em seguida, o ícone da *Eternity* aparece, uma mancha que, para minha decepção, ainda está a uma enorme distância da *Infinity*. Acho que proximidade é relativa no espaço. Só porque agora podemos conversar não significa que ele ainda não esteja a milhões de quilômetros de distância.

Estou prestes a fechar o mapa quando outro ícone aparece na tela. Está identificado como URP. Fica no mesmo local da *Eternity*.

Eu congelo, olhando para a tela. O programa deve ter cometido um erro. O quartel-general da URP fica na Terra — eles definitivamente não estão no espaço comigo e com J.

É um erro tão estranho e impossível que reinicio a varredura, sem saber como o computador pode ter imaginado a URP tão próxima. Da segunda vez, os resultados são os mesmos. A URP aparece ao lado da *Eternity*.

Não entendo. Não faz o menor sentido. Encaro a tela enquanto meu cérebro se recusa a aceitar o que estou vendo. Parece que...

Esfrego os olhos. Leio de novo.

Deve ser um erro com o software. Não é possível.

Balanço a cabeça e fecho o programa. De certo modo, é engraçado. As localizações da *Eternity* e da URP estão a anos-luz de distância. Eu me forço a sorrir. Que erro bobo.

Abruptamente, fico de pé e caminho pelo cômodo. Depois paro, virando para olhar outra vez o computador.

Eu deveria provar que é um erro. Só para ter certeza. Levaria apenas alguns segundos. Se eu checar os e-mails da URP e encontrar as verdadeiras coordenadas na Terra, então ficará óbvio que o software de verificação errou.

Após caminhar de volta ao computador, entro nos meus e-mails e acesso o código-fonte dos dados brutos de transmissão da última mensagem que recebi da URP, buscando as coordenadas que devem estar escondidas nas linhas de código.

Quando as encontro, as coordenadas estão listadas novamente como um ponto no espaço. Não estão mesmo na Terra. Não é apenas um defeito do programa de áudio. É algo mais. Algo que não entendo.

Passando pelas últimas dez mensagens da URP, verifico as coordenadas e as coloco no mapa. Cada mensagem foi enviada de um lugar diferente. As coordenadas seguem uma linha reta entre a Terra e a *Infinity*, como se quem estivesse transmitindo os e-mails estivesse se aproximando de mim. As mensagens da URP seguem o caminho da *Eternity*.

As coordenadas não mentem. Cada mensagem da URP veio da *Eternity*.

Nada faz o menor sentido. Como a URP pode estar me mandando e-mails a bordo da *Eternity*?

Verifico as coordenadas de origem das minhas mensagens para J, agarrando-me desesperadamente à esperança de que tenha sido algum erro do computador.

Cada e-mail enviado por J e pela URP apresenta as mesmas coordenadas durante o último ano. Todos vêm do mesmo local, todas as vezes.

Só consigo pensar em uma explicação, mas minha mente se recusa a aceitá-la. É impossível. O medo pressiona minhas costelas, forçando minha respiração de volta aos pulmões em vez de libertá-la.

Alguém na *Eternity* anda me mandando e-mails da URP.

Não.

É loucura. A mera ideia já é uma traição a J, à nossa amizade. Não acredito. Não tem como J — meu amado, doce e cuidadoso J — ter feito algo assim. Ele nunca, *nunca* me magoaria.

Ou magoaria?

Volto a verificar cada mensagem que o transmissor captou no último ano, alinhando os e-mails no mapa até que a evidência se torne inegável. As mensagens vêm da *Eternity*.

Minha cadeira desliza para longe quando me levanto e começo a caminhar pela sala de novo. Como posso processar o que descobri de uma forma que faça sentido?

De modo abrupto, volto ao computador. Acrescento os velhos e-mails de Molly ao mapa, só para verificar mais uma vez se não é algum problema esquisito com a transmissão de dados. Mas as mensagens antigas vieram da Terra, como deveria ser. Não é um comportamento esquisito da tecnologia.

Sigo acrescentando mensagens, tentando descobrir o momento em que o erro começa. Por fim, acrescento a mensagem mais recente de Molly, aquele onde ela me disse que uma guerra havia começado na Terra e que por isso não poderia falar comigo por um tempo.

Essa última veio da *Eternity*.

Verifico duas vezes meu trabalho para me certificar de que não cometi um erro, mas está tudo correto. As últimas mensagens de Molly vêm da *Eternity*, não da Terra.

Essas últimas mensagens, que contam sobre os problemas de comunicação da NASA e sobre a guerra... são e-mails, percebo com horror. Não são as mensagens de áudio costumeiras. Nunca ouvi a voz de Molly — sua verdadeira voz — dizendo nada sobre a guerra. Apenas os e-mails. Os e-mails que vieram da *Eternity*.

Será que houve mesmo uma guerra? Tudo foi inventado? A URP em si é real? Ou será...

Será tudo mentira?

Tento engolir a saliva, e, de alguma forma, minha boca tem gosto de sangue rico em ferro. Talvez tenha mais alguém na *Eternity*, outra pessoa mandando essas mensagens para mim. Não pode ser ele. Não é da natureza de J mentir. Ou é?

Meu cérebro não consegue acompanhar todas as descobertas. Estou tremendo. Olho por cima do ombro, meio que esperando ver J me encarando bem ali.

Sinto como se alguém tivesse arrancado meu coração. Há um zumbido pulsante em meus ouvidos.

J inventou isso. Ele inventou tudo. Molly indo embora. A guerra. A URP.

Mesmo enquanto raciocino, não consigo acreditar. Não tem como J estar por trás disso. É impossível.

Mas alguém inventou. Alguém está mentindo para mim. Alguém na *Eternity*. E, por mais que eu queira que não seja verdade, isso significa que só pode ser ele.

Eu me encolho na cama, observando as paredes da minha silenciosa nave perdida, tentando não afundar em outro ataque de pânico.

Não está certo. Alguém tão fofo não pode ter motivações tão horríveis. Não meu J, sempre gentil e carinhoso.

Ou poderia? Ele poderia ser algo além do meu adorável J?

Não é verdade.

Não vou deixar que seja.

Meu coração luta contra o cérebro. Ainda não acredito que seja possível. Devo ter cometido um erro.

Vasculho os dados, reprocessando o código binário bruto e verificando manualmente para me certificar de que não seja um erro de conversão.

Não encontro nada.

Se a URP foi inventada, significa que todas as suas mensagens — suas instruções de como economizar energia, como arrumar equipamento defeituoso e tornar a nave mais eficiente — vieram de J.

Por que ele faria isso? Por que teria o trabalho de criar uma guerra e um novo governo como a URP e depois apenas usar isso para me ajudar a melhorar a *Infinity*? Ele poderia apenas ter me dito o que fazer, sem usar nada da URP. Isso não faz sentido. A não ser que...

Ai, não. Não, não, não, não, não, não.

O programa. O novo sistema operacional — aquele que a URP me enviou. Os cortes de energia só começaram depois que o novo sistema foi instalado. Foi a URP que me disse que havia problemas com a nave.

Se foi mesmo J... por que ele faria isso?

Por que iria querer atualizar meu software? Ele acrescentou alguma sub-rotina?

Chegou a existir *algum* problema real? Ou foi tudo J? Todas essas vezes em que a nave falhou, quando as luzes e o sistema de aquecimento desligaram. Foi tudo de propósito para me atormentar?

Nunca houve problema de energia. Foi tudo inventado. Ele me impediu de tomar banho, de usar as luzes, e não consigo nem imaginar que tipo de pessoa faria isso com outro ser humano. É tortura. É de fato uma tortura desumana.

Incapaz de respirar fundo por causa do medo, procuro uma forma de remover o software do computador e voltar à antiga versão. Mas ela se foi. Foi deletada meses atrás para dar espaço ao novo sistema.

Estou presa com o software de J comandando minha nave. Ele deve ter acesso a ela. Deve poder ver tudo que estou fazendo. Será que está me

observando neste exato momento?

Passei tanto tempo seguindo as regras idiotas e inúteis dele. Não posso deixar que J me controle. Não mais.

Entro nas configurações do programa e tento desativá-lo, mas o máximo que consigo fazer é limitar as permissões do software. Posso me certificar de que ele não faça nada perigoso, como desligar os sistemas de sustentação de vida, mas não posso impedi-lo de cortar a energia. Toda vez que as luzes se apagam, vou me lembrar de como fui idiota em cair nas mentiras dele. Romy, a ingênua.

Na hora do almoço, escuto o som da notificação de dois novos e-mails. Levo mais de uma hora para reunir coragem e lê-los. Eu me concentro, tentando convencer meu cérebro de que não devo mais sentir medo, de que aquilo não está me afetando. São só palavras, afinal, e eu deveria conseguir lidar com a situação. Se eu fosse forte o suficiente, isso tudo passaria batido por mim.

O pior é saber que, se J disser algo fofo, gentil ou carinhoso, não vou conseguir impedir meu coração de acelerar, mesmo sabendo o mal que há por trás do gesto. Eu ainda o desejo, e me odeio por isso.

Engulo um punhado de refluxo ácido.

**De:** URP

**Enviada:** 05/03/2066

**Assunto:** Para consideração da Infinity

**Para:** Infinity

**Recebida:** 06/12/2067

Comandante Silvers,

A fim de implementar uma melhor eficiência, pedimos que a temperatura ambiente na *Infinity* seja reduzida em mais dois graus centígrados, de 23°C para 21°C, de forma a conservar energia.

Isso pode causar certo desconforto enquanto seu corpo se aclimata, mas, por favor, utilize mais roupas enquanto isso.

*Salve a URP. Vida longa e vigorosa ao Rei!*

**De:** Eternity

**Enviada:** 06/12/2067

**Para:** Infinity

**Recebida:** 06/12/2067

Romy,

Foi tão legal falar com você ontem. Estou ansioso para conversar de novo esta noite.

Quero ouvir mais sobre a URP. Fico preocupado em saber que você está sofrendo quando não posso fazer nada para ajudar. Odeio pensar que eles estão te incomodando. Você é mais forte do que imagina. Acredito em você, Romy Silvers.

Beijo grande,  
J

É doentio. Meu coração dói dentro do peito, uma pulsação dolorida, como se estivesse machucado. Poucas horas antes, eu estava desesperadamente apaixonada por J, mas agora só consigo ver o quanto suas mensagens são terrivelmente falsas.

Ele me manda todos esses pedidos desnecessários da URP, depois finge que está preocupado comigo por aceitar, tudo ao mesmo tempo. Ele está usando a URP para mexer comigo, para me atormentar.

J vem mentindo o tempo todo desde que nos conhecemos. Ele me tem na palma da mão há meses. É óbvio agora.

Não posso ignorar as evidências ou o que elas significam. Ele inventou a URP. Inventou a guerra. Fez com que eu passasse quase um ano preocupada, em pânico, obcecada com o que estava acontecendo na Terra.

Ele não pode ter feito isso por nenhum outro motivo além de crueldade. J está me atormentando a longa distância, da única forma que pode. Tudo que a URP me obrigou a fazer — ficar no escuro até perder o controle da bexiga, viver coberta de sujeira e suor sem tomar banho —, tudo foi obra de J. Ele inventou uma mentira complicada e até assumiu o controle do meu computador para poder fazer essas coisas comigo.

Como pôde fazer isso comigo? Por que quis fazer isso?

Releio cada mensagem, desesperada por alguma evidência que prove que nossa conexão é real, que não é J fazendo isso. Uma frase em particular de um de seus e-mails me chama a atenção:

Eu me pergunto se seríamos amigos caso tivéssemos nos encontrado em circunstâncias menos excepcionais. Espero que sim, vizinha, de verdade.

Algo nessa frase me soa familiar. *Encontrado em circunstâncias menos excepcionais.*

Não consigo descobrir o que é. Penso nas palavras o dia todo. Onde eu as escutei antes?

Então me ocorre: é um trecho de uma das minhas *fanfics*.

Jayden diz isso para Lyra em uma história que escrevi antes mesmo de conhecer J.

— *Você está bem* — disse ele, com a voz baixa, um murmúrio calmante em seu ouvido. — *Relaxa.*

*Lyra desabou sob o peito (bem definido) dele.*  
— Valeu — agradeceu ela, a voz falhando de um jeito vergonhoso. — Meu nome é Lyra.  
— Jayden. Prazer em conhecê-la — continuou ele. — Só queria que tivéssemos nos encontrado em circunstâncias menos excepcionais.

Eu escrevi essa frase. E J a usou em uma correspondência para mim.

Pode ser só coincidência, mas... é exatamente igual.

Verifico a data em que mandei a *fanfic* para Molly e faço alguns cálculos. A transmissão teria cruzado o caminho da *Eternity* quase seis meses atrás — dando a J tempo mais que suficiente para captar a transmissão, ler e incluir uma citação em sua resposta para mim.

Isso é possível? Ele realmente faria isso comigo? Mesmo agora, ainda estou esperando que seja tudo coincidência.

Releio os e-mails de J de novo, um por um, analisando as palavras com cuidado. Encontro mais dez frases retiradas exatamente dos diálogos de Jayden.

Tudo bem se eu ligar hoje à noite, às 19h? — *Esperei tanto tempo por esse momento — disse Jayden, o nariz pressionado na bochecha dela. — Não consigo pensar em nada além de conversar com você.*  
Se não for, apenas não responda. Mas espero que responda. **Esperei tanto tempo por esse momento. Não consigo pensar em nada além de conversar com você.**  
Mal posso esperar para ouvir sua voz.

Beijos,  
J

Quero ouvir mais sobre a URP. Fico preocupado em saber que você está sofrendo quando não posso fazer nada para ajudar. Odeio pensar que eles estão te incomodando. **Você é mais forte do que imagina. Acredito em você,** Romy Silvers. — *É mais forte do que imagina. Acredito em você, Lyra Loch.*

Beijo grande,  
J

**Não desista de mim, Romy, ainda não.** — *Lyra! Não desista de mim, Lyra, ainda não.*  
Estou chegando — **agente firme, só mais um pouco.** Vai ser mais fácil quando estivermos juntos. *Preciso de você. Agente firme, só mais um pouco.*

Continuo encontrando frases. Não consigo achar uma mensagem sequer onde J não tenha copiado algo de uma das minhas histórias. Nenhuma. Até suas primeiras correspondências contêm frases de histórias que escrevi quando tinha treze anos, enviadas para Molly bem antes de eu saber que a *Eternity* existia.

Ele está usando minhas próprias palavras contra mim.

A bile sobe pela garganta, e corro para o banheiro, vomitando até meu estômago ficar vazio. Depois pressiono a testa contra a lateral da privada e choro até sentir que não resta mais nada dentro de mim além do medo.

Por quê? Por que J...?

Ele estava fingindo ser Jayden? Estava tentando fazer com que eu gostasse dele, imitando Jayden Ness?

Se estive fingido ser Jayden esse tempo todo, então... com quem ando conversando? Um grito irrompe por minha garganta e fica preso em algum lugar atrás das minhas amígdalas, agudo e aterrorizado.

Se tudo o que pensei conhecer sobre J é inventado (inventado *por mim*), então quem é J afinal? *Quem é ele?*

Quem é essa pessoa que inventa mensagens da Terra e cria algo tão horrível quanto a guerra e a URP? Por que alguém fingiria ser um *personagem fictício*?

Por que ele passaria todo esse tempo brincando comigo?

Com quem estou falando?

J pegou um personagem que sabia que eu adorava. Fingiu ser ele. Fez com que eu gostasse dele, que o *amasse*.

Ele estava tentando me destruir, com cuidado, pedacinho por pedacinho, enquanto eu romantizava cada segundo da situação.

Pela primeira vez, o número de dias até a *Eternity* me alcançar não parece algo empolgante — é apavorante.

Oitenta e um dias.

Só isso.

Tento aumentar a velocidade da nave, redirecionando energia para os propulsores a fim de ganhar tempo antes do encontro, mas a *Infinity* já está viajando na velocidade máxima. Não há nada que eu possa fazer.

Em poucos meses, terei que encontrar seja lá quem esteja a bordo da outra nave. Vou ter que encará-lo, depois de tudo o que fez para mim.

Não posso confiar em nada do que ele diz, não mais. Nem sei com quem estou falando. Se ele mentiu para mim sobre a própria identidade, então o que mais posso esperar?

Não tenho ideia do que fazer, nenhuma forma de sequer começar a esboçar um plano. Como posso impedi-lo de vir até aqui? Como posso escapar?

Não posso.

Às sete, um toque agudo soa no computador. J está ligando. Bem no horário.

Não vou atender.

Não tenho condições de falar com ele. Não posso ouvir sua voz e fingir que não sei o que ele fez. Vou soar como uma pessoa completamente diferente de ontem.

Estremeço e fecho bem os olhos, como se isso pudesse me tirar dessa enrascada, como se, caso me esforçasse o suficiente, eu pudesse apagar o tempo de forma que a *Eternity* nunca tivesse sido lançada.

Subo na cama e puxo o edredom sobre a cabeça até estar segura dentro do casulo de lençóis, onde posso ignorar o computador e nada pode me ferir.

A ligação toca e toca.

Enrolo um travesseiro na cabeça e tento bloquear o toque agudo. O som vibra através de mim. Parece durar para sempre.

Finalmente, *finalmente*, ele para.

Deito de costas, olho para o teto e tento controlar a respiração. Antes mesmo que eu consiga relaxar, o toque recomeça, alto, penetrante e insistente.

Começo a chorar. J não vai parar. Não até eu atender. Ele não vai me deixar em paz.

A ligação toca mais três vezes.

Deve ter uma forma de desativar essa coisa. Quando o toque para, vou até a cabine. Tento bloquear as chamadas, mas, enquanto clico, J tenta de novo e...

Meu clique acidentalmente atende a ligação — ou talvez eu só precisasse *saber* de uma vez por todas se ele é bom, se é mau ou algum meio-termo —,

e o toque para.

— Romy? — chama uma voz. O som se arrasta por minhas terminações nervosas.

Meu coração para. Seguro o fôlego, como se isso pudesse fazê-lo ir embora, como se ele fosse pensar que a chamada deu erro e nunca foi completada.

— Você está aí? — sussurra.

Contenho um soluço.

Há menos de um segundo de silêncio. O *delay* desapareceu quase que por completo.

— Você *está* aí — afirma ele. — Consigo escutar.

Engulo as borboletas, mariposas e cobras na barriga. Antes que eu possa decidir encerrar a ligação sem dizer uma palavra, ele insiste:

— Sou apenas eu. Não precisa ter medo.

A voz de J é grave e terrivelmente gentil, como se ele pensasse que, mantendo-a suave, seria capaz de me atrair para seus braços. O pior é que, um dia atrás, teria funcionado.

— Não estou com medo — solto sem pensar.

Ocorre outro momento de silêncio. Desta vez, soa como uma vitória.

— Achei que você não fosse atender — diz ele por fim, em um tom parte censorador e parte satisfeito.

E apenas porque não estou totalmente convencida de que ele fez o que eu acho que fez, respondo:

— Eu não ia. Atendi por acidente.

— Você *está* com medo. — As palavras dele carregam total certeza. Sinto um arrepio subir pela coluna até o pescoço.

— Preciso ir — digo depressa.

— Vejo você em... — responde ele, mas desligo antes que J possa terminar a frase.

Encaro a tela, ofegante e suada, como se tivesse corrido quatro voltas na nave.

Ele liga de novo, mas apenas uma vez.

Tenho certeza agora: J não é legal. Nunca mais quero ouvir a voz dele. Eu me sento de pernas cruzadas no chão e encaro as maquetes povoadas pela minúscula Romy, o minúsculo J e todas as criancinhas que iríamos ter juntos — em algum universo alternativo onde ele era bom, eu era normal e nós estávamos apaixonados de verdade em vez de encenando.

Pego as casinhas feitas com pacotes de comida. Elas balançam em suas fundações de cola, galinhas de papel caindo pelas laterais.

Carrego a frágil criação até a câmara de descompressão, abro a porta e deixo que voe para o espaço.

Ela se desmonta, virando e girando até meu futuro desaparecer no vazio.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* ME ALCANÇAR:

80

Passo o dia andando de um lado para outro na nave, enterrada até a cintura em soluções desesperadas.

*Oitenta dias. Eu ainda tenho oitenta dias. Ele não está aqui ainda.* Digo isso a mim mesma de novo e de novo, tentando me acalmar.

De qualquer ângulo que eu tente olhar a situação, não consigo escapar. Como você foge de alguém voando quase na velocidade da luz na sua direção? Como evita alguém que pode correr mais rápido? Como desvia de alguém que teve mais de dois anos para planejar seus movimentos?

J gastou tanto tempo e energia tentando transformar minha vida em um inferno. Da URP aos cortes de energia, ele criou as piores condições de vida possíveis.

Hoje, enquanto eu vasculhava o sistema operacional, encontrei um arquivo de áudio escondido no código. A sala se encheu com o som de unhas raspando metal — como os ruídos que andei escutando do lado de fora da nave.

Os ruídos não estavam na minha cabeça. Eu não estava imaginando coisas. Ele fez um programa para tocar o áudio à noite. Os monstros eram reais. Os monstros eram criados o tempo todo por J.

Ele deve ter passado horas planejando essa coisinha mínima só para me machucar. E isso é só o começo.

Vale a pena tentar detê-lo? J está vindo, não tem nada que eu possa fazer. Posso apenas esperar e torcer para que as coisas sejam diferentes quando ele chegar. Mas isso é possível?

Há um silêncio abrupto quando o eco dos meus passos cessa. Percebo que, sem querer, parei do lado de fora da enfermaria. Estou tão tensa que quase dou um pulo.

Encaro a porta semiaberta.

Existem tantos lugares na nave que eu evito porque tenho medo de encarar o passado. Mas o passado é muito menos assustador do que o futuro.

Já sei o que aconteceu, já sei como foi ruim. Mas não sei o que está por vir.

Inspiro o ar estagnado e avalio se entro ou não.

Eu tinha onze anos quando escutei um ruído no banco de genes. Eu precisava da ajuda do meu pai com um problema de Astrofísica, então fui procurá-lo. Quando entrei no banco de genes para ver se ele estava lá, encontrei minha mãe.

Ela estava destruindo os embriões, acertando os gabinetes com o tanque de oxigênio de seu traje. Ela quebrou o vidro, fazendo o conteúdo se espalhar pelo chão em uma névoa gelada de nitrogênio líquido.

Minha mãe se virou para me olhar, com sangue escorrendo pelos pulsos, fragmentos de vidro fincados em seu punho. Ela caminhou em minha direção, esmagando os restos quebrados de tubos de ensaio sob os pés descalços.

Havia um olhar perdido em seu rosto, da forma que sempre acontecia durante um episódio psicótico.

— Não adianta. Não é seguro. *Não vamos conseguir.*

— Mãe? O que você...? — Não tirei os olhos dela, mas gritei “PAI!” o mais alto que pude.

Minha mãe estava sofrendo de psicoses cada vez mais violentas. Ainda assim, eu nunca a tinha visto daquele jeito.

— Eles não têm escolha! — gritou ela.

— Quem são eles? — perguntei. Eu podia ouvir o som de passos, sabia que meu pai estava vindo.

— Eles não deveriam viver nesse mundo corrompido e solitário — insistiu ela.

— Talia! — gritou meu pai, entrando no banco de genes. — O que você está...? — Ele avistou o gabinete quebrado atrás dela. — Ai, Deus, não. Talia, o que você fez?

Minha mãe ergueu a cabeça para olhá-lo.

— *Não foi decisão deles!*

Ela girou, levantando o cilindro de oxigênio rumo ao vidro de outro freezer contendo centenas de embriões.

O tanque acertou a lateral do freezer e se partiu no impacto, o oxigênio escapando do tubo com um chiado alto enquanto pedaços de metal voavam pelo cômodo.

Minha mãe levantou os braços e mirou outra vez o vidro.

— TALIA! — Meu pai saltou sobre ela, passando os braços ao redor dos ombros de minha mãe, agarrando seus punhos antes que ela pudesse reagir. Ela soltou um grito furioso e jogou todo o peso do corpo à frente.

— É muito cruel. *Não podemos!*

Mas meu pai era forte demais para ela. Eles lutaram, um puxando o outro em direções opostas, até que ele escorregou na bagunça do chão. Meu pai caiu, com minha mãe por cima.

Ela se afastou, libertando-se dele e mergulhando rumo ao gabinete mais próximo. Meu pai a agarrou pelo braço, ambos escorregando por causa do sangue. Minha mãe se virou para ele, descontrolada de fúria, e o empurrou.

A cabeça do meu pai foi para trás quando ele caiu, batendo contra o canto afiado de uma das portas quebradas do freezer.

Minha mãe se soltou, dando meia-volta, gritando:

— Merecemos morrer pelo que fizemos!

Meu pai produziu um som falhado e sem fôlego que soava como “Romy” e “ajuda”, e percebi que ele não estava se movendo. Sua cabeça estava virada em um ângulo esquisito, e o sangue que pingava da curva de seu pescoço era fresco, denso e escuro. Corri até ele, empurrando minha mãe de lado.

— Pare! Mãe, ele bateu a cabeça!

Ela apenas olhou para mim, como se não conseguisse entender quem eu era.

Ajoelhei ao lado do meu pai e vi com inacreditável horror que uma lâmina de vidro havia perfurado seu pescoço, entrando fundo pela pele na base do crânio. Quando nossos olhares se cruzaram, as pupilas dele estavam dilatadas, quase completamente escuras.

— Ele está preso, me ajude! — gritei para minha mãe, a médica, mas não consegui fazê-la se mover.

— *Eles não merecem este inferno!* — Minha mãe forçou as palavras através das lágrimas. — Deveríamos ter acabado com este pesadelo anos atrás!

Tateei a cabeça do meu pai, tentando decidir se devia soltá-lo do vidro. Eu não fazia ideia de quão fundo o caco se enfiara em sua cabeça, mas o fluxo de sangue estava ficando mais rápido.

Tudo o que eu sabia sobre primeiros socorros era que eu precisava parar o sangramento; eu tinha de enfaixá-lo. Eu só tinha onze anos.

Com cuidado, puxei sua cabeça para longe da porta do freezer, tentando separar o vidro da pele. Ela deslizou alguns centímetros, mas então ouvi um estalo inconfundível. Meu pai ficou assustadoramente branco. Suas pupilas dilatadas ficaram vazias. Seu peito desabou.

Foi quando minha mãe pareceu voltar a si. Ela parou de gritar e encarou meu pai, como se não conseguisse entender o que havia acontecido.

Eu soube antes dela. Ele estava morto.

Minha mãe se virou para me observar com olhos vazios. Eu estava certa de que ela me atacaria em seguida.

Então fugi.

No corredor, subi a escada para os depósitos, esperando que ela agarrasse minhas pernas a qualquer momento. Continuei subindo até chegar em uma fenda entre duas prateleiras. Mergulhei lá dentro, rastejando até o mais fundo que podia, encolhendo o corpo em um espaço pequeno demais para qualquer pessoa além de uma menina de onze anos.

Eu podia ouvir ruídos atrás de mim, batendo e quebrando. Não sabia dizer se ela estava me perseguindo ou ainda destruindo os freezers de embriões, mas não olhei para trás a fim de verificar.

Deitada no escuro, eu podia sentir o sangue escorrendo por meus joelhos no ponto onde eu os esfolara. Toda vez que respirava, meu peito encontrava as caixas ao meu redor.

Fiquei escutando.

Permaneci ali por dois dias, escutando, esperando, certa de que minha mãe viria atrás de mim.

Fiquei escondida na completa escuridão do depósito até estar com sede demais para esperar, até que a lembrança dos olhos do meu pai se apagando sob minhas mãos foi demais para suportar sozinha no escuro.

Quando voltei ao nível térreo, a nave estava em completo silêncio. Fiquei parada no corredor, tentando decidir o que fazer. Minha boca estava seca, mas meu cérebro me dizia para descobrir onde minha mãe estava antes de ir beber água.

Eu não conseguia ouvir nada. Após dez minutos, caminhei lentamente pelo corredor até a área de habitação, o som dos meus próprios pés me causando sobressaltos.

Estava vazia.

Verifiquei os armários, olhei debaixo das camas. Depois fui à pia e bebi, bebi, bebi.

Quando saciei a sede, meu medo voltou a jorrar.

Pensei em retornar para o depósito com uma garrafa d'água, mas a nave estava tão silenciosa e vazia que minha curiosidade me venceu. Eu precisava saber o que minha mãe estava fazendo — e parte de mim queria ver o corpo do meu pai, porque eu não havia me convencido totalmente de que ele estava mesmo morto.

Verifiquei a nave inteira. Os únicos sons eram os que eu fazia.

O banco de genes estava vazio — e havia sido limpo. Não existiam sinais do acidente, exceto pelos gabinetes quebrados. Alguns outros estavam intactos, cheios de centenas de embriões que não haviam sido destruídos.

Se eu tivesse procurado melhor, poderia ter encontrado o fragmento do tanque de oxigênio de minha mãe, gravado com seu nome, escondido na saliência da porta. Mas eu estava confusa demais para fazer qualquer coisa além de seguir vagando pela nave.

Eu não sabia o que pensar.

O último lugar que verifiquei foi a enfermaria — alguma partezinha do meu cérebro torcia para que meu pai estivesse se recuperando ali, sob os cuidados de minha mãe.

A porta se abriu, e meus olhos imediatamente encontraram o jarro de cinzas esperando na mesa.

Pai.

Dei um passo para dentro do cômodo, forçando meus olhos a se afastarem do jarro, buscando minha mãe. Eu sabia que ela devia estar lá. Eu havia procurado em todo o resto da nave.

O cômodo estava vazio.

— Mãe? — chamei, minha voz falhando, pouco mais alta que um sussurro.

Sem resposta.

Engoli em seco. O cômodo estava tomado por tanques de estase vazios, memoriais silenciosos aos astronautas que morreram. Havia quase uma centena. Eu só conseguia pensar na minha mãe se escondendo dentro de um deles — ou vindo de mansinho até mim enquanto eu verificava o lugar.

Mas eu tinha que olhar. Tinha que encontrá-la.

Andei em círculos pelo cômodo, verificando os gabinetes e debaixo das macas. Ela não estava ali. Só restavam os tanques. Comecei a abrir um por um.

Vazio.

Vazio.

Vazio.

O décimo tanque que verifiquei não estava vazio. Estava ligado. De acordo com o monitor exibindo sinais vitais, havia alguém lá dentro.

Fui tomada de adrenalina. Respirei fundo e abri a porta. Minha mãe estava no interior do tanque. Estava em estase, assim como os astronautas antes da falha.

Eu a encarei por longos segundos. Não conseguia afastar os olhos de suas pálpebras fechadas. Esperava que ela fosse abrir os olhos a qualquer momento, que avançasse em mim.

Quando a máquina começou a apitar, alertando que eu deveria fechá-la antes que o descongelamento acontecesse, selei a porta e me afastei, caindo no chão e olhando para o tanque.

Minha mãe havia arrumado o banco de genes. Cremado meu pai. E depois entrou em um tanque e iniciou uma hibernação.

Ela conhecia os riscos, mas havia feito mesmo assim.

Ainda não sei por quê. Culpa? Terror? Pânico? Ou apenas loucura?

Não sei. Acho que nunca vou descobrir.

Coloquei as cinzas do meu pai junto com as dos astronautas. Tocando seus restos, sentindo os grãos contra meus dedos, foi que percebi que estava sozinha. Para sempre.

Não voltei à enfermaria desde então. Não quero saber se ela ainda está viva. Não quero saber se estou dividindo minha nave com uma assassina ou um cadáver.

Não quero saber por que ela se colocou em estase.

Nunca mais quero vê-la.

Encaro as fileiras de tanques através da porta aberta da enfermaria. Entendo agora por que minha mãe queria destruir os embriões.

Ela achou que era melhor não viver do que existir no mundo que enxergava — onde você é forçado a observar seus amigos morrendo e a se

agarrar a fragmentos mínimos de comunicação humana vindos de um planeta a anos-luz, cada vez mais distante. Ela achou que seria mais humano destruir as células antes que elas tivessem a chance de sofrer o que vivenciamos — ou pior. Será que não ter vida é melhor do que o medo constante e a luta pela sobrevivência com a qual me deparo todos os dias?

Não sei.

Se uma vida de medo não vale a pena ser vivida, então por que eu deveria me dar ao trabalho? Não é possível ter mais medo do que estou sentindo agora. A ideia de J vindo me pegar machuca até a medula, um medo profundo e primitivo.

Seja lá o que aconteça, não consigo enxergar um momento na vida em que serei feliz. Pelo resto da minha existência, estarei lutando. Sempre vou estar a instantes de afundar por completo?

Por que eu deveria viver?

Eu poderia fazer como minha mãe e apenas... não. Entrar em um tanque. Deixar minha vida ao acaso. Recusar assumir qualquer responsabilidade.

Seria tão fácil. Mas também seria tão *sem sentido*. Cada ano que lutei para sobreviver até aqui seria desperdiçado.

Percebo então que já tomei minha decisão: quero viver. Quero tanto viver que eu arrancaria a garganta de qualquer um que tentasse me impedir. Não vou desistir. Não vou me sentar e esperar que J me encontre e faça seus joguinhos.

Vou lutar. Vou fazer o que for preciso para sobreviver.

## DIAS ATÉ A *ETERNITY* ME ALCANÇAR:

79

Estou escondida entre as pilhas novamente. Estou encolhida contra o teto, forçando a vista para identificar qualquer sinal da sombra da minha mãe vindo me pegar.

Eu a escuto chamar meu nome baixinho. Inicialmente, acho que ela está longe. Mas de repente sinto uma mão em meu tornozelo e percebo que era um sussurro.

Ela puxa, as unhas se enfiando em minha pele.

— Venha, Romy. Saia para brincar.

Não é minha mãe. É J. Ele se inclina sobre mim, o bafo podre, e me encara com o rosto de Jayden e a voz de J. Ele ri feito um maníaco em gargalhadas curtas.

— Olá, Romy — diz ele e...

Eu acordo.

Inclino o corpo na lateral da cama e vomito, engasgada com os últimos pedaços de comida e ácido estomacal, cuspiendo no chão.

Meu coração está acelerado. Minha cabeça dói tanto que é como se eu tivesse sido apunhalada no crânio.

Depois percebo que acordei porque ouvi um barulho: um enorme “*bang*” ecoando.

Forço os olhos contra a escuridão, tentando entender se o som é real ou se é mais um dos truques do software de J. Tudo está em silêncio, parado, exceto pelas batidas abafadas da pulsação em meus ouvidos. Encaro o teto por longos e agonizantes minutos, certa de que as criaturas de J voltaram a arranhar e rastejar pelo lado de fora da nave.

Mas então se inicia um lento e constante rangido.

Fico sentada em um salto. Daqui, consigo ver a cabine, brilhando em vermelho-vivo com uma mensagem de alerta.

As luzes se acendem ao meu redor enquanto corro em direção ao computador. Há uma mensagem piscando na tela:

## **NAVE TENTANDO CONEXÃO**

DETERMINE STATUS

Uma nave? Conectando? Não entendo. O computador emite uma nova mensagem:

## **IDENTIFICAÇÃO DE NAVE CONCLUÍDA**

PERMITA CONEXÃO DA “ETERNITY”

*A Eternity.*

O barulho. Era a *Eternity* encostando em minha nave. Ainda faltam meses. Mas, de alguma forma...

Está aqui.

Meu cérebro desperta de uma só vez.

— Não! — grito para o computador, digitando comandos freneticamente. — NÃO ACOUPLE. NÃO PERMITA O ACESSO.

CONEXÃO COM “ETERNITY” INICIADA EM OUTRA NAVE

— Não! Não! Não! NÃO CONECTE.

Aperto botões, cancelando e negando cada mensagem que surge, mas o software pertence a J, então é claro que ele não me escuta. Eu devia ter me esforçado mais para me livrar dessa coisa.

J mentiu para mim. Ele disse que não chegaria antes de alguns meses, mas estava a poucas horas de distância quando me ligou há dois dias. Ele sabia. Ele sabia que me veria esta noite.

Ele estava brincando comigo ao telefone.

Outro jogo.

O computador segue recusando meus comandos. A *Eternity* cancela cada instrução que dou, iniciando verificações de segurança e procedimentos de equalização de ar até que:

## NAVE CONECTADA COM SUCESSO

### INICIANDO DESCOMPRESSÃO DA CÂMARA DE VEDAÇÃO

Um calor se espalha por meus ombros.

— NÃO ABRA A CÂMARA. NÃO. NÃO!

Não há nada que eu possa fazer para impedir. O computador não deixa.

Corro em direção à câmara. Se for rápida o bastante, talvez possa desacoplar manualmente. Chego tropeçando na frente da escotilha, bem a tempo de ver a outra porta se abrir deslizando.

Há uma figura parada na soleira.

J e eu nos encaramos através do vidro da porta interna. Atrás dele, consigo ver o interior da outra nave, piscando com luzes brancas, toda feita em aço e linhas curvas.

Ele dá um passo à frente na câmara repressurizada. A porta interna detecta seu movimento e desliza suavemente, abrindo. J está a bordo da *Infinity*.

Não é a aparência dele que me surpreende — mesmo que ele não seja nada como havia descrito e não se pareça em nada com Jayden, o que eu devia ter imaginado ser apenas outra coisa que ele disse para me enganar. São seus olhos. Os olhos dele são vitoriosos. Ele acha que já ganhou.

Ele é tão *forte*. Muito maior do que eu esperava. Loiro, musculoso, com barba por fazer. Puxo minha camisola para baixo das coxas.

Nós nos encaramos. Por tempo demais, nenhum de nós fala. Apenas nos observamos. Esperando.

Mas então eu me viro... e corro.

Não olho para trás, nem para verificar se ele está me seguindo. Sou rápida, sei que sou. Com alguma vantagem, posso vencê-lo. Eu conheço a nave, e ele não. Posso deixá-lo para trás.

Continuo correndo, correndo, correndo. De um lado a outro da nave, até a escada para o depósito, através do túnel entre as fileiras. Algum instinto me diz que, como permaneci segura aqui da última vez, ficarei segura de novo.

Não consigo raciocinar. Não consigo nem respirar direito de tanto medo.

Engatinho o mais rápido que posso, indo fundo nas entranhas da nave. Não escuto J atrás de mim, então devo estar segura. Devo estar sozinha.

Viro à esquerda e à direita, depois à esquerda de novo, costurando entre pilhas de suprimentos no labirinto que criei. Subo em uma pilha baixa de pacotes de lasanha e dou de cara com uma parede. Cheguei ao centro da nave, bem onde a calota da roda estaria. Não há mais para onde ir.

Rastejo sobre a pilha e me jogo na fenda entre as caixas e a lateral da nave.

Fico escutando. Há apenas silêncio. Depressa, bloqueio a entrada da saliência com alguns contêineres. A não ser que alguém olhe com cuidado, não tem como perceber que existe uma fenda ali. Não tem como J encontrar meu esconderijo, pelo menos não tão depressa. Estou segura.

Eu me afasto da entrada até desaparecer de vista, oculta na curva da parede da nave, de modo que, mesmo que ele encontre a fenda, não consiga me ver.

Depois me encosto contra a parede de aço, lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto, mal conseguindo me impedir de chorar muito alto.

Estou chocada com a aparência de J.

Ele é baixo.

É mais velho do que eu imaginava — definitivamente não tem vinte e dois anos, como alegava. Deve ter mais de trinta.

E é lindo.

Tem cachos loiros sobre a testa e uma barba por fazer cuidadosamente cultivada, músculos bem definidos e olhos azuis.

Mas os olhos... Seus olhos haviam pousado em mim como se ele fosse um predador e eu fosse a presa.

Por que J se descreveria como algo que não é? Com certeza as pessoas só mentem quando têm vergonha de sua aparência. Mas ele...

Ele não teria motivo para isso.

Por que mentiria? Deve ser por diversão. Achei que ele estava tentando fazer com que eu me apaixonasse por ele, mas não era nada disso. A questão era mentir.

Ele só estava brincando comigo. Tudo sobre J, cada coisa, era uma mentira.

Envolvo a cabeça com os braços, descansando a testa nos joelhos. Quero bloquear os pensamentos, porque tudo o que passa pela minha mente só me faz entrar em pânico, e, quando começo a entrar em pânico, não consigo

mais parar, e aí vou terminar ficando aqui escondida na escuridão dos depósitos, de camisola, incapaz de respirar.

Por que ele não veio atrás de mim? Por que ficou lá parado e me deixou fugir? Depois de todo o esforço que teve para chegar de mansinho na minha nave enquanto eu dormia, para me pegar desprevenida... por que me deixou sair assim?

É porque J não precisa me perseguir. Não tenho para onde correr e escapar dele. Estamos em uma nave no meio do espaço. Ele me tem bem presa.

Eu me pergunto o que J está fazendo, se ao menos está procurando por mim. A imagem de J vasculhando minhas coisas brota em minha cabeça. Ele pode estar enfiando os dedos na minha escova de cabelo, mexendo nas roupas que eu fiz, acariciando meu ursinho de pelúcia, brincando com meus instrumentos e maquetes, comendo minha geleia de morango...

Não consigo evitar soltar um soluço preocupado.

Por que ele está fazendo isso comigo? Por que *eu*?

Para começar, como ele foi enviado para essa missão? Com certeza a NASA teria feito algum... *teste de sanidade*? Como alguém como ele conseguiu ser escolhido para a segunda missão em espaço profundo da história?

Minha mente gira a mil por hora, pensando em tudo até que não consiga pensar em mais nada. Fecho os olhos.

# HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

1

Estou quase caindo em um tipo de sono exausto quando escuto um estalo. Cada músculo no meu corpo tensiona, perguntando o que vem a seguir.

Depois, ecoando pelos depósitos cavernosos, escuto uma voz.

— Olá, Romy.

Levo as mãos à boca para segurar um arquejo. É inacreditavelmente alto. Onde ele está? É como se o som de sua voz estivesse vindo por todos os lados.

— Encontrei o alto-falante.

Eu nem sabia que *havia* um interfone. Pressiono a cabeça contra a parede, metade aliviada por não ser J em pessoa, metade ainda mais apavorada. Ele pode falar comigo sempre que quiser. Pode me atormentar vinte e quatro horas por dia.

— Sinto muito por ter assustado você. — Ele solta uma risada, curta e obviamente falsa, estalando nos alto-falantes. — Achei que seria uma surpresa legal caso eu chegasse mais cedo.

Quero enfiar os dedos nos ouvidos e bloquear o som da voz dele, mas não consigo. Preciso saber o que J tem a dizer.

— Posso entender por que você fugiu. Mas está tudo bem, pode sair agora. Não vou machucar você. Você me conhece. Só quero o seu melhor. Só quero dizer um oi depois de tantas conversas por e-mail!

Ele pausa, apenas por tempo o suficiente para eu acreditar que aquilo terminou. Quando volta a falar, dou um pulo com o susto. Sua voz é baixa, quase inaudível.

— Mas não precisamos nos apressar. Vá no seu tempo. Vou dormir agora.

Escuto o estalo do interfone desligando. Ele está *na minha cama*? O pensamento faz com que eu me sinta cheia de pulgas, uma coceira literal em minha pele.

Ele ainda acha que eu não sei? Como pode achar que não descobri tudo depois que saí correndo? Depois de eu ter recusado suas ligações?

Não entendo como J pode acreditar que exista algo que ele possa dizer que me faça sair daqui.

O que vou fazer?

*O que vou fazer?*

Só posso permanecer aqui até minha sede me obrigar a partir em busca de água. Tenho um dia, talvez menos. Tempo o suficiente para bolar um plano. Provavelmente.

Neste momento, não creio que exista uma forma de ganhar.

Eu me encolho no chão, descanso a cabeça em uma bandeja de lasanha e fecho os olhos. Respiro fundo, inspirando e expirando, fingindo para mim mesma que estou dormindo e que não estou de ouvidos atentos ao menor som. Finjo que não estou pronta para agir ou à beira de um ataque de pânico.

Após uma hora, meus músculos começam a doer de tanta tensão.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

5

Ele me dá quatro horas, e então o interfone toca de novo. Sua voz é leve e suave, quase um sussurro.

— Bom dia, Romy. Dormiu bem? — Há uma pausa, como se J estivesse esperando minha resposta.

Estou tremendo, mas não é de frio.

— Por favor, você pode sair? — A voz dele assume um tom gentil de repente. — Estou com saudades. Sinto falta das nossas conversas. — Outra pausa. — Por favor. Esperei tanto tempo para conhecer você.

## **HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:**

### **9**

Ele não parou de me chamar a manhã toda. Sua voz se apossou do meu cérebro. É pior do que um pesadelo.

— Você está acabando comigo. Se não sair, não sei o que vou fazer. Posso me machucar. Estou sofrendo tanto...

A voz dele me irrita, destruindo meu autocontrole até eu me tornar apenas um caco de medo. Ele me cercou e depois me imobilizou com as palavras. Está apertando cada vez mais o cerco, até que eu prefira explodir só para me livrar da pressão. Não tenho como escapar.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

13

— Por favor, apenas fale comigo. Diga alguma coisa. Preciso ouvir sua voz. Tenho medo de que você tenha se machucado.

Eu me pergunto o que J está fazendo — se está procurando por mim, vagando pela nave enquanto fala ao interfone. Ele pode estar fazendo qualquer coisa, e eu não faria a mínima ideia.

## **HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:**

**17**

— Romy, você está sendo muito boba. É falta de educação me ignorar desse jeito.

Fico deitada de costas e olho para a saliência entre a parede e as pilhas de caixas, onde um tom acinzentado de luz invade a escuridão. Minha boca tem gosto de medo: bile, ferro, catarro e sal.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

19

— Você não confia em mim? Acha que vou te machucar?

Vou morrer. É isso. Tenho que aceitar. Não tenho um plano, nenhuma maneira de escapar. Nada a fazer exceto ir até ele.

— Saia daí.

Por que não saio? Estou apenas adiando o inevitável, escondida aqui como uma covarde em vez de encarar meu pior medo.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

### 23

A voz dele está áspera agora, após horas murmurando e implorando. Toda a bondade e gentileza se foram.

— Vou te dar uma última chance de sair, Romy. Depois vou atrás de você.

Pressiono as mãos contra os olhos e sufoco um grito. Não posso encará-lo. Ele vai me matar. E ele sabe que eu sei — nem está mais fingindo. J está a caminho.

Não consigo piscar de tanto medo.

Ele não vai me encontrar, não importa o que diga. Ele não pode. É impossível.

Estou segura, sei que estou.

Meu rosto está molhado de lágrimas.

Ele não pode...

Escuto um ruído.

As pilhas se movem como se estivessem caindo, e, por um momento, penso ter derrubado alguma coisa e provocado uma avalanche, mas então vejo a luz. Ela atravessa por meu esconderijo, fazendo as sombras dançarem.

Fica cada vez mais brilhante, até que uma mão irrompe através das caixas, depois um braço e uma cabeça.

A cabeça se vira lentamente, bem lentamente.

J olha para mim. Ele sorri.

Vislumbro seu sorriso amplo antes de ele apontar a luz da lanterna diretamente para o meu rosto. É tão forte que me deixa cega. Isso me impulsiona. Jogo o corpo para trás na lateral da nave, lutando para enxergar além dos pontos brilhantes em minha visão.

Uma sombra avança para mim. Unhas afiadas raspam meus joelhos, arranhando a pele nua e agarrando minha canela.

O aperto de J é forte quando ele me puxa, trazendo-me para perto. Solto um grito horrorizado e tento me agarrar às caixas, mas ele é forte demais.

Saio deslizando, com pacotes caindo ao redor. Posso sentir seu hálito quente contra o interior do meu joelho.

Chuto com o outro pé e acerto algo sólido. Ele grunhe, afrouxando o aperto. Faço de novo antes que ele consiga me impedir. Posso sentir algo úmido nos dedos do meu pé.

Mergulho para trás, forçando passagem através dos pacotes caídos na lateral da parede. A qualquer momento, espero sentir suas mãos em mim outra vez.

Ele grita, furioso. Soa distante o suficiente para que eu arrisque olhar por cima do ombro.

J está preso. A fenda é pequena demais para ele. Não pode me seguir.

Ele está derrubando pacotes para abrir caminho, tentando criar uma passagem mais larga, mas ele é grande demais. Seu torso mal se encaixa na abertura.

Paro e fico observando a cerca de dez metros de distância, meio escondida atrás de uma caixa grande de maquinário.

Ele me percebe olhando e também para. Seus dentes à mostra, que parecem enfurecidos enquanto ele luta para chegar até mim, transformam-se em um sorriso sedutor.

— Pode me ajudar? Acho que estou preso.

Ele acena com a mão livre para mim. Deslizo mais um metro para trás, espiando do meu esconderijo.

— Não. — As palavras saem em um sussurro.

— *Não?* — questiona ele, fingindo estar confuso.

— Não sou idiota — digo. Minha voz parece um pouco mais forte dessa vez.

J me encara e então sorri novamente, mostrando os dentes brancos. Ele esfrega o sangue de suas narinas, bem no ponto onde chutei seu rosto.

— Sei que não é idiota, Romy. Acho você muito inteligente.

Faço uma careta.

— Pare de mentir para mim — ordeno, cuspidando as palavras.

Com isso, seus olhos azuis e brilhantes parecem de fato surpresos. Ele se mexe. Os pacotes ao redor dele deslizam, mas J não está mais tentando me pegar. Está se acomodando para uma conversa.

— Por que acha que estou mentindo?

— Como pôde fazer isso comigo? Pensei que fôssemos amigos! — Consigo sentir lágrimas quentes se acumulando no canto dos olhos. Espero que ele não seja capaz de vê-las a essa distância.

— E o que é que estou fazendo com você? — indaga ele, a voz dolorosamente gentil.

— Você... você está me perseguindo. Sei que inventou a URP. E a guerra. — Minha voz é aguda e trêmula. Estou soando como a criança que ele finge que sou.

— Você entendeu tudo errado, Romy. Por que não vem aqui e me deixa explicar? Pode confiar em mim. Você me conhece melhor do que ninguém.

Deslizo mais um metro para trás até conseguir enxergar apenas a luz da lanterna e as sombras que J projeta no chão enquanto tenta se mover. Ele está silencioso, escutando minha respiração.

— Nada que você diga vai me fazer confiar em você. Prefiro morrer — sussurro, e então deslizo mais e mais, para longe dele.

J começa a lutar contra os pacotes outra vez. As vibrações fazem as pilhas ao meu redor tremerem.

Ele não tem como passar, há caixas demais, empacotadas de um jeito denso demais, e sou muito rápida. Ele acaba desistindo.

— Tenho um sensor de calor — grita ele. — Não pode me evitar para sempre! Pare de agir feito uma criança e venha conversar!

As palavras me chocam. Um sensor de calor. Foi assim que ele me encontrou tão depressa. Ele sabia onde eu estava o tempo todo.

J está brincando comigo. De novo.

Eu me movimento mais rápido, para o caso de ser um truque ou ele estar rastejando pelo depósito para me alcançar em outro ponto. Paro apenas quando meu braço acerta algo que não se mexe.

Eu congelo, desejando ter um pouco de luz. Quando verifico meu braço, buscando por um ferimento, o único sangue fresco em mim pertence a J, secando nas rachaduras da sola do meu pé.

Tateio com cuidado até encontrar o que acertei. É um degrau de uma escada vertical. Minha surpresa ao encontrá-la mal é perceptível. Estou tão aliviada. É uma saída.

Não me preocupo em ser silenciosa — não faz sentido, não quando ele pode me encontrar tão fácil. Começo a descer, mesmo sem saber para onde

estou indo. Achei que conhecia cada centímetro da nave, mas não consigo me lembrar de em qual local no piso térreo dá essa escada.

Estou percorrendo os degraus há alguns minutos quando meu estômago se revira e meus pés tropeçam no meio de um passo. De repente, estou *caindo*, colidindo com as paredes do poço na descida. Algo aconteceu com a gravidade artificial.

Não há tempo de pensar. Luto para me segurar em um degrau, sem ar devido à dor no braço enquanto sustento meu próprio peso. Giro para o lado, tentando me agarrar à escada com a outra mão, mas a força que me empurra túnel abaixo é tão forte que não consigo me segurar.

Antes que eu possa firmar os dedos na escada, meus músculos fraquejam. Começo a cair de novo. Eu me preparo para atingir o fundo do túnel com um baque doloroso e sangrento.

Quando percebo que estou começando a entrar em pânico, bato na base do poço. O impacto se espalha pelas articulações do joelho, fazendo meu rosto se contorcer. Recupero o fôlego, tentando me acalmar. O poço não era fundo o suficiente para me machucar. Estou bem. Estou bem. A gravidade ao meu redor de repente parece voltar ao normal.

O que está havendo? Os propulsores de rotação que controlam a gravidade artificial estão falhando? Ou J também fez isso? Ele está mexendo de novo com minha nave para poder me machucar?

Tudo o que ele teria que fazer seria ajustar a velocidade na qual a nave está girando. Isso mudaria a força da gravidade gerada.

Mas não tenho tempo para me preocupar com essas coisas agora. J pode abrir caminho pelo depósito e me seguir a qualquer segundo. Não posso deixar que me encontre.

Quando as luzes se apagam, não paro de me mover. Tiro a lanterna do bolso, onde sempre a mantenho, e a prendo no cinto. Meus dentes estão batendo.

Eu me abaixo para abrir a escotilha de metal, segurando firme para caso a gravidade mude novamente. As luzes acendem e apagam, deixando a vista confusa. Eu me sinto bêbada, insegura sobre qual direção é para cima ou para baixo.

Aponto a lanterna para o cômodo inferior, fazendo o brilho fraco das luzes azuis de *standby* lentamente se tornarem brancas, ativadas pelo

movimento. De repente, percebo onde estou. Há um motivo pelo qual nunca passei por esta escada antes — ela leva à enfermaria.

Por um segundo, cogito voltar ao poço. Estou presa entre finalmente encarar o cômodo ou voltar para J. Sem saída.

Quando as luzes se apagam outra vez e não voltam, tomo uma decisão. Desço para a enfermaria. Seja lá o que estiver esperando por mim ali, não é nada como o que está acima.

Meu olhar passa pela mesa onde certa vez encontrei os restos mortais do meu pai. Os tanques ainda entulham o cômodo como lápides ocas. Faço uma contagem a partir da porta, encontrando aquele em que está minha mãe.

Agora que estou aqui, preciso saber mais do que nunca: ela ainda está viva? Ou o tanque contém um corpo congelado?

Todos os pensamentos sobre J deixam minha mente, substituídos pelo medo que me consumiu durante quase seis anos.

Posso ver a forma escura da cabeça de minha mãe através da janelinha de vidro embaçada. Toco o tanque, descansando a ponta dos dedos onde seus olhos devem estar. Sinto saudades dela. Eu a odeio pelo que fez com a gente. Mas também sinto falta dela. Tanta que dói. Ela ainda é minha mãe.

Abaixo a cabeça contra o vidro, desejando enxergar lá dentro, mas assustada demais para olhar. Minha outra mão toca a lateral do tanque, envolvendo a máquina como se eu a estivesse abraçando.

Para minha surpresa, está quente.

Dou um salto para trás, pensando por um minuto que estou tocando pele humana, que de alguma forma a mão de minha mãe está pendurada na lateral do tanque. Depois percebo que é só o calor do freezer, funcionando para manter o corpo congelado lá dentro. É apenas a máquina fazendo seu trabalho.

Um pensamento cruza minha mente: *calor*. Eu me prendo a ele antes que o medo possa afastá-lo. O sensor de calor de J. Se o tanque é quente... se está emitindo calor, como um humano, então... J não vai perceber que estou aqui. Ele vai achar que minha assinatura de calor é só um tanque. Posso me esconder, pelo menos por um tempo.

Se eu tiver coragem o suficiente de ficar aqui com a minha mãe.

Estou decidindo que não tenho realmente escolha quando noto que há uma placa de metal presa à frente do tanque: MEMBRO DA TRIPULAÇÃO: LUCY SHOREDITCH.

Passo os dedos sobre o entalhe. Shoreditch. Como... como J?

Dou um passo para trás e olho os tanques vizinhos. O da esquerda diz:  
MEMBRO DA TRIPULAÇÃO: JEREMY SHOREDITCH.

Devem ser os nomes dos astronautas que estavam em estase nos tanques na época em que a *Infinity* foi lançada.

Um homem e uma mulher. Com o mesmo sobrenome de J. J é abreviação de...?

Sou arrancada dos pensamentos pelo som de passos no corredor. São altos, chegando mais perto enquanto eu não prestava atenção — vindo em direção à enfermaria.

Depressa, eu me encolho atrás do tanque, forçando o corpo através do espaço entre ele e a parede. Fico agachada e espero que o calor que eu emito se misture aos tanques.

Os passos param.

— Romy.

Paro de respirar.

— Eu disse que te encontraria.

Ele não vai me encontrar. Não vai. Ele vai notar que é a máquina ligada e vai se afastar. Vai procurar em outro lugar.

— Foi um truque esperto o do túnel. Acho que subestimei você.

Os passos se aproximam, parando em frente ao tanque.

Eu respiro pela boca, tentando fazer o mínimo possível de barulho.

Escuto um “*clique clique clique*” de unhas raspando metal. Acho que ele está tocando a placa, traçando as palavras LUCY SHOREDITCH, assim como eu fiz.

Há um silêncio dolorosamente longo. Finalmente, ele solta uma risada.

— É claro que você está escondida aqui. — A voz dele é amarga. — Onde mais estaria? — J pigarreja. Quando fala de novo, o peso em sua voz se foi. — Posso ver você, Romy. Está se escondendo na tumba da minha mãe.

Sei que ele não está falando comigo, só com a sombra do corpo lá dentro. Ainda assim, fico quente e depois esfrio de medo. J faz uma pausa, e depois, soando levemente confuso, diz:

— Você consegue me ouvir aí de dentro?

Vejo o braço dele na lateral do tanque, testando o fecho. Há um bipe. Em seguida, ele abre a porta.

— Romy, eu...

Suas palavras são interrompidas, e J solta um pequeno grunhido chocado. Não consigo evitar — espio pela lateral do tanque bem a tempo de vê-lo tropeçar para trás, o peso de minha mãe caindo por cima dele.

Enquanto ela cai, fios se soltam da pele, ricocheteando de volta ao tanque. J cambaleia, tentando segurá-la de pé, mas logo perde o equilíbrio e vai ao chão. O corpo de minha mãe cai junto. J tenta rolá-la para o lado, mas a pele gelada se gruda à dele como uma língua presa a um cubo de gelo.

Enquanto os dois rolam pelo chão, J me vê. Ele solta um grito frustrado.

— Sua garotinha...

Ele está lutando para se soltar, para correr atrás de mim. A testa da minha mãe está grudada na lateral de seu rosto. A pele da bochecha de J fica repuxada e esticada no ponto onde ele a toca.

Rastejo para fora do tanque e corro, passando por ele, ignorando seu grito de raiva e o ar frio que emana do corpo de minha mãe e atinge meu corpo enquanto passo.

Eu escapo, deixando meus dois pesadelos para trás, para que lutem entre si. Avanço pelo corredor e tento desesperadamente *pensar*. O que faço com a vantagem que consegui?

Chego à câmara de descompressão. O lugar onde conheci J, onde ele entrou na minha nave. Posso ver a *Eternity* através das portas fechadas, ainda conectada à *Infinity*.

De repente, uma ideia se forma. Posso escapar. Posso pegar essa nave. Posso desconectar as duas espaçonaves e apenas... partir. Ir embora com a nave dele e deixá-lo para trás em um veículo mais velho e lento.

Ele nunca conseguiria me alcançar, não se eu estiver na *Eternity*. Ela é rápida demais. Ele não conseguiria chegar perto de mim.

Aperto o botão da câmara. As portas se abrem, uma a uma.

Quando entro a bordo da *Eternity*, sinto esperança pela primeira vez em muito tempo. Esperança e algo mais: empolgação. Eu consigo. Existe uma escapatória. De repente, as chances viram ligeiramente a meu favor.

Não me permito tempo para admirar a arquitetura futurista da *Eternity*, que é toda em cromo reluzente e paredes verde-claras. Avanço pelos corredores,

examinando as portas em busca da cabine de comando. Preciso desacoplar as naves antes que J se solte e descubra o que estou fazendo.

A *Eternity* é enorme. Não vou conseguir encontrar a cabine apenas correndo de um lado para outro. Interrompo o movimento, buscando fôlego.

— Computador? — chamo, esperando desesperadamente que exista um sistema de comando de voz.

A resposta chega imediatamente do teto.

— Em que posso ajudá-lo hoje? — A voz é robótica, mas obviamente feminina: doce e suave.

Sorrio antes de dizer a frase seguinte, absurdamente aliviada:

— Pode desacoplar a nave da *Infinity*, por favor?

— Código de autorização de quatro letras solicitado.

Eu paro. Não faço ideia. Foi J quem escolheu o código?

Pigarreio.

— Código: Romy? — Faço uma careta, torcendo para estar certa, mas querendo estar errada.

— Acesso negado. Resta uma tentativa.

Minha barriga se contrai. Se eu não acertar, o plano estará arruinado. Estou enjoada.

— Existe alguma forma de trocar manualmente o código?

— Código de autorização solicitado.

— Código... — Eu hesito. A senha pode ser qualquer coisa, até mesmo uma sequência aleatória de números. Mas preciso tentar. Preciso escapar.

Forço a mente. E então me ocorre. O nome da mãe de J. Ele já havia mencionado o quanto sentia saudades dos pais. Se alguma parte do que ele me disse for verdade, pode ser isso. Eu me forço a lembrar os nomes nos tanques de torpor. Jeremy Shoreditch e... — Código: Lucy?

O computador faz uma pausa, mas depois...

— Código aceito. Gostaria de ser o novo administrador do sistema?

Solto um suspiro de alívio, encostando o corpo na parede.

— Sim, por favor. Feche e tranque a câmara de descompressão — digo.

J escolheu o nome da mãe como a senha mais importante da nave. Havia certa verdade no que ele me contou. Ele amava os pais.

— Câmara em desativação. Pressurização de ar completa — responde o computador após um segundo.

— Desacople as naves, por favor.

— Separação iniciada.

Fico escutando, esperando pelo som do desacoplamento. Nada acontece por quase um minuto, mas então um tremor suave faz o piso balançar.

— Contato interrompido com a *Infinity*. A nave deve continuar no curso determinado?

Minha pressão sanguínea cai em segundos.

— Sim, o mais rápido possível.

— Aceleração em curso. Buscando velocidade máxima.

Por quase dez minutos, permaneço paralisada, tentando processar tudo o que aconteceu. Não consigo acreditar que estou aqui. Após as longas e terríveis horas no depósito, eu já havia desistido de qualquer esperança de escapar de J. Meu universo se restringia a ele, a encontrar um jeito de fugir. Agora, meu universo se expandiu novamente. E eu me sinto pequena e inútil demais para saber o que fazer com tudo isso.

Umedeço os lábios. Estão secos e rachados depois de tanto tempo no depósito. Meu corpo esquenta, suando um pouco. Eu não tinha notado o quanto estava gelada. Mas também é um pouco mais quente nesta nave. J deve ter reduzido a temperatura da *Infinity* para me forçar a sair do depósito — ou para tornar mais fácil me localizar com o sensor de calor.

Estou tremendo, apesar do calor. Há sangue nas minhas pernas e nas juntas dos meus dedos. Quando toco os ferimentos, meus joelhos cedem. Preciso me sentar.

— Computador, onde fica a cabine de comando?

A voz no teto não fala nada, mas uma trilha de luzes verdes se acende no piso.

— Obrigada!

Estou silenciosamente impressionada. A nave é *tão maneira*. Faz a minha parecer de papel machê.

Eu me corrijo: essa é a *minha* nave agora.

Eu escapei! Escapei mesmo! Não achei que seria possível.

Sigo a trilha, fazendo a curva em um corredor comprido e depois virando em outro mais curto. A nave é imensa, pelo menos três vezes o tamanho da *Infinity* levando em conta o que vi até agora. São corredores seguidos de corredores, levando a todas as direções. É tão grande que não consigo acreditar que é real. Meu cérebro dói só de pensar nisso.

Finalmente, alcanço uma porta cromada que desliza quando me aproximo.

Lá dentro está o reino de J. O quarto é tão claramente *dele* que me deixa nervosa. Há uma cama larga contra a parede, com lençóis emaranhados e travesseiros embolados. A imagem da cama é a última coisa que meu cérebro exausto consegue processar antes de desistir por completo.

Agora que estou segura, me sinto tão cansada e aliviada que nem olho ao redor. Desmaio na cama de J, mergulhando em uma completa inconsciência.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

38

Quando acordo, cada músculo do meu corpo dói. Estou com uma sede desesperadora.

Encontro três garrafas meio vazias de água e dois pacotes de macarrão com queijo em um armário. Bebo o conteúdo das três garrafas e como os dois pacotes, triturando a massa com os dentes. Estou morta de fome, mas não totalmente pronta para sair da cabine e tentar encontrar a cozinha.

Ainda estou usando a camisola, então procuro roupas. Parece não haver nada neste cômodo, tirando um agasalho com capuz que tem NASA escrito na frente em grandes letras estilizadas. Enrolo as mangas do agasalho antes de vestir. A peça tem cheiro de *gente*. Eu tinha esquecido que pessoas tinham cheiro.

Vasculhar o quarto faz com que eu sinta como se estivesse espiando dentro do cérebro de J. Pacotes de comida estão espalhados por toda parte, e há um tablet na cama. Destravo a tela e encontro um vídeo pausado.

Reconheço como sendo um episódio do programa de TV do qual ele costumava falar. E, assim como quando descobri que a senha de J era o nome da mãe dele, aquilo me surpreende. Eu esperava que nada do que ele tinha me dito fosse verdade. J não estava fingindo ser Jayden? Mas essa parte não era mentira: ele realmente assiste ao programa.

Com cuidado, navego pelas abas, vendo quais livros e artigos ele tem lido e quais músicas escutou.

É... irritante. Ele é normal. Escutou *pop* ontem.

Posso mesmo fazer isso? Posso abandoná-lo? Se J ficar na *Infinity*, ele vai completar sessenta anos antes de chegar à Terra II, isso se chegar.

Será que o condenei à morte?

Não sei o que fazer. Não sei se posso deixá-lo prisioneiro da *Infinity* desse jeito.

Meus pensamentos são interrompidos por uma suave voz automatizada, vinda do tablet.

— Ligação em espera de Jeremy Shoreditch. Gostaria de atender?

A notificação me deixa aflita.

— Atenda — respondo depressa. Preciso falar com J. Preciso entender o que está havendo.

A ligação de vídeo conecta, e o rosto dele aparece.

— Romy — diz ele.

Não consigo falar. Apenas faço que sim, examinando seus traços. Não sei, por sua expressão, se ele está bravo ou chateado. Há uma marca vermelho-vivo em sua bochecha, onde a pele de minha mãe ficou grudada na dele.

Deve ser apenas porque estou segura aqui na outra nave, que já está a centenas de quilômetros da *Infinity*, mas, de alguma forma, não estou mais assustada. Quase sinto pena dele. Neste momento, J parece inofensivo. Exausto. Nada monstruoso.

Tenho medo de ter entendido tudo errado. De ter me confundido e entrado em pânico. Não seria a primeira vez.

Quando finalmente abro a boca para falar, meus lábios descolam com um som audível.

— Você está bem? — pergunto baixinho.

Ele esfrega a marca na bochecha e suspira.

— Estou bem, Romy. Sinto muito por ter te assustado. Nunca deveria ter surpreendido você chegando tão cedo assim. Eu deveria ter sido mais honesto com você sobre a data de chegada da nave. Você é tão jovem e... eu não pensei de forma coerente.

Mordo o lábio, lutando contra as lágrimas. Talvez eu devesse ter parado e conversado com ele em vez de fugido.

— É por causa dos seus pais? — arrisco, com cuidado.

Eu mal conseguia chegar perto da enfermaria porque minha mãe estava lá. Se eu fosse J, não seria capaz de lidar com a nave onde ela morreu sem algum tipo de colapso vergonhoso.

Ele assente, depois franze a testa.

— Eu sabia que seria difícil estar onde eles morreram. Mas foi muito pior do que imaginei. No minuto que entrei a bordo, tudo voltou de uma vez, todas as lembranças de descobrir como eles morreram, de me sentir completamente sozinho no mundo. Fiquei bem chateado e descontei em você. Mal posso dizer o quanto me arrependo.

— Sinto muito — sussurro. — Eu não sabia que eles faziam parte da tripulação. Eu nunca teria falado sobre meus pesadelos se soubesse que dois dos astronautas eram seus pais.

— Eu devia ter contado a verdade para você há muito tempo — diz J. — Mas era tão doloroso...

— Tudo bem. Eu entendo. Não consigo falar sobre... sobre meu pai também.

Nós dois ficamos em silêncio.

— Quantos anos você tinha quando eles morreram? — pergunto. Se os pais dele o tiveram antes de deixar a Terra, dezenove anos atrás, então ele devia ser bem jovem. Ele tem pelo menos trinta agora.

— Vinte e cinco. Eles foram aceitos na missão da *Infinity* quando eu tinha treze, com previsão de decolar quando eu completasse dezoito. Inicialmente, por minha causa, eles não tinham certeza se deveriam ir. Mas a NASA garantiu que eu poderia segui-los em alguns anos, e então estaríamos juntos novamente.

— Quando você descobriu o que havia acontecido, já estava treinando para se tornar astronauta?

Ele assente.

— Tinha terminado a faculdade e estava treinando na NASA quando me contaram que meus pais estavam mortos. Do nada. Eu não conseguia acreditar. Estávamos nos preparando fazia tanto tempo... e então a missão terminou antes mesmo de *começar*.

— Sinto muito, J.

Ele fica em silêncio enquanto eu processo tudo o que escutei.

— E eles deixaram você participar da missão? Mesmo depois que seus pais morreram no espaço?

— Deixaram. A NASA sabia que eu desejava honrar a memória dos meus pais fazendo o que eles não puderam. Eu tinha que apoiar o que restara da missão na *Infinity*. Durante a maior parte do treinamento nós sabíamos que ainda restavam três pessoas na nave — dois tripulantes que não estavam em estase quando todos morreram e um bebê. Uma garotinha. Então, dois anos depois da decolagem, descobrimos que ela era a única sobrevivente. A missão ficou ainda mais importante.

— Falaram de mim para você?

J sorri.

— Romy, *todo mundo na Terra* te conhece. Você é a criança gênio que sabe tudo o que é preciso sobre a nave. Que seria a comandante da *Infinity* quando crescesse.

— Eu... eu não fazia ideia.

— Invejei você. Você tinha a vida que eu queria, explorando o universo com seus pais. Comecei esta missão com tanta raiva de você por causa disso... — J abaixa os olhos e pigarreja. — Sabe, eu só comecei a falar com você porque queria ver como você era. A garota que roubou meu sonho.

Sinto-me exposta. Não era isso que eu esperava ouvir.

— Por isso copiei suas histórias — continua ele. — Eu só queria que você gostasse de mim. Queria que se abrisse, que falasse comigo, para assim poder ver como você era por trás dos e-mails formais que enviava como comandante. Mas agora entendo que você teria falado comigo do jeito que eu sou. Eu não precisava fingir ser um personagem.

— Não foi justo — respondo. — Não foi justo me manipular assim. Você usou Jayden contra mim.

— Eu sei. Foi a pior coisa que já fiz. Estou muito arrependido. Romy, não estou tentando te machucar. Nunca vou te machucar. Juro.

— Como posso acreditar nisso, J? Não sei nem mais o que é real. A URP, ela é real ou falsa? Ainda não sei!

— Ah, Romy. — Ele balança a cabeça. — Sinto muito. A URP é real. Posso entender por que você torcia para que não fosse. Eu também queria que ela não existisse.

— Mas... as coordenadas...

J franze a testa.

— Todas as mensagens da Terra tiveram de ser retransmitidas para você a partir da *Eternity*, porque minha nave bloqueia o sinal daqui. As mensagens não chegariam a você de outro modo. É disso que está falando?

Engulo em seco. Por que não pensei nisso?

— Mas mesmo que... mesmo que a URP seja real e esteja controlando nossas naves, mesmo que os pedidos deles sejam reais, há tantas outras coisas que você inventou.

— No final, eu não estava mais inventando, juro. Esses e-mails, sou eu. Certo, alguns fatos da minha vida foram tirados daquele programa de TV. Eu nunca larguei a faculdade de Medicina. Na verdade, sou formado em Engenharia. Também não faço pegadinhas com as pessoas como aquele

personagem. Mas as coisas reais... as emoções... aquilo sou eu. Acho que, depois de um tempo, virou mais do que apenas juntar informações. Comecei a ficar ansioso para falar com você. Eu não esperava que tivéssemos tanto em comum. Mostrei mais a você do que pretendia. Temos uma ligação genuína, de um jeito que nunca senti com ninguém. Lutei contra a situação por um longo tempo, porque achei que deveria odiá-la, por causa dos meus pais. Mas não consigo mais fazer isso.

Fico em silêncio. Estou mexida demais, completamente perdida sobre como responder ao que ele diz.

— Queria que as coisas tivessem seguido um rumo diferente — comento, quebrando o silêncio. — Queria que pudéssemos ter nos conhecido de um jeito melhor, sem que você fizesse todos esses joguinhos.

Posso ver o pomo de adão de J baixando enquanto ele engole a saliva.

— Ainda podemos fazer isso. Podemos começar de novo e fingir que nada disso aconteceu?

Eu hesito. Não confio nele. Nem um pouco. Como poderia? Mas, seja lá o que ele tenha feito, não vale a pena ser condenado a uma vida sozinho no espaço. Certo?

Ainda existe uma parte de mim que não está convencida, que lembra bem como foi quando ele agarrou meu joelho no túnel.

— Nós nem precisamos abrir a câmara de descompressão — acrescenta ele, encarando a câmara com olhos transbordantes de pesar. — Posso ficar na *Infinity* enquanto você fica na *Eternity*. Nem precisamos abrir a porta se você não quiser. Apenas não me deixe aqui, por favor.

Com isso, estou decidida. Eu não conseguiria viver com a culpa de abandoná-lo no espaço. Ele pode ficar na minha nave velha enquanto eu fico aqui. Vamos viajar juntos, mas eu estarei segura.

— Vou voltar para buscar você — digo.

J sorri tão largo que posso ver seus dentes perfeitamente alinhados. Ele passa a mão pelo cabelo dourado, bem na hora em que reparo no fundo do vídeo.

Seu rosto estava tomando a tela, mas agora ele se mexeu um pouco. E ele está na frente de uma parede. Uma parede verde-clara.

Verde. Clara.

Conheço cada polegada da minha nave. Não há verde-claro em nenhum lugar. Nem um único centímetro da *Infinity* está pintado de verde-claro.

Ele está na *Eternity*.

Um tremor atravessa minhas costas, e eu mordo a língua para conter uma arfada. Achei que havia escapado. Achei que estava segura. Mas ele está mentindo para mim. Ele está na nave, escondido de mim. Fingindo que não está.

Ele pode estar em qualquer lugar. Ele pode estar atrás de mim.

Eu me obrigo a não virar a cabeça e espiar, mesmo que os pelinhos da minha nuca estejam arrepiados.

— Ah, Romy — diz ele, transbordando afeto. — Muito obrigado mesmo.

Eu me forço a sorrir. Assinto com a cabeça.

Aceitei suas mentiras, de novo. Caí em mais uma de suas armadilhas.

— Achei que eu havia estragado tudo. — J abaixa a cabeça e olha para mim.

— Eu também — respondo.

Posso de fato sentir meu coração se partindo outra vez. J parece tão sincero. Ele é bom mesmo nisso. Por que está fazendo essas coisas comigo? O que foi que eu fiz para merecer tudo isso?

Eu me forço a sorrir de novo. Passo a mão no cabelo. *Seja doce. Seja gentil. Seja leve.*

— Vou dizer à nave para retornar até você agora — acrescento, as palavras saindo ásperas, por mais que eu tente. — Falo com você logo mais, tá bem?

J assente e sorri, satisfeito. Dá uma piscadela.

— Vejo você logo mais.

Emito um ruído fraco em resposta, então desconecto a ligação. No segundo em que o rosto dele desaparece, eu me viro, verificando o cômodo.

J não está aqui.

— Computador, tranque a porta da cabine — peço, alto e depressa. — Não permita acesso de mais ninguém, sob nenhuma circunstância.

— Porta trancada — confirma o computador.

Não estou convencida.

— Alguém poderia cancelar a tranca e entrar? Alguma pessoa?

— Negativo. Acesso restrito apenas a Romy Silvers.

— Certeza?

Não posso confiar nisso. Não importa o que o computador diga, J vai encontrar uma forma de contornar o problema. Ele é esperto demais. Bom demais em programação para que o software faça o que ele quer, assim como no caso das falhas de energia.

— Apenas administradores podem cancelar uma ordem do comandante.

— Há algum administrador a bordo da nave agora? — pergunto com a mandíbula contraída.

— Negativo.

Finalmente, relaxo de minha postura defensiva. Ele não pode entrar. Estou segura aqui, por enquanto.

Sou consumida de ódio por mim mesma. Não consigo acreditar que fui idiota o bastante para cair nos truques dele outra vez. Mesmo sabendo como ele é, mesmo depois de *J me perseguir pela nave*, ainda me deixei levar pelas mentiras e pelo carisma dele — como se seu gosto musical fosse suficiente para provar que J de fato é uma boa pessoa.

Esfrego a mão pelos cabelos e endireito os ombros. Preciso consertar meus erros idiotas.

Mesmo que eu não esteja sozinha na nave, ainda tenho uma vantagem. Ele não pode entrar aqui. Estou mais segura do que estaria na *Infinity*.

De um jeito ou de outro, vou acabar tendo de sair deste cômodo para pegar mais comida e água. É apenas um respiro temporário. Mas tenho mais tempo para pensar.

O que J quer de mim? Está curtindo me torturar e me ter na palma da mão? Ele gosta de ver como é fácil me convencer a perdoá-lo?

Se eu fosse até ele, J me mataria ou ficaria mudando de bonzinho para malvado, fazendo com que eu o amasse e odiasse repetidas vezes, só por diversão?

Não faço ideia. Não consigo entender o que ele está tramando. Que tipo de pessoa pensa como ele?

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

### 39

Ando de um lado para outro no cômodo, tentando raciocinar para além do pânico. Quando meus olhos recaem sobre a cabine de comando, um plano de ação começa a tomar forma. J provavelmente nunca planejou que eu estivesse em sua nave, então tudo o que eu encontrar aqui será verdadeiro. Não estará soterrado sob camadas de mentiras e manipulações.

Devo ser capaz de usar isso. Posso descobrir quem ele realmente é. Posso encontrar uma fraqueza em alguma parte do HD do computador de sua nave. J deve ter defeitos que eu possa usar contra ele. É minha única esperança.

Quando o computador desperta, há uma página aberta com meus e-mails. Algumas frases estão sublinhadas, com comentários nas margens. São as anotações dele, seu *estudo sobre mim*.

Incapaz de suportar aquilo, minimizo a página e vejo que há uma nova mensagem não lida na caixa de entrada. É de...

*Molly.*

Apenas a visão do nome dela já me faz querer chorar. Eu tinha me esquecido completamente de procurá-la. Fiquei tão presa em tudo que estava acontecendo com J...

Molly. Minha Molly.

Isso significa que ele mentiu outra vez. Se Molly ainda está enviando e-mails para J, a URP não pode ser real. Ele inventou tudo, como eu suspeitava.

A mensagem dela é dirigida a mim. J deve ter interceptado e bloqueado o sinal, para que não pudesse chegar até mim. Molly nunca me abandonou de verdade.

Tremendo, abro a mensagem de áudio. Quando a voz gentil de Molly aparece — tão familiar, mesmo depois de todo esse tempo —, deixo escapar um soluço. Não consigo evitar as lágrimas, que caem mesmo muito tempo após a mensagem ter terminado de tocar.

**De:** NASA Terra  
**Enviada:** 05/03/2066  
**Anexos:** Terrall-sim.zip [8 MB]

**Para:** Infinity  
**Recebida:** 07/12/2067

**Transcrição de áudio:** Oi, Romy, espero que você esteja tendo um bom dia! Nevou aqui ontem, e meu gato Nino está se divertindo ao descobrir a neve pela primeira vez. Ele fica tentando comer!

Estou mandando uma versão atualizada do simulador da Terra II, que permite que você treine protocolos de aterrissagem para a variante combinada da *Eternity* e da *Infinity*. Também incluí gráficos melhores e exercícios de treino para alguns dos novos maquinários de agricultura.

Andei testando para você, é bem divertido — acho que você vai curtir! Tenho inveja de que você possa brincar com tudo isso.

Falo com você amanhã, querida.

Meu coração dói.

Molly vem me mandando mensagens de áudio esse tempo todo. Há centenas de mensagens, uma para cada dia desde que a *Eternity* começou a bloqueá-las para mim. Sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

Molly não faz ideia do que J andou fazendo no último ano. Ela não sabe de nenhuma das formas com que ele vem me atormentando e torturando. Ela acha que estou perfeitamente feliz.

Desço a tela pelas centenas de mensagens de Molly na caixa de entrada, endereçadas tanto a J quanto a mim. Depois verifico os e-mails enviados a fim de descobrir o que J anda dizendo à NASA em resposta.

**De:** Eternity  
**Enviada:** 07/12/2067

**Para:** NASA Terra  
**Data de recebimento prevista:** 15/09/2069

Prezada dra. Molly Simmons,  
Lamentamos informar que o transmissor a laser da *Infinity* ainda está danificado. Abaixo está a mensagem mais recente da comandante Silvers para a NASA Terra, recebida pela *Eternity* através do rádio transmissor de curta distância da *Infinity*.

Estamos trabalhando junto à comandante Silvers para aconselhá-la quanto ao melhor método de consertar o transmissor a laser de longa distância, e parece que estamos fazendo um bom progresso. Com sorte, o problema logo será solucionado, e ela poderá retornar com os métodos costumeiros de comunicação.

Esperamos que esteja tudo bem na Terra.

Comandante Shoreditch e piloto Evans

A mensagem anexada diz:

**De:** Infinity  
**Enviada:** 07/12/2067

**Para:** NASA Terra  
**Data de recebimento prevista:** 15/09/2069

Oi, Molly!

Queria poder brincar na neve com o Nino. Parece tão legal! Obrigada pelo software. Já testei e parece bem divertido. Jeremy, Isaac e eu estamos trabalhando para arrumar o transmissor aqui na *Infinity*. Espero que funcione em breve — sinto falta de conversar devidamente com você!

Com amor,  
Romy

Soa bastante como eu. Por meses e meses, J vem contando mentira atrás de mentira para Molly, se passando por mim. E quem é *Isaac* — é *mesmo* o tal “piloto Evans”? Nunca vi J mencionar outra pessoa a bordo da *Eternity*, mas “piloto” implica que há uma segunda pessoa no comando. A nave deve ter partido com dois membros de tripulação. Onde está Isaac Evans agora?

Será que... será J fez algo com ele?

Ai, Deus. Espero que Isaac esteja bem.

Eu me convenço a escutar mais algumas das mensagens de Molly. O som da voz dela é como um abraço, mesmo com a preocupação óbvia em tudo o que ela diz. Sinto tanta saudade.

Queria poder mandar um e-mail para Molly e pedir ajuda. Queria que ela pudesse me salvar e fazer J ir embora para sempre.

Mas não pode. Estou sozinha.

Fecho os e-mails. Não vou encontrar mais nada de útil aqui, apenas más lembranças.

Corro as mãos pelo cabelo e solto um grito frustrado. Mereço tão mais do que isso. Mereço tão mais do que ele. J destrói tudo em que toca, e eu **NÃO POSSO DEIXAR QUE ELE ME DESTRUA.**

Farei o que for necessário para encontrar uma forma de impedi-lo. Eu o empurraria em um tanque de estase sem hesitar nem por um segundo, apenas para nunca mais ter que pensar nele. Nem mesmo me sentiria culpada por isso.

Começo a vasculhar pelas gavetas, procurando tudo que possa ser usado como arma. Preciso de um jeito de me defender enquanto descubro como resolver a situação.

Se eu ao menos pudesse levá-lo de volta para a *Infinity* e depois trancá-lo em um tanque, tudo estaria resolvido. Ele não esperaria por isso. Não vindo da carente e influenciável Romy, desesperada por afeto. Não da ratinha presa entre suas garras.

Sei que é um plano desesperado, com poucas chances de sucesso, mas preciso tentar.

Encontro uma tesoura sobre a escrivaninha e testo a lâmina contra o polegar. Quando a pressiono na pele, ela deixa uma linha branca. Não é afiada, mas, se eu usar com bastante força, pode funcionar. De toda forma, vai ter que ser o suficiente. Se eu pressionar a tesoura contra as costas de J, ele não vai saber dizer a diferença entre ela e uma faca.

Após procurar no cômodo inteiro e não encontrar nada mais que possa ser útil, vou até o computador e digo:

— Localize Jeremy Shoreditch.

Preciso fazer isso agora, antes de começar a sentir dúvidas. Antes que J tenha a chance de me convencer a confiar nele outra vez.

Um mapa aparece na tela, com um símbolo laranja e brilhante mostrando a posição de J. Ele está virando o corredor da cabine. Parece que está prestes a me emboscar. Deve ter encontrado a porta trancada e decidiu esperar até que eu saísse. Não consigo imaginar como ele planeja que isso termine.

Eu me pergunto se J admitiria que está bem do lado de fora da sala caso eu ligasse para ele agora. Não que eu me importe. Seja lá o que ele diga, não vou escutar.

Eu me preparo, segurando firme a tesoura e fechando a cara. Respiro fundo, dizendo a mim mesma que sou forte e corajosa, que posso lidar com isso. Não tenho outra opção.

— Abra a porta.

Assim que a cabine se abre, começo a correr. J está parado no centro do corredor, esperando por mim. Avanço para ele, o punho segurando a tesoura com firmeza escondida atrás das costas.

— Romy! — exclama ele, fingindo estar surpreso, mas é tudo o que consegue expressar antes que eu corra em sua direção. Estou me imaginando acertando a lâmina na barriga dele quando J me agarra pelos braços e me levanta, empurrando meu corpo contra a parede. Eu me debato e chuto, soltando a tesoura enquanto tento me libertar. Ele me segura em pleno ar, como se eu não pesasse nada, e bloqueia meus golpes sem o mínimo esforço.

— Me *solte!* — grito, horrorizada por ele ter conseguido me deter com tanta facilidade.

— Nem tente — grunhe ele. — Você vem comigo.

J torce meus punhos para trás das costas, segurando-os sem esforço com uma mão enquanto luto para me soltar. Ele envolve minha garganta com o outro braço.

— Se tentar resistir, quebro seu pescoço — cochicha em minha orelha.

Imediatamente, fico parada, esperando para ver o que J fará em seguida. Mostro os dentes, mas não me arrisco a responder.

Ele dá um passo à frente, forçando minhas pernas a marcharem. Estamos indo para longe da tesoura, que jaz esquecida no chão.

Seguimos por três corredores, virando à direita, à esquerda e à direita novamente. Forço o cérebro, procurando uma forma de me libertar ou algo mais que eu possa usar como arma, mas estou tão assustada que minha mente está em branco. Só o que posso fazer é dar um passo após o outro.

Por fim, J para na frente de uma porta, o braço apertando minha garganta como se puxasse as rédeas de um cavalo.

A porta desliza até abrir. Vejo uma maca hospitalar no meio da sala e percebo que ele me trouxe até a enfermaria da *Eternity*. Eu me pergunto se foi para cá que ele trouxe Isaac. Eu me pergunto se ele vai me matar da mesma forma que o matou.

A maca está conectada a um aparato intravenoso. Estou imaginando o que ele vai fazer comigo — se vai me cortar, anestésiar ou pior — quando noto que... há alguém na cama, com o peito subindo e descendo no ritmo constante do sono.

J me empurra em direção à maca.

É a minha mãe. Ela não está mais em estase. Está *viva*.

Depois de todo esse tempo, ela ainda está viva.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

40

Quando vejo minha mãe, começo a lutar para me livrar de J.

— Não! Não! Não! — grito. — Pare!

— Shh — murmura J. — Você não quer acordá-la, quer?

Paro de resistir. Não. Não quero isso. Por nada no mundo.

J afrouxa o braço, mas me puxa para mais perto, de modo que minhas costas ficam pressionadas contra seu corpo.

Minha mãe está viva. Não consigo lidar com isso. Quero desesperadamente desaparecer dentro da minha cabeça do jeito que ela costumava fazer, assim não preciso processar o que está acontecendo.

— O que está fazendo? — digo em uma voz baixa e desesperada. — Ela é perigosa! Ela matou meu pai!

J bufa.

— Ela mal consegue se mover. Passou muito tempo em estase, está com força muscular reduzida. Por sinal, como sua mãe ainda está viva? — indaga ele, curioso, bastante calmo. — Você disse à NASA que seus pais morreram após a explosão de um tanque de oxigênio quase seis anos atrás.

— Eu menti — respondo, sem fôlego. Não posso deixar que J acorde. Preciso continuar falando, tentar distraí-lo. — Eu não podia contar à NASA a verdade sobre o que minha mãe fez.

Ele sibila através dos dentes.

— Eu tinha planejado tudo tão certinho, pensando que você estaria sozinha. Isso muda as coisas. Mas posso dar um jeito. Não posso acreditar que, depois de tudo o que sua mãe fez, ela *ainda está viva*.

— Por favor, não faça isso. Seja lá o que estiver fazendo, pare. Achei que tínhamos uma ligação — acrescento, meio para atrasá-lo com a fala, meio porque ainda não o entendo nem um pouco. — Achei que você *gostava de mim*.

— Eu gosto de você — responde ele, confuso. Novamente, soa genuíno. Como ele ficou tão bom em mentir? — Você é meiga, Romy.

— Então por que está fazendo isso?

— Por que não pede para sua mãe explicar?

— Não! — exclamo, mas é tarde demais.

Ele já está gritando:

— BOM DIA, TALIA!

O tempo ao nosso redor congela por um instante, e em seguida minha mãe se remexe, semiabrindo os olhos. Ela parece confusa.

— Aqui! — chama ele.

Minha mãe pisca, o olhar vagando pelo quarto até nos encontrar. A expressão dela muda de turva para desperta em questão de segundos.

Sem aviso, acabo vomitando, pedaços de macarrão com queijo forçando passagem através do braço que J mantém em minha garganta, sujando a frente da minha blusa e o chão.

J faz um ruído enojado atrás de mim e se afasta, deixando um espaço entre nossos corpos.

— Meu Deus!

Respiro fundo, tentando não me engasgar.

— Você nunca deveria ter acordado ela! — falo para ele, cuspidando bile no chão.

J não sabe o que ela fez com os embriões ou o que aconteceu com meu pai. Ele não tem ideia do que ela é capaz.

Minha mãe está bem acordada agora. Está nos observando com cuidado. Ela tosse baixinho, testando a garganta.

— Não se preocupe — diz J no meu ouvido. — Eu cuido de você.

As palavras soam tão próximas do que J sempre dizia nos meus sonhos, de quando nos conhecemos e eu me apaixonei, que luto contra outra onda de vômito. A ficção que criei parece a fantasia ingênua de uma criança.

— Por favor — imploro, sem ar. — Seja lá o que você esteja planejando, você não pode... Não...

— Romy? — As palavras, incertas e ásperas, vêm da minha mãe.

Eu me interrompo abruptamente.

— Mãe? — O som da voz dela faz com que eu me sinta com onze anos outra vez.

— Romy, quem é esse homem? — As palavras são calmas. Nada como a gritaria insana com a qual ela falava em nosso último encontro, destruindo os embriões.

— Mãe! — Eu me engasgo com um soluço.

Eu costumava sentir falta dos dias em que ela estava lúcida, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mesmo agora, quero correr para minha mãe, esconder meu rosto debaixo de seu braço e respirar seu cheiro, a despeito da imagem que nunca abandona minha mente: ela empurrando meu pai, ele caindo nos cacos de vidro.

— Mãe, você precisa me ajudar! — digo, agarrando-me desesperadamente a uma frágil esperança. — Ele vai me matar!

— Vou matar vocês duas, na verdade. — J aperta o braço em meu pescoço, casualmente testando a própria força. É um lembrete de como estou impotente.

— Solte-a — ordena minha mãe, lutando para se sentar na cama. — Você está machucando Romy!

— Ah, Talia... Vou fazer tão mais do que apenas *machucar*. Vou fazer você ficar sentada e assistir enquanto mato sua filha — ameaça J. — E depois vou matar você também.

As lágrimas escorrem por meu rosto.

— Por que está fazendo isso? — Choramingo.

— Não entendeu ainda? Essa é minha *vingança*. Seus pais mataram os meus. A dra. Silvers aqui estava ocupada demais mimando sua bebezinha perfeita para de fato fazer a *porra do trabalho dela*.

De repente, tudo faz sentido.

— Não foi culpa deles!

A morte dos pais de J foi um acidente. Ele está tão perdido na dor que não consegue enxergar a verdade.

J dá risada.

— Não foi culpa deles? Você tem pesadelos com os astronautas *toda santa noite*, Romy. Por que tem tanto medo deles? Que possível motivo você poderia ter para sentir tanto medo de membros da tripulação mortos anos atrás?

Não entendo aonde ele quer chegar. Qualquer um temeria os astronautas, certo?

— Eles... dão medo! Pensar neles faz com que eu...

J balança a cabeça e me interrompe:

— Você se sente culpada. Sabe que, se não tivesse nascido, os astronautas ainda estariam vivos.

— Não, você está errado! — nego, mas minha mente acelera. Seria mesmo esse o motivo? Venho sentindo como se a morte deles fosse minha culpa, todos esses anos? Centenas de vidas perdidas, por causa de... mim? — A tecnologia de estase falhou — digo, fraca e incerta em face da convicção no rosto de J. — Não havia nada que pudesse salvá-los. Mesmo se eu não tivesse nascido, eles ainda teriam morrido.

Ele aperta meus pulsos com mais força. Escuto o osso estalar, e a dor se espalha por meus braços.

— Você sabe que não é verdade. Seus pais deveriam acordar minha mãe e meu pai após cinco anos de viagem. Eles iriam assumir o lugar de cuidadores enquanto seus pais seguiam para a estase. Mas daí você nasceu e eles ficaram acordados para criar a bebezinha Romy. E assim meus pais *morreram*. Junto a centenas de outros astronautas!

Qualquer mãe escolheria seu bebê no lugar da estase, por mais importante que fosse a missão. Não escolheria?

— Mas...

Ele não me deixa falar.

— Se Talia não tivesse sido tão egoísta, meus pais estariam vivos agora. Eles podiam até ter descoberto a falha nos tanques de estase e acordado os outros antes que fosse tarde demais. Em vez disso, *todo mundo* morreu.

— Não é culpa da minha mãe ter ficado grávida — digo, recusando-me a aceitar que J possa estar certo. Sei que minha mãe se sente culpada pelos astronautas, mas nunca acreditei realmente que ela fosse a responsável. Como poderia? — Acidentes acontecem. Não pode culpá-la de tudo isso por causa de um erro!

— Ela não ficou grávida por acidente. Deve ter parado com o controle de natalidade. Todas as mulheres astronautas receberam DIUs. Foi intencional. Ela sabia que seria um risco para a missão, e fez mesmo assim. Ela destruiu *tudo*. Por você.

Quando viro para minha mãe, posso ver na expressão dela que J está certo. Eu nunca fui um “acidente feliz”.

De repente, tanto da minha infância faz sentido. Isso tudo foi mesmo culpa dela. E ela sabia. Ela se sentia tão culpada que nem podia olhar para mim, mesmo anos depois. Ela sabia.

Minha mente para de lutar contra a informação. J está certo. Minha mãe escolheu ter um bebê, e, por causa disso, foi responsável pela morte de

centenas de astronautas.

Mas ainda não é o suficiente para explicar tudo o que J fez comigo.

— Mesmo que seja culpa dela, por que inventou todas essas mentiras para *mim*? — pergunto, com lágrimas salgadas pingando em minha boca. — Por que os joguinhos? Por que inventou a URP? Se tudo o que desejava era vingança, por que não me matou logo quando chegou? Por que me torturar durante meses daquele jeito?

— Eu estava falando a verdade quando disse que fiquei curioso sobre você. Foi como começou. Depois percebi que tinha a oportunidade perfeita para te fazer sofrer. Para que você sentisse a dor que senti quando minha mãe e meu pai morreram.

Por mais que J afirmasse que tínhamos uma conexão, ele nunca se identificou de fato comigo. Tudo o que via em mim era sua necessidade de vingança. Nada do que eu havia dito e nada do que eu pudesse dizer agora iria fazê-lo mudar de ideia. A situação aqui só pode terminar de duas formas: ele me mata ou eu o mato.

Mordo o interior da bochecha, forçando a mente a ficar calma.

— Seus pais não iam querer que você fizesse isso — insisto, tentando ganhar tempo. — Pense em Lucy e... e em Jeremy.

Sem aviso, J torce meus pulsos para trás das costas até que eu escute um estalo. Solto um grito, incapaz de pensar em nada além da dor no braço esquerdo, queimando de forma inacreditavelmente brutal.

— *Como você se atreve!* Você não sabe porra nenhuma sobre meus pais.

— Mas *eu* sei — diz minha mãe, sua voz dura. — Eles eram pessoas boas. Não iam querer isso.

— Não acredito em merda nenhuma do que você diz — sibila J.

— Lucy era uma das minhas amigas mais próximas — continua minha mãe. — Jeremy e eu fomos colegas durante a maior parte do treinamento. Acha que não fiquei em luto por eles? Acha mesmo que não me destruiu, por dentro e por fora, ter que admitir que eu os havia perdido? Seja lá o que você faça comigo, Jeremy, pode confiar, não vai ser pior do que já fiz a mim mesma.

— Não me importa o quão tristonha você esteja — ironiza J. — Seu coração sangrando não vai trazê-los de volta. Conheci você antes de a nave ser lançada. Ao menos se lembra disso? Um mês antes da decolagem, em um jantar para as famílias da tripulação. Eles haviam acabado de anunciar que

— você e seu marido seriam os primeiros cuidadores. Depois que a sobremesa foi servida, você *me prometeu* que cuidaria dos meus pais enquanto eles estivessem em estase. Você me olhou nos olhos e falou isso na minha cara.

— Eu me lembro, Jeremy — responde ela.

Não consigo fazer nada além de olhar de um para o outro, lutando contra a dor que atravessa meu braço a fim de poder focar no que está acontecendo.

— Conte para você que tinha sido aceito no curso de Engenharia Astrofísica. Que queria ser um astronauta para me juntar à colônia na Terra II um dia — continua J. Ele vira a cabeça de lado e seca as lágrimas no próprio ombro. — Você falou que iria se certificar de que meu pai e minha mãe estivessem esperando por mim.

— Eu falei — responde minha mãe em voz baixa, agonizante.

— Foi uma mentira! — grita ele.

— Solte-a, Jeremy — insiste minha mãe. Ainda está lutando para se sentar, os braços tremendo com o esforço. — Eu admito. Sou uma pessoa terrível. Passei anos odiando a mim mesma pelo que fiz. Mas, *por favor*, deixe Romy fora disso. Ela era apenas uma garotinha. Isso não é culpa dela. Ela é uma boa pessoa. A melhor. Se andou conversando com ela, você já deve saber disso.

— É claro que sei! — exclama J. Ele está respirando em movimentos curtos, o hálito quente contra minha bochecha. — Mas por que ela deveria viver? Por que ela tem de ser feliz? Se ela não existisse, *meus pais ainda estariam vivos!*

As mãos de J continuam pressionando meu pulso quebrado, tão apertadas que a dor faz minha vista escurecer.

Minha mãe solta um gemido fraco e furioso, como um gato moribundo, desesperado por proteger as crias. Ela salta da cama com as pernas bambas, cambaleando em nossa direção com o braço levantado.

Através dos pontos em minha visão, posso ver que ela segura algo afiado e metálico.

Uma seringa hipodérmica, cheia de algum tipo de líquido.

Ela mergulha atrás de J, que me empurra de lado, fazendo com que eu tropece e quase caia. Eu me apoio no canto da cama, o peso do meu corpo recaindo sobre o pulso quebrado e me deixando tonta.

Quando consigo me equilibrar o bastante para virar, J agarrou o braço da minha mãe. Eles lutam pela seringa, mas minha mãe ainda está fraca por

causa da estase. É apenas a ameaça da seringa que evita que ele a domine de imediato.

Afasto meus olhos da disputa. Esta pode ser minha única chance de encontrar outra arma, algo melhor do que a tesoura que deixei cair no corredor. Preciso procurar agora, enquanto J está distraído com minha mãe. Talvez eu possa salvar nós duas.

Corro até o gabinete de materiais cirúrgicos e começo a abrir gavetas, espalhando ataduras e pacotes de medicamento pelo chão, procurando algo — qualquer coisa — afiado o suficiente para machucar. Afiação o suficiente para matar.

Uma série de baques soa atrás de mim. Eu giro a tempo de observar J dominando minha mãe. Ele empurra o braço dela, fazendo com que ela enfie a agulha da seringa que está segurando na própria coxa.

Minha mãe solta um grito horrorizado quando J pressiona o êmbolo, mas segue lutando. A seringa se esvazia sob a pele dela, sangue carmesim tomando o cilindro.

Meu corpo se enche de calor. É tarde demais. J virá em seguida atrás de mim, e não encontrei nada que possa usar para me defender.

Correndo pela sala, puxo a maçaneta de uma porta, ignorando o som da respiração pesada vindo em meu encalço.

Assim que bato a porta, pressiono o teclado na parede. A porta desliza e se fecha com um clique.

O fôlego me abandona depressa. Consegui um pouquinho de tempo. Estou em uma pequena sala de suprimentos — deve haver algo aqui que eu possa usar. Algum tipo de equipamento cirúrgico serviria.

Começo a revirar as prateleiras, abrindo caixas e espiando dentro. Penso no sangue de minha mãe tomando a seringa e me pergunto o que J injetou nela. Deve ser algo perigoso se ela estava planejando usar como arma.

Preciso continuar procurando. A única forma de ajudá-la é detendo J.

Mais ataduras, pinças, toalhas. Nada útil. Nada perigoso.

Escuto um chacoalhar na maçaneta. Girando, eu a vejo subir e descer, depois parar. As luzes se acendem no teclado. Ele está tentando entrar.

Mergulhando para atravessar a sala, eu pressiono botões, tentando anular os comandos de J. A porta destranca, depois tranca de novo.

É o mesmo sistema usado nas portas da *Infinity*. Se eu puder remover o painel do teclado, poderei cortar os fios e quebrar a fechadura para que J não

possa entrar de jeito nenhum. Aconteceu uma vez na porta do banheiro da *Infinity*. A fiação falhou e fiquei trancada. Tivemos de arrancar a porta das dobradiças.

Alcanço uma garrafa de plástico de uma das prateleiras e a uso para quebrar o teclado, jogando todo meu peso em cada golpe até que o painel de plástico se despedaça. Os bipes de J param e em seguida recomeçam, mais rápidos.

Puxo o painel até criar espaço suficiente para tatear na parte de trás e agarro os fios, passando os dedos sobre cada um, buscando aquele que sei que vai desativar a fechadura. Arrebento o fio, tirando a mão bem no instante em que placa de circuito se ilumina com eletricidade.

A tela fica escura. Funcionou.

A porta treme. J a está golpeando. Vai arrombar. Quando a maçaneta começa a tremer, como se ele estivesse tentando arrancá-la, minha mão se move sem planejar. Uma lembrança se acende em minha mente: minha mãe, substituindo uma placa de circuito, dizendo para mim: “*Não toque nos fios, Romy. Vai levar um choque*”.

Agarro o fio solto, ainda faiscando com eletricidade, e o pressiono na maçaneta de metal. Um lampejo branco me ofusca conforme a energia passa entre eles.

Escuto um ruído áspero, dolorido. A maçaneta para de se mover. Ouço um baque abafado quando J cai ao chão.

Devo ter dado um curto no fusível, porque a iluminação suave do teto também se apaga. Pressiono a orelha na porta, escutando, escutando, escutando. Não consigo ouvir nada.

A eletricidade pode ter sido suficiente para matá-lo. Eu espero.

Minha respiração parece úmida e alta no meio de todo aquele silêncio. Mas ainda preciso de uma arma caso ele esteja vivo. Preciso estar preparada.

Começo a procurar mais caixas pelo tato, revirando itens com cuidado até saber o que são, até eu estar certa de que não podem ser úteis.

As luzes voltam enquanto vasculho a última prateleira, iluminando uma caixa etiquetada como “bisturis”. Abro-a com dedos duros, anestesiados, retirando de lá uma lâmina afiada. Desta vez, não preciso testar o fio de corte.

Quando o metal reluzente reflete a luz, percebo que estou tremendo. Contenho meus músculos, tentando parar. Preciso de uma pegada firme e

forte.

Ainda não ouço ruídos no cômodo vizinho. Não consigo nem mesmo ouvir minha mãe.

Quero ficar aqui, segura e sozinha, mas, se existe uma chance de ela ainda estar viva, preciso ajudá-la. Não posso me esconder como da última vez.

No alto da porta, há uma alavanca de emergência, que eu aciono. A porta desliza até metade, treme, depois emperra.

J se encontra caído no chão. Está pálido, e seu braço esquerdo está coberto de queimaduras escuras, bem no local onde ele devia estar segurando a maçaneta quando foi eletrocutado. Está respirando, não muito fundo, mas constante.

Ainda está vivo.

Viro de lado e me esgueiro pela fenda entre a porta e o batente. O ar tem cheiro de carne queimada, acre e pungente.

J grunhe e rola em minha direção.

— Romy. — Sua voz está rouca.

Não hesito. Abaixo e enfio o bisturi na lateral de seu abdome. É tão musculoso que, por um momento, penso ter atingido apenas o cinto de J, até que sinto o calor pegajoso do sangue entre meus dedos. As feições dele, ainda tendendo à inconsciência, contraem-se de dor.

Meus olhos são tomados por lágrimas, mas pisco para afastá-las e giro a lâmina, enfiando a ponta do bisturi tão fundo nas entranhas quanto posso alcançar. O impacto vibra através de meu braço quando acerto algo denso.

J tenta me segurar, a mão deslizando por meus cotovelos, nós dois escorregadios de sangue. Eu me livro dele e enfio a lâmina em seu peito.

O ar explode de seus pulmões em uma tosse densa, úmida, e sua mão se ergue, o punho apertando o ferimento, tentando estancar a hemorragia. Ele joga a cabeça para trás, soltando um som longo e saturado que é meio um grunhido, meio uma risada frustrada.

— Eu sempre disse que você é mais forte do que imagina, não disse, Romy Silvers?

Eu o encaro, minha vista se enchendo de pontos escuros. Em seguida, viro para minha mãe. Ela está caída aos pés da maca, olhando para a agulha enfiada em sua coxa. Assim que vejo sua expressão resignada, sei que é um caso perdido.

Arranco a agulha e leio a etiqueta na seringa. É uma injeção letal.

Ela se sacrificou para me proteger?

— Sinto muito, Romy.

— Não é sua culpa. Você... você fez o melhor que pôde. E eu o peguei.  
Ele está morrendo.

Ela arqueja com uma careta de dor.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Sei o que ela quis dizer. J é apenas uma gotinha no oceano de problemas entre nós.

— Por que fez aquilo? — sussurro. — Como pôde deixar meu pai morrer daquela forma, sem nem mesmo tentar salvá-lo? Você simplesmente *ficou parada*.

Ela abre a boca para responder, mas seus olhos já estão se fechando. Minha mente repete a cena da morte do meu pai, o olhar dela quando ele caiu no painel de vidro. Mas agora não vejo raiva ou uma fúria assassina. Vejo dor, medo e desesperança. Ela estava perdida, sofrendo.

Soluços tomam meu corpo.

— Você me deixou sozinha. Você me deixou sem ninguém.

Achei que fosse eu. Achei que ela me odiava tanto que não conseguia olhar no meu rosto, que preferia morrer em estase do que ficar sozinha comigo. Mas ela queria tanto um bebê que removeu o controle de natalidade. Ela ignorou as regras da NASA.

Eu fui desejada. Fui realmente, verdadeiramente *desejada*.

Ela me amou tanto, tão profundamente. Apenas não foi o bastante para deter a dor de quando seus amigos morreram por causa disso.

Minha mãe parece tão pequena e frágil. Não como a terrível versão dela que existia em minha memória.

— Eu não queria te magoar — sussurra ela.

Ela me salvou. Deixou que eu ficasse sozinha para que assim não me machucasse também, para que as coisas terríveis que aconteceram com ela não acontecessem comigo.

Estendo a mão para tocar seu pescoço, meus dedos pressionando sua pulsação. J solta um longo grunhido atrás de mim, mas eu o ignoro. Ele está ferido demais para se mover, quanto mais para me machucar.

Não há nada o que temer aqui — apenas uma mulher triste, que sofre há muito tempo. Ela nunca iria me machucar de propósito. Ela nunca quis ferir meu pai.

— Eu te perdoo — digo, finalmente, ainda sem saber se é verdade, mas entendendo que um dia será e que preciso que ela escute aquilo em seus momentos finais.

Minha mãe forma a palavra “desculpa” com os lábios, mas perde a consciência antes de conseguir articular o som.

Demora um bom tempo para o coração dela parar de bater. Quando seus olhos param de oscilar sob as pálpebras, as lágrimas já secaram em minhas bochechas.

Minha mãe enfim se foi. Queria que as coisas tivessem sido diferentes.

Fico de pé. Meu corpo todo grita de dor.

Pelo tempo que fiquei segurando minha mãe, J permaneceu parado e em silêncio. Ele parece tão pequeno agora, tão pouco impressionante. Quando encosto o pé em seu ombro, ele não reage. Está morto.

J está morto. Minha mãe está morta. Era a única forma como tudo isso podia terminar.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

### 41

Eu os deixo na enfermaria e cambaleio para fora da sala, caindo de quatro no corredor. Meu peito parece apertado. Toda vez que respiro, penso que estou prestes a chorar outra vez, mas as lágrimas não vêm.

Estou em choque. Não estou tendo um ataque cardíaco, um derrame ou morrendo. Estou apenas em choque.

Eu me encolho no chão, encarando a parede verde-clara e tremendo, revivendo de novo e de novo os últimos momentos. *A textura densa e esponjosa do abdome de J quando enfiei o bisturi dentro dele. O cheiro de carne queimada depois que ele foi eletrocutado. A sensação de J me arrastando pelo corredor, torcendo meus pulsos. O medo intenso, capaz de parar meu coração, de quando percebi que ele estava na Eternity comigo.*

Não consigo focar em nada. Esboços de pensamentos cruzam minha mente, aparecendo e desaparecendo antes que eu consiga processá-los.

Quero voltar à enfermaria para me certificar de que J está mesmo morto. Quero empurrar seu corpo pela câmara de descompressão para que ele nunca mais possa me seguir. Quero arrancar meu cérebro do crânio, para nunca mais me lembrar do que aconteceu, para poder me livrar dessa sensação terrível e dolorosa.

Por fim, a única coisa que faz com que eu me mova é perceber que estou com frio. Meus dentes estão batendo. Molhada de suor, eu rastejo pelo corredor, buscando algo. Não sei ao certo o quê.

Uma porta à esquerda desliza quando me aproximo, e eu entro. É um banheiro. Retiro cada toalha do armário, envolvendo-as em meu corpo, camada após camada absorvendo o sangue seco e o suor salgado.

O que eu faço agora? O que vem a seguir?

Eles se foram. Ambos se foram.

Quero minha cama. Quero voltar para minha nave, para os cômodos que eu conheço — não esse troço alienígena e verde-claro do tamanho de um planeta.

Saio do banheiro e sigo para outro corredor, tomando distância da enfermaria.

*A respiração de J, quente contra meu pescoço, sibilando em minha orelha. As batidas do meu coração, soando fortes em meus ouvidos enquanto ele tentava destrancar o quartinho de suprimentos. O choque de terror quando ele apareceu no depósito, olhando para mim através da fenda entre os pacotes.*

Eu caminho, seguindo as linhas em vermelho e azul que iluminam o corredor.

O que eu faço? O que eu faço?

Encontro uma área de estar e me sento no sofá, ainda enrolada em uma camada grossa de toalhas encharcadas de sangue.

*Os e-mails de J. Os e-mails horríveis e maravilhosos de J. Eu estremeço, engolindo o gosto azedo que está no fundo da minha língua.*

*As chamadas de áudio. Ovi-lo respirar na minha orelha, esperando que eu falasse. Sua silhueta imóvel na porta da câmara quando as naves acoplaram. J parado, esperando que eu chegasse para encontrá-lo ali.*

Eu tropeço e, sem perceber, desmaio.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

63

Quando acordo, meus olhos não se abrem. Esfrego uma camada de remelas e lágrimas secas, e meus cílios ainda doem quando os separo à força.

*J. Minha mãe. A enfermaria. Fio. Bisturi.*

Eu me sinto tão suja. Há sangue por meu corpo inteiro, ressecado, grudento e descamando.

Fico de pé, deixando um casulo de toalhas no sofá, e caminho por dois corredores até o banheiro. Há um zumbido superficial em minha orelha, e sinto a boca seca demais. Não tenho certeza se conseguiria falar. Quando abro os lábios, flocos vermelhos caem no chão. Eu me pergunto vagamente se o sangue é meu.

Meu pulso esquerdo está latejando, e eu o aperto contra o peito enquanto reviro as gavetas em busca de uma tala. Eu o imobilizo e depois tomo um banho. Quando enxaguoo os últimos dias da minha pele, a água se torna marrom-clara.

Sempre que movimento o punho, as ações de J voltam à mente. Eu as afasto, focando em me limpar. Um passo de cada vez. Quando estiver limpa, posso decidir o que fazer em seguida. E aí posso pensar em todas as coisas que preciso fazer: voltar a entrar em contato com Molly, esperar pela chegada da *Infinity*, aprender como operar esta nave, me livrar dos corpos. Mas, por enquanto, tudo o que preciso fazer é me lavar. Escovar o cabelo. Encontrar roupas. Comer.

Um passo de cada vez.

Tudo devagar, sem dificuldade. Nada assustador. Nada para me deixar repleta de horror ou paralisada de indecisão.

Fecho os olhos, jogando a cabeça para trás e deixando a água tapar meus ouvidos até que o lento pulsar da rotação da nave desapareça em um silêncio pesado.

Simple e fácil.

## HORAS DESDE QUE A *ETERNITY* ME ALCANÇOU:

135

Três dias depois, finalmente sinto como se pudesse respirar de novo. Passei a maior parte dos últimos dias na cama, assistindo à TV. Não *Loch & Ness* — ainda não. Há muitas lembranças de J em tudo o que Jayden fala. Estou vendo filmes. Cada filme de Natal e comédia romântica que puder encontrar no HD da *Eternity*.

Não consigo parar de assistir. Toda vez que vou para a cozinha ou para o banheiro, ou quando tento dormir ou mesmo afastar os olhos da tela, o rosto de J surge em minha mente.

Sei que, em algum momento, vou ter que encarar as lembranças. Já passei por isso antes quando meu pai morreu. Molly costumava dizer que eu não podia só fingir que não havia acontecido. Que eu tinha que trabalhar meus sentimentos até aceitá-los.

Mas não estou pronta. Ainda não.

Meu único consolo é que não estou mais com medo da minha mãe. Pensar nela faz com que eu me sinta dolorosamente triste, a ponto de chorar. O que acho que é um tipo de progresso.

Finalmente a entendo, pela primeira vez em anos. Sei por que ela fez o que fez. Sei por que achou tão difícil passar qualquer tempo comigo depois que a tripulação morreu. Não a culpo. Até sinto saudades agora.

Ela estava tentando lidar com as más decisões que tomou da melhor forma que conseguia. Minha mãe nunca quis machucar nenhum de nós. Ela apenas estava fraca demais, perdida demais, culpada demais.

Tudo o que sou veio dos meus pais. Eu nunca teria sobrevivido a J — sobrevivido à vida solitária na *Infinity* — se não fossem as habilidades que eles me deram. Minha mãe me ensinou protocolos de emergência, primeiros socorros e manutenção da nave. Eu nunca saberia como soltar os fios da porta para escapar de J se não fosse o conselho dela, anos atrás. Ela salvou minha vida.

Fiz coisas horríveis. Coisas que nunca pensei de que seria capaz. Mas foram as coisas certas. Não tenho dúvidas. As coisas podiam ter sido bem piores. Fiz o que tinha que fazer. Não entrei em pânico. Não chorei. Simplesmente fiz.

Quando acabam as comédias românticas e minhas pernas começam a ter espasmos após tanto tempo na mesma posição, passo a explorar a nave. Inicialmente, verifico cada canto, com uma parte do meu cérebro convencida de que J está à espreita, pronto para dar o bote. Mas, conforme avanço, começo a relaxar.

Estou sozinha. Ele se foi, para sempre. Eu me defendi e não preciso nunca mais ficar com medo dele.

Quando abro a porta de um cômodo vizinho à enfermaria, levo um longo tempo para processar o que há lá dentro. Tanques. Dezenas deles, talvez centenas. Câmaras de estase se estendem até onde a vista alcança.

Assim que percebo o que aquilo significa — que a nova nave está cheia de gente dormindo e que são todos adultos, não apenas embriões —, irrompo em lágrimas.

Não imaginei que haveria tanques de estase nesta nave, não depois de os astronautas morrerem da última vez. Mas a NASA deve ter aperfeiçoado a tecnologia. Durante todo esse tempo, J era apenas o cuidador que ficou acordado para a jornada. Ele não era o passageiro principal.

Quando leio o nome ISAAC EVANS escrito em um dos tanques, minhas lágrimas se enchem de alívio. Ele não o matou como eu suspeitava. J deve tê-lo forçado a entrar em estase para poder me pegar sozinho.

Caminho por entre as fileiras, passando as mãos pelos tanques. A NASA deve ter mandado uma colônia inteira. Há centenas de pessoas aqui. Nunca mais vou ficar sozinha.

Esfrego as lágrimas e aperto o botão de REVIVER no tanque mais próximo.

# FELIZES PARA SEMPRE

*por GarotaSolitaria*

**Fandom:** *Loch & Ness* (2042)

**Relacionamento:** Gen

**Tags:** UA espacial

**Resumo:** Lyra finalmente está em paz.

*Nota da autora: Oi, Terra (Oi, Molly)! Já faz tanto tempo. Muita coisa aconteceu recentemente, mas não estou muito certa de como colocar em palavras.*

*As naves se encontraram e seguem juntas agora. A Eternity precisou desacelerar por um tempo e esperar a Infinity, mas já recuperamos a velocidade. Nossa estimativa de chegada na Terra II agora é novembro de 2071. Terei vinte anos.*

*Pela primeira vez, não estou mais com medo. Mal posso esperar. Não estou muito certa do que vai acontecer quando aterrissarmos na Terra II ou com quais problemas talvez tenhamos que lidar durante o resto da jornada. Mas, seja lá o que aconteça, acho que posso dar um jeito.*

*Molly, não posso dizer que me tornei a mulher confiante e corajosa que você esperava, mas acho que estou chegando lá. Acho que vou ficar bem. De verdade.*

*Com amor,*

*Romy*

Lyra limpou o suor da testa, olhando para o céu rosado. Alongou as costas, que doíam depois de uma manhã inteira plantando mudas.

As três luas brilhavam forte acima de sua cabeça, cruzando o céu em uma linha não muito reta. Só mais alguns minutos até estarem alinhadas, percebeu Lyra.

Ela pegou uma garrafinha d'água e bebeu sem parar, os olhos seguindo a *Infinite Eternity* enquanto a nave aterrissava em uma nuvem de poeira luminescente, trazendo uma nova carga de minerais do planeta vizinho para a colônia.

— Feliz aniversário! — disse uma garotinha, correndo pela rua.

Lyra sorriu, observando um cachorrinho animado saltar ao redor das pernas da menina. Quando voltou a olhar para o céu, as luas haviam formado uma faixa perfeita no horizonte.

— Cinco anos hoje — murmurou Lyra, mal conseguindo acreditar. — Não é que o tempo voa?

Fim.

## NOTA DA AUTORA

Esta é uma obra de ficção. Como tal, alguns aspectos mais complexos envolvendo viagens espaciais foram simplificados para ajudar na narrativa.

Para uma visão mais precisa e completa de como viagens interestelares podem vir a ser no futuro, recomendo o livro *Deep Space Craft: An Overview of Interplanetary Flight*, de Dave Doody.



© Pete Bedwell Photography

**LAUREN JAMES** é mestre em Química e Física, e autora de diversos romances, incluindo *Em nossa próxima vida*, lançado no Brasil pela HarperCollins. Ela se importa mais do que deveria com personagens fictícios, ciência e cachorros. Ela gosta de mulheres inteligentes, Dylan O'Brien e plantas. Sua substância química favorita é acetona e sua personalidade favorita da realeza é a rainha Elizabeth I. Você pode encontrá-la no Twitter, Tumblr, Instagram e Wattpad.

Saiba mais em: [laurenejames.co.uk](http://laurenejames.co.uk)